

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FAFICH – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**UMA ESCOLHA PROFISSIONAL EQUIVOCADA COMO GERADORA DE
CRISE NO JOVEM UNIVERSITÁRIO**

Maria Helena Duarte de Oliveira

Belo Horizonte

2006

MARIA HELENA DUARTE DE OLIVEIRA

**UMA ESCOLHA PROFISSIONAL EQUIVOCADA COMO GERADORA DE
CRISE NO JOVEM UNIVERSITÁRIO: Um Estudo Fenomenológico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. José Paulo Giovanetti

Belo Horizonte
2006

Folha de Aprovação

Aos meus pais, José Luiz e Maria do Carmo, aos meus irmãos, à minha filha Isabela e à memória do meu esposo Adenauer.

Ao professor Giovanetti, exemplo de Mestre, Sabedoria e Simplicidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que nos capacita e abençoa, o reconhecimento de Sua soberania. A Ele, toda honra e toda glória.

Ao meu marido, Adenauer, que hoje não mais se encontra entre nós, o meu eterno carinho e gratidão pelo apoio incondicional e por sempre acreditar em minha capacidade de alçar vôos mais altos. Também pelo respeito ao meu tempo e espaço e por participar das minhas conquistas e da escalada do meu crescimento. Fica a lembrança da felicidade expressa pelas palavras de incentivo a cada conquista em direção a este sonho.

A minha filha, Isabela, pela compreensão da ausência da minha companhia, enquanto me dediquei à concretização deste desafio.

À minha mãe, Maria do Carmo, e ao meu pai, José Luiz, pelo amor único e pela magnitude de seus exemplos.

Aos meus irmãos, Ana Luiza, Luiz Henrique, Beth, José Márcio e Cátia pelo apoio imensurável, pela companhia nos momentos em que mais precisei.

Aos meus cunhados, Wallace, Marlene e Andréia, pela ajuda e incentivo.

Ao professor, José Paulo Giovanetti que resgatou comigo as intenções verdadeiras desta pesquisa e que me fez perceber o quanto as construções podem ser simples, quando temos clareza dos nossos objetivos, pela atenção, objetividade, paciência e escuta acurada. Também pela sua competência, simplicidade e pelo exemplo de sabedoria.

À professora Íris Barbosa Goulart, pelo rigor necessário com que instiga a abertura de novos olhares e pelas contribuições pertinentes a este trabalho.

Ao professor Luiz Gonzaga Lopes Cordeiro, Diretor da Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas, pela credibilidade em mim depositada e pelo apoio.

Aos colegas de trabalho pelo respeito e preocupação constantes em contribuir com informações que enriqueceram a minha pesquisa. Agradeço, especialmente, ao Emerson Luiz de Castro, Cristiane Silva França, Mary Elizabeth Pereira Pinto, Ana Lúcia Fernandes Paulo, Alexandre Miserani e Sandra Brito.

Aos amigos que fiz e com os quais muito aprendi ao longo do Mestrado.

A todos que, de maneira ímpar, promoveram o meu crescimento como pessoa e como profissional, por serem únicos e insubstituíveis.

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.

Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;

Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar;

Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;

Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;

Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora;

Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar;

Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.

Que proveito tem o trabalhador naquilo em que trabalha?

Tenho visto o trabalho que Deus deu aos filhos dos homens, para com ele os exercitar.

Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs o mundo no coração do homem, sem que este possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim.

Já tenho entendido que não há coisa melhor para eles do que alegrar-se e fazer bem na sua vida;

E também que todo o homem coma e beba, e goze do bem de todo o seu trabalho; isto é um dom de Deus.

Eu sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe deve acrescentar, e nada se lhe deve tirar; e isto faz Deus para que haja temor diante dele.

O que é, já foi; e o que há de ser, também já foi; e Deus procura de novo o que já se passou.

RESUMO

OLIVEIRA, Maria Helena Duarte de. Uma escolha profissional equivocada como geradora de crise no jovem universitário: Um Estudo Fenomenológico. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Belo Horizonte, xxx p.

Num mundo de mudanças constantes no mercado de trabalho e uma grande diversidade de profissões, o jovem se depara com a necessidade de efetuar a sua escolha profissional, o que o leva, às vezes, a efetuar uma escolha equivocada e a vivência de uma crise. O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar a crise vivenciada pelos jovens universitários diante de uma escolha profissional não acertada. Os objetivos específicos foram identificar os sentimentos presentes no momento da crise vivenciada pelos jovens universitários; caracterizar o impasse que se estabelece nesse momento, quando se faz necessária uma nova escolha e oferecer subsídios para programas de orientação profissional em expansão nas instituições de ensino superior. Para que tal finalidade pudesse ser alcançada, primeiramente, e sustentando-se nas abordagens de autores da atualidade, apresentou-se o tema: o jovem universitário em crise, abordando o conceito de crise; em seguida, um recorte referente ao jovem universitário, sua inserção no mundo atual e o mercado de trabalho; e finalizando esta parte, a questão do processo da escolha profissional, o processo de escolha e a reescolha. Logo após, por meio de uma metodologia fenomenológica, enriqueceu-se o trabalho com as informações coletadas com a realização de três entrevistas semi-estruturadas com jovens universitários. Organizaram-se seus conteúdos em quatro grandes temas – a família; a escolha profissional equivocada; a trajetória acadêmica e a nova escolha profissional. Concluiu-se que, ao mesmo tempo em que a experiência de uma escolha profissional equivocada significa a vivência de momentos angustiantes, ela também significa a oportunidade de um repensar que impulsiona para o crescimento e o amadurecimento do jovem. E ainda, a busca pelo jovem de uma possibilidade de saída da crise por meio de uma profissão que proporcione realização e a compreensão de que, quando se pensa em efetuar uma escolha, ela deve ser consciente, pois trata-se de definir o futuro.

As conclusões da pesquisa instigaram a proposição de novos estudos e do projeto de Orientação e Desenvolvimento Profissional que possibilitará, ao jovem universitário, trabalhar a construção de sua carreira ao longo de sua trajetória acadêmica.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Maria Helena Duarte de. A mistaken professional choice as an attack generator in the young college student. Thesis of Master Degree: Programme of Post Graduation in Psychology of the College of Philosophy and Human Sciences of the UFMG– Federal University of Minas Gerais. Belo Horizonte, xxxpag

In a world of constant changes in the work market and a great diversity of professions, the youth comes across with the necessity to make its professional choice, what it takes it, sometime, to carry a mistaken choice out and the experience of a crisis. The general objective of this work is made up of analyze the attack lived deeply by young college students in front of a not right professional choice. The specific objectives had been to identify the feelings beared in mind at the moment of the crisis lived deeply for the young college students; to characterize the impasse that establishes at this moment, when it makes necessary a new choice and to offer subsidies for programmes of professional orientation in expansion in the institutions of graduate education. So that such purpose could be reached, firstly, and supporting itself in the broaching of authors of the present time, the subject was presented: the young college student in crisis, approaching the crisis concept; after that, a clipping referring the young college student, its insertion in the current world and the work market; and finishing this part, the question of the process of the professional choice, the process of choice and re-choice. Shortly, by means of a fenomenologic methodology, the information work collected with the accomplishment of three interviews half-structuralized with young college students was become rich. Its contents in four great subjects had been organized - the family; the professional mistaken choice; the academic trajectory and the new professional choice. It is concluded that, at the same time when the experience of a professional mistaken choice means the experience of overwhelming moments, it also it means the chance to rethink that it stimulates for the growth and the matureness of the youth. Still, the search for the youth of a possibility of get out of the crisis with a professional way that provides accomplishment and the understanding of that, when he thinks about effecting a choice, it has to be conscientious, therefore it will define the future.

The conclusions of the research had instigated the proposal of new studies and the project of Orientation and Professional Development that will make possible, to the young college student, to work the construction of its career throughout its academic trajectory.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Ent. 1 Entrevistado 1

Ent. 2 Entrevistado 2

Ent. 3 Entrevistado 3

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	O JOVEM UNIVERSITÁRIO EM CRISE	19
2.1	Crise	19
2.1.1	Entendendo o Conceito de Crise.	19
2.1.2	Quando a Escolha Não foi Acertada	20
2.2	O Jovem Universitário	22
2.2.1	O Jovem: Breve Conceituação	22
2.2.2	O Jovem Universitário no Mundo Atual.....	25
2.2.3	Situando o Mercado de Trabalho Atual.....	30
2.3	A Escolha Profissional	31
2.3.1	Afinal, o que é escolha?.....	31
2.3.2	O Processo da Escolha.....	34
2.3.3	Fatores que Influenciam a Escolha.....	36
2.3.3.1	<i>Influências Sociais</i>	37
2.3.3.2	<i>Influências Familiares</i>	37
2.3.3.3	<i>Fatores Psicológicos</i>	39
2.3.4	O Momento da Decisão: O Vestibular como a Consolidação da Escolha.....	41
2.3.5	A Difícil Tarefa da Reescolha.....	43
3	METODOLOGIA: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA	44
3.1	Considerações Iniciais	44
3.2	Amostragem	44
3.3	Coleta de Dados: O Uso de Entrevistas	45

3.4	Instrumento de Análise dos Dados	47
4	BUSCANDO A EXPRESSÃO DO VIVIDO	49
4.1	Sistematização das Entrevistas	49
4.2	Apresentação Descritiva da Estrutura das Vivências por Unidade Temática	49
4.3	Estrutura Geral das Vivências	50
5	ARTICULANDO O DIÁLOGO ENTRE A TEORIA E O VIVIDO	109
5.1	Fase A: O Processo de Escolha Profissional	110
5.2	Fase B: As Influências Familiares na Escolha	111
5.3	Fase C: A Vivência da Crise: Os Sentimentos Suscitados	112
5.4	Fase D: A Saída: A Reescolha	114
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
	REFERÊNCIAS	121
	ANEXOS	125
	Anexo A.....	125
	Anexo B.....	126

1 INTRODUÇÃO

Não são poucos os alunos que nos procuram angustiados sem saber ao certo o que fazer em relação ao curso de graduação que estão cursando. Estes jovens são alunos que não se queixam da infra-estrutura dos cursos, nem tampouco do corpo docente ou qualquer coisa parecida. Falam de um incômodo, às vezes inominado, que os cerca e os acompanha por dias e, até mesmo, por semestres. Não sabem o que querem, pois suas prováveis certezas se converteram em incertezas que os dominam e os jogam numa situação de crise. Crise por quê? Porque acreditavam ter feito a escolha acertada em relação à vida profissional e se engendraram numa caminhada, cujo percurso levaria alguns anos. Confiavam que o projeto de vida definido por eles incluía a opção por uma profissão, com a qual estavam identificados até então. É como se esses jovens tivessem seus planos desmoronados e houvesse a necessidade de começar tudo de novo, procurando acertar.

A cada semestre, notamos um aumento crescente desses jovens alunos que procuram o núcleo de apoio pedagógico, os professores com os quais estabelecem vínculo de confiança, ou até mesmo, o serviço médico oferecido pela escola, para falar que estão confusos, que se sentem deprimidos, sem vontade de prosseguir nos estudos naquele semestre, com poucas informações sobre o curso escolhido. Para minimizar um pouco esta situação, iniciamos um trabalho de recepção aos alunos iniciantes, que conta com momentos de reflexão feita por eles sobre a escolha do curso, além de palestras esclarecedoras sobre as mais diversas áreas de atuação da profissão escolhida.

Esse tipo de atividade ampliou a demanda dos alunos por orientação em relação à escolha profissional, o que nos levou a um número maior de atendimentos e encaminhamentos para a clínica de psicologia vinculada à Instituição, solicitando o atendimento pelo serviço de orientação vocacional. Porém há alunos que não chegam com essa demanda tão clara, ou seja, é preciso um trabalho de escuta por um certo tempo, para que eles se fortaleçam e decidam que é necessário fazer uma nova escolha.

Esta questão parece ser algo que tem preocupado diversas instituições de ensino superior. Essa escolha equivocada do curso e da profissão pelos jovens tem sido uma das causas de evasão apontada pela USP. Com um projeto “A universidade e as profissões”, esta Instituição dá oportunidade aos jovens de se familiarizarem com a universidade e as suas atividades, procurando oferecer subsídios que facilitem a escolha profissional, visando à redução do número de desistentes entre os cursos. A Pró-Reitora de Graduação da USP,

Sônia Penim, refere-se a esse projeto, validando a idéia de que um melhor conhecimento do curso e da profissão contribui para que o aluno não o abandone (NAEG.USP, 2004).

Em artigo publicado pelo Instituto de Psicologia da USP, intitulado “Diagnóstico Institucional: a evasão na universidade”, Silva e Kindi (2003) estudaram o alto índice de desistência em cursos da Faculdade de Economia e Administração da USP. Cerca de 50% dos casos foram estudados por meio do acompanhamento de grupos de orientação profissional do Centro Acadêmico com alunos em dúvida sobre a escolha profissional e alunos em vias de desistência. Identificou-se, como um dos fatores da evasão, a necessidade de informações mais adequadas sobre os cursos e foram propostas como sugestões para minimizar o problema: a organização de palestras com ex-alunos; plantão de orientação profissional e a sistematização de grupos de atendimento.

Diante desse quadro, torna-se premente uma reflexão mais ampla acerca desse jovem aluno que chega cada vez mais novo ao ensino superior, sobre o seu processo de escolha profissional, de que lugar ele fala, suas origens, seu mundo, seus valores e suas problemáticas, para a proposição de uma prática de orientação profissional que realmente se consolide como sendo eficaz na orientação desses jovens que por nós passam, acreditando que podemos fazer diferença na vida deles.

Para tanto, é importante a compreensão de alguns conceitos, dentre eles o de adolescente, ou de jovem, como é a abordagem adotada por Papalia (1981). Para ela, a juventude é considerada um estágio que se apresenta como transição entre a adolescência e a vida adulta e o momento em que ocorre a busca continuada de identidade em carreiras profissionais e valores. Adota-se aqui a mesma postura, quer dizer, ao referir-se aos adolescentes e, considerando a idade e as características deles, também são designados jovens.

Há de se mencionar uma visão sócio-histórica da adolescência. Segundo Ozella e Bock (2001), nessa visão, o homem é concebido como um ser constituído no seu movimento ao longo do tempo, pelas relações sociais. Assim, da mesma forma para a Psicologia Sócio-Histórica, a adolescência existe, mas como sendo “criada historicamente pelo homem, nas relações sociais, enquanto um fato, e passa a fazer parte da cultura enquanto significado” (OZELLA e BOCK, 2001, p.168). Isso significa dizer que a adolescência não é considerada como uma fase do desenvolvimento humano, mas uma invenção cultural.

Ozella e Bock (2001), apontam para vários fatores que possibilitam a compreensão da adolescência no ponto de vista da Psicologia Sócio-Histórica. Para ela, a sociedade

moderna, com seu aparato tecnológico, exigiu do jovem mais tempo para investir em sua formação, o que ocasionou uma demora maior para seu ingresso no mercado, sem contar que as exigências para o ingresso neste mercado também aumentaram. Com isso, os filhos passaram a ficar mais tempo sob a tutela dos pais antes de ingressarem no mercado de trabalho, e a este período, ao qual a autora chama de período de latência social, é que se denomina adolescência.

A escolha da futura profissão coincide com o período da adolescência. Trata-se do momento em que o jovem começa a se preocupar com o futuro, delineando-se, com mais clareza os conflitos relativos ao acesso ao mundo adulto, merecendo destaque a questão do trabalho. Esta preocupação é colocada pela sociedade, quando é introduzido no contexto familiar ou escolar, ou entre os amigos, o tema da escolha profissional. O jovem que faz a sua escolha se vê diante da dialética de seus desejos e das demandas sociais, pois,

a pessoa que decide, suporta e transporta ambas as classes de determinações, fazendo com que o ‘individual’ e o ‘social’ se expressem sempre simultaneamente, tanto nas dúvidas ou obstáculos das tomadas de decisão, como nas soluções a que finalmente se alcance” (BOHOSLAVSKY, 2003, p.XIX).

Soares (2002), tratando dessa temática, complementa com a idéia de que a atividade profissional ocupa grande parte do tempo na vida das pessoas. É essencial, portanto, que a escolha de uma profissão seja consciente e que procure conciliar os interesses e as necessidades pessoais, para que o seu exercício ocorra de forma eficiente e prazerosa para quem a executa. Esta autora ainda ressalta que, mesmo sendo a escolha de uma profissão da responsabilidade de cada um, as conseqüências dessa escolha têm várias implicações sociais.

Para escolher é preciso conhecer a si mesmo, o seu mundo íntimo, seus valores, as características de personalidade, as limitações, os interesses, as possibilidades. O mundo no qual cada ser humano vive também deve ser conhecido, seja ele entendido como o contexto mais restrito, familiar, seja como o contexto social mais amplo, no qual se é sujeito atuante. Levenfus (2004), ao se referir a esta atuação no mundo, considera este sujeito como protagonista numa novela familiar da qual deverá emergir como autor da sua própria novela. Entretanto, Levenfus pontua que o sujeito não agirá somente como autor único, mas como co-autor, considerando-se que ser é ser com outros.

Assim, é importante aprofundar um pouco mais nas questões colocadas anteriormente, além de buscar conhecer um pouco mais a crise vivenciada pelos jovens em

relação à profissão escolhida. Neste sentido, deve-se procurar compreender o jovem dentro da perspectiva do mundo atual, fazendo também um recorte do mercado de trabalho no qual as carreiras e profissões vão requerer habilidades e potencialidades que não são fixas, mas que se modificam com o tempo. Conhecer essa situação é importante para se tomar uma decisão. Ao longo deste trabalho, serão apresentados temas e conceitos pertinentes e transversais para melhor compreensão da problemática exposta.

O cenário descrito anteriormente faz parte da nossa prática profissional de educadora e psicóloga inserida no ensino superior, e nos tem levado a pensar sobre a necessidade de um trabalho de orientação e desenvolvimento profissional que perpassasse por toda a trajetória acadêmica dos alunos, levando-os a construir um projeto de vida profissional ao longo dos semestres letivos. Pela nossa experiência, tal temática, há bem pouco tempo, não se configurava como algo a ser tratado no ensino superior, era mais restrito ao ensino médio, momento em que o jovem fazia a sua escolha profissional. Quando questões referentes à evasão e suas prováveis causas apareciam, não tratávamos a escolha equivocada do curso e o incômodo gerado no jovem, em decorrência disso, com a devida seriedade.

Refletir a problemática da evasão advinda do aluno que abriu mão do seu curso por estar vivenciando uma crise que o coloca numa situação em que ele se sente perdido, como se o chão se abrisse e lhe faltasse apoio, hoje é um dos desafios que está à nossa frente e para o qual não podemos fechar os olhos.

Assim, torna-se alvo de interesse e objetivo deste trabalho, a compreensão e análise do momento da vivência da escolha profissional equivocada pelos jovens, a qual é a razão da crise, na tentativa de identificar e caracterizar os sentimentos presentes nessa experiência, o que serviria de norte para se traçar uma nova prática profissional, se for o caso. Também se pretende caracterizar o impasse que se estabelece nesse momento, quando se faz necessária uma nova escolha pelos jovens universitários, e ainda, a partir deste estudo, oferecer subsídios para programas de orientação profissional em expansão nas instituições de ensino superior.

Para atingir este objetivo, far-se-á uma fundamentação teórica sobre a questão da crise, assim como a da escolha, onde se buscou abordá-la a partir de uma visão fenomenológica. Acrescenta-se, ainda, a necessidade de apontar o estudo de algumas influências que interferem no processo de escolha, o momento da decisão e das perspectivas que se abrem a partir da situação de crise, quando se percebe que a escolha realizada não foi a melhor, mas nunca é tarde para se voltar atrás e começar tudo de novo.

Este trabalho está constituído das seguintes partes: no primeiro capítulo é apresentada a introdução; no 2º, a parte teórica sobre o Jovem Universitário em Crise, abordando-se o conceito de crise e a escolha equivocada da profissão como geradora da crise; é tratado o conceito de jovem, sua inserção no mundo atual, bem como as características deste mundo, além de uma breve abordagem acerca do mercado de trabalho. Em seguida, tratamos especificamente da escolha profissional e de questões inerentes a ela, tais como o conceito de escolha, seu processo e os fatores que influenciam essa escolha. Também é apresentado o vestibular como um momento em que se consolida a escolha, assim como a dificuldade de se realizar uma outra, quando se percebe que a opção feita foi equivocada. No 3º capítulo, é apresentada a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, o instrumento utilizado para a coleta dos dados e a amostragem. No 4º capítulo, encontra-se registrada a sistematização das entrevistas feitas com sujeitos que vivenciam ou vivenciaram uma crise em relação à escolha profissional. É apresentada, ainda, a análise descritiva da estrutura das vivências por unidade temática obtida a partir dos dados coletados das entrevistas. O 5º capítulo trata da articulação entre a teoria e os dados coletados, apresentando um esquema da estrutura processual da escolha profissional equivocada. Em seguida, apresentamos as considerações finais com a proposição de um projeto que contemple a orientação e o desenvolvimento profissional para os jovens ingressos no ensino superior.

2 O JOVEM UNIVERSITÁRIO EM CRISE

2.1 Crise

2.1.1 Entendendo o Conceito de Crise

A palavra crise não nos causa estranheza quanto ao seu significado, pois, se não vivenciamos uma crise, conhecemos alguém que está vivenciando ou já vivenciou, ou ouvimos nos noticiários, lemos na mídia impressa. De certa forma, podemos considerar que “crise” é um fenômeno que surge durante o percurso da vida do ser humano, referindo-se a processos de instabilidade, pois não vivemos num mesmo contínuo o tempo todo.

Crescer, desenvolver implica em desgastes, em investimento de energia física, psíquica que coloca à frente do homem momentos de instabilidade. Neste sentido, Bollnow (1971) considera estes momentos da vida como relacionados à ocorrência de “crises”. Este autor pontua crises que sobrevêm em fases de transições, seja em termos de desenvolvimento biológico, seja em termos de passagens entre as fases da vida, apontando para vários exemplos de crises que circundam o ser humano inserido no social, na relação com o outro e consigo mesmo.

Bollnow (1971, p. 43) questionando o que seria uma crise, pontua “[...] na crise, sempre se trata de um distúrbio no processo normal da vida; [...] na crise, a continuidade da vida aparece totalmente ameaçada e pelo trânsito através da crise se estabelece por fim um novo estado de equilíbrio”.

Buscando no grego a definição da palavra crise, Franco (2001) define-a como sendo um rompimento e uma mudança de rumo, ou seja, *krísis*= rompimento. Franco aponta para um aspecto interessante da crise considerando-a como sendo um início de uma nova etapa e não o final. Entretanto, esta nova etapa pode ser um pouco dolorosa, implicando numa continuidade da vida no sentido de melhorá-la, desenvolvê-la, e isto é algo que advém da mitologia greco-romana, cujo intuito da crise era o de colocar os homens à prova para que pudessem atingir um novo patamar.

Retomando as idéias de Bollnow (1971) em relação ao conceito de crise, ele afirma que a crise significa uma purificação do homem aproximando-se da idéia apresentada

anteriormente por Franco (2001), referindo-se ao caráter de provação do homem que vivencia uma crise. Bollnow (1971, p.44) complementa ainda, dizendo que a crise também significa uma decisão em que “o homem deve escolher entre duas possibilidades [...] uma decisão que se tornou necessária, numa situação premente”.

Assim, verifica-se um caráter atormentador e angustiante no momento de crise, de acordo com Bollnow (1971), é como se uma velha ordem fosse aniquilada. Seguindo esta mesma idéia, Franco (2001) diz que a crise carrega o duplo significado de destruição e construção, pois ao mesmo tempo em que se destrói a velha ordem, algo novo pode começar, “a vida recomeça, depois da crise” (BOLLNOW, 1971, p. 48), e isto constitui a essência da crise.

Kant, citado por Bollnow (1971), é enfático ao dizer que para se alcançar vida nova, o homem deverá passar pela crise, um acontecimento doloroso, pois trata-se de momentos de aflição em que não se tem certeza e nem segurança de nada, e em que se é colocado numa posição de perplexidade.

2.1.2 Quando a escolha não foi acertada

Bohoslavsky (2003, p. 36) tratando também da questão da crise, refere-se a ela como ruptura de uma forma estabelecida de relação, quer dizer, “crise diz respeito a algo que morre e algo que nasce, isto é, crise relaciona-se com a idéia de desestruturação da personalidade”. Bohoslavsky considera a carreira universitária como fazendo parte de uma etapa de exploração, em que são perfeitamente esperadas reedições de crises vocacionais, ocorridas durante o processo da escolha profissional. O termo exploração é aqui usado pelo autor sugerindo a idéia de alguém que penetra num lugar desconhecido, o que é bem o que ocorre com o jovem vivenciando esta nova etapa em sua vida, a da profissão escolhida.

Essa problemática não é recente, pois Cardoso (1969) cita uma pesquisa feita entre os anos de 1955 a 1957, com 351 jovens de ambos os sexos, que cursavam Direito e Medicina, onde se constatou que 12 deles estavam vivenciando a experiência da escolha equivocada, e se sentiam infelizes, sabendo que o que estavam fazendo não era o que desejavam.

Infelizmente a realidade no nosso país hoje não é diferente. Muitos jovens ingressam na universidade sem sequer conhecer o currículo do curso escolhido, as

habilidades requeridas para o exercício da profissão e, após alguns semestres, abandonam seus cursos ou mesmo trocam, na tentativa de encontrar o que realmente gostariam de seguir. Esses jovens não se identificam com as disciplinas cursadas, reclamam da falta de conteúdos mais práticos e de oportunidades de trabalho para a área escolhida. Lucchiari (1998) aponta para uma média de 25% a 30% de jovens universitários fazendo um novo vestibular e vivenciando um sentimento de frustração, procurando a saída para os seus problemas cuja origem, na verdade, a autora acredita poder estar na escolha da profissão.

Ribeiro (2003) critica nossa sociedade, dizendo que nela tudo se ensinou no sentido de que não deve haver renúncia, não deve haver “coisas chatas”, mas só deve haver a satisfação e que, ao mesmo tempo, esta sociedade requer do jovem uma escolha profissional que desqualifica o desejo e privilegia o realismo. O jovem, então, realiza uma escolha profissional equivocada, desencadeando uma crise que vai requerer um resgate do processo de escolha, neste caso. Acrescenta-se ainda, o fato de que os jovens vêm na escolha profissional uma forma de conquista da sua independência, principalmente a econômica, assumindo esta escolha um papel importante, daí não poderem errar e nem perder tempo (SOARES, 2002).

Todos nós já vivenciamos uma experiência em que fizemos uma escolha equivocada da qual arrependemos (FORGHIERI, 1997). Esta autora, citando o filósofo Tillich¹, fala que viver é muito arriscado, pois a cada dia temos que fazer escolhas, planejar, agir e, com isso, vai se conhecendo o mundo, a si mesmo, pondo sempre à prova os projetos que poderão ser realizados ou considerados que não passavam de ilusões. Estes sentimentos que causam aflição ou algo semelhante, situações que requerem assumir decisões importantes levam a um viver de maneira preocupada, como diz Forghieri, e a preocupação por algo é inerente ao nosso existir no mundo. Quando, portanto, estamos aflitos, somos forçados a refletir sobre esta aflição, na tentativa de encontrar os motivos que nos levam a sofrer, e ainda, buscar a forma de que dispomos para superar esta situação, pois:

[...] apesar de vivenciar momentos de restrição, conflitos e intensas contrariedades, o ser humano saudável, embora nessas ocasiões possa ficar inicialmente confuso, aflito, ou alheio à situação, acaba conseguindo recuperar o envolvimento e sintonia com o seu sofrimento, atribuindo-lhe significado em sua existência. Desse modo consegue, também, recuperar a abertura às suas possibilidades e passa a ter condições de decidir entre elas, em qual pretende empenhar-se e quais as ações com as quais quer comprometer-se para resolver, superar ou aceitar uma determinada situação. (FORGHIERI, 1997, p. 54).

¹ TILLICH, P. *A Coragem do Ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

Nessas situações, o jovem pode e deve mudar, porém, às vezes, percebe a mudança significando prejuízos, tempo perdido, o que intensifica a crise (LEVENFUS, 2004). Mudança, neste caso, segundo Soares (2002), é a modificação de uma situação que permite neutralizar ou equilibrar os conflitos de forma a evitar a ruptura que se apresenta como uma crise por sua falta de controle e previsão. A mudança ocorre a partir de uma organização anterior, é progressiva, e já a ruptura pode suscitar emoções e sentimentos, como de “uma fratura que nos separa de uma parte de nós mesmos”, diz Barbara² (apud SOARES, 2002, p.154), trazendo consigo uma incerteza em relação ao futuro, um sentimento de vazio provocado pelo presente. Barbara ainda complementa dizendo que a ruptura põe fim às ilusões, levando a uma crise de consciência para, em seguida, passar a uma tomada de consciência.

Quando isso acontece, é a oportunidade para se fazer dessa experiência o início de um processo de desenvolvimento, e não o fim do mundo, lembra Franco (2001). Lucchiari (1998) ressalta que sempre é tempo de se fazer uma nova opção. Não se deve pensar que a escolha feita é definitiva. Sempre é tempo para mudar, mesmo que isso represente novos desafios. Uma escolha profissional única e definitiva não existe, o que existe é uma escolha possível dentro de um leque de alternativas e contingências, acredita Soares (2002).

2.2 O Jovem Universitário

2.2.1 O Jovem: Breve Conceituação

Quando aqui falamos de jovens, estamos nos referindo ao adolescente, segundo a compreensão de Papalia (1981), referida anteriormente. Vários autores, ao definirem a adolescência, recorrem ao significado desta palavra no latim que quer dizer “crescer para a maturidade” (PAPALIA, 1981, p.446). A mesma autora observa que a adolescência “na sociedade ocidental, cobre o tempo a partir dos doze ou treze anos até os vinte e poucos” (PAPALIA, 1981, p.446), pontuando, ainda, a dificuldade de se marcar, com exatidão, o final desta fase.

² BARBARA, Simone. *Romper para viver*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.169pp.

Na adolescência são evidentes e de caráter universal as mudanças no corpo, enquanto que as mudanças psicológicas e de relações têm uma variação cultural (ZAGURY, 1996). Quanto à questão corporal, biológica, é visível o acentuado desenvolvimento físico com transformações internas e externas. O amadurecimento sexual é outra importante mudança desencadeada pela produção de hormônios. Paralelas a essas mudanças, ocorrem as que se referem ao aspecto social. Zagury (1996) coloca que na Adolescência amplia-se a importância do grupo de amigos, sendo este responsável por influenciar o adolescente na sua forma de vestir, falar, comportar-se, etc., a fim de que seja aceito pelo seu grupo. Cardoso (1969, p.26), fazendo uma abordagem geral dos problemas da adolescência, complementa essa questão enfocando que:

O adolescente é especialmente sensível ao grupo, quer no sentido de dependência, de adesão, quer no de oposição, o que se dá, via de regra, em face de grupos que detêm a autoridade, que impõem a norma a seguir; neste caso estão família e escola.

Quanto ao aspecto intelectual, o adolescente encontra-se no período do pensamento formal, de acordo com a teoria Piagetiana. Neste período, o adolescente, ao se defrontar com um problema, tenta imaginar todas as relações possíveis para verificar quais são realmente verdadeiras (FLAVELL, 1975). Ainda, segundo este autor, o pensamento do adolescente apresenta como característica essencial, a orientação para o possível e o hipotético. Isto significa dizer, que o adolescente vive no presente, mas também vive muito numa dimensão do ausente, no futuro. Para Flavell (1975, p. 227), o mundo conceitual do adolescente “está povoado de teorias informais sobre si mesmo e sobre a vida, cheio de planos para o seu futuro e o da sociedade, em resumo, cheio de idéias que transcendem a situação imediata, as relações interpessoais atuais, etc”. Dentro desta concepção, na adolescência se começa a assumir papéis adultos, passando a ser objeto de reflexão importante, as possibilidades futuras como as escolhas, quer seja a profissional, do cônjuge.

Desenvolve-se também, na adolescência, a capacidade analítica e autocrítica. Começa-se a questionar os princípios da sociedade, da religião, da política e da família e também se adota uma postura de introspecção, em que o adolescente não cessa de examinar-se (CARDOSO, 1969). Esta nova postura de questionamento, segundo Zagury (1996), costuma chocar os pais que antes estavam acostumados a serem ouvidos e terem

sua opinião acatada. Na verdade, o que acontece é que uma nova identidade começa a aparecer e muito diferente da infantil e se torna difícil para os pais lidar com isso.

Nessa fase ocorre o “conflito de gerações”, pois o adolescente parte para o confronto de idéias com a família, tendo em vista seu processo discriminatório, como diz Levenfus (2004), a fim de se constituir uma pessoa com uma forma de pensar própria.

Como se pode perceber, a adolescência é, por si, um período em que ocorre o desenvolvimento da personalidade, incluindo uma reorganização da identidade, pois é quando se processa a passagem do mundo infantil ao adulto. É um período de transformações, acompanhado de dúvidas e ansiedade (LEVENFUS, 2004), momentos de angústia, dificuldade de relacionamento, confusão. Há a vivência de uma fragilidade emocional e, ao mesmo tempo, o adolescente sente vontade de consertar o mundo, corrigir as injustiças. É uma idade em que se experimenta grandes e contínuas mudanças que nos fazem pensar num indivíduo submetido a uma crise contínua (BOHOSLAVSKY, 2003).

É nesse momento que deve ser feita a escolha de uma profissão e que, segundo Levenfus (2004, p.79), é quando “o jovem cria projetos, na expectativa de realizá-los num futuro próximo ou distante, os quais devem ser sustentados por uma realidade nem sempre acolhedora”.

Mas o que o adolescente considera como sendo o futuro? Seria interessante verificar primeiro o que é para o adolescente o passado. O passado engloba seus aspectos infantis, os colegas, o colégio, os familiares, ou como diz Bohoslavsky (2003), seu “mundo conhecido”. Já o futuro é o que se refere ao mundo adulto, ou seja, a universidade que pretende frequentar, a independência familiar, as conquistas advindas do esforço pessoal. Definir esse futuro, para o adolescente, significa definir muito mais o que irá fazer. Significa definir quem irá ser e dialeticamente, quem não irá ser (BOHOSLAVSKY, 2003).

Entretanto, Soares (2002) afirma que o nosso jovem está inserido num contexto que não exige dele, com frequência, a postura de resolver coisas importantes em sua vida e isso contribui para um despreparo, ante a necessidade de escolher efetivamente o que ele irá ser, o que perpassa pela decisão sobre o fazer profissional.

Enfocando especificamente a realidade do jovem na sociedade brasileira, Levisky (1995) diria que nela se considera que, aos 16 anos, o adolescente é suficientemente adulto para votar, aos 18, deve responder legalmente por seus atos e, contraditoriamente, antes dos 21 anos será economicamente independente. Então, esse jovem que pela idade cronológica seria um adulto, tem sua adolescência prolongada. Sobre isso, Zagury (1996)

acrescenta que muitos pais em nome de uma visão moderna e adotando uma postura excessivamente psicologizada, acabam por infantilizar seus filhos jovens, acreditando que os estão apoiando, enquanto que o que acontece de fato é “o alongamento excessivo da adolescência que, muitas vezes, perdura até os 24, 25 anos” (ZAGURY, 1996, p.31).

Em síntese, a adolescência com todas as características até aqui abordadas é, no final, uma fase cuja tarefa principal é o estabelecimento da identidade adulta e a busca da identidade neste momento da vida. Está diretamente relacionada a todas as escolhas que se fazem na vida e, entre elas, a escolha profissional que é influenciada por fatores sócio-econômicos, relação familiar, escolaridade, personalidade.

2.2.2 O jovem Universitário no Mundo Atual

Para a melhor compreensão do mundo atual, no qual os jovens estão inseridos, é importante uma breve retomada do percurso histórico, partindo dos últimos séculos. O projeto sócio-cultural da modernidade, segundo Mancebo (2002), teve seu início no séc. XVI, consolidando-se no séc. XVIII e sofrendo modificações até os nossos dias.

A partir do séc. XVI assistiu-se ao movimento renascentista que desencadeou uma série de mudanças no ponto de vista político, religioso, cultural. É uma época de intensas produções artísticas, de desenvolvimento das ciências e de uma nova concepção do homem. O capitalismo se consolida como modo de produção e os ideais de liberdade e igualdade começam a ser difundidos. Assistiu-se também a reforma protestante que colocou o indivíduo no mundo, aboliu rituais, repudiou, de certa forma, as emoções, intensificou o racional e contribuiu para a construção de uma solidão interna do indivíduo, ou seja, a experiência individualizada (WEBER, 1996).

Com a ciência moderna e a idéia do racionalismo, Mancebo (2002) afirma que se estabeleceu uma nova relação entre sujeito e objeto de conhecimento. Temos, então, um sujeito capaz de dominar a própria vontade, a partir de uma visão cartesiana.

Politicamente, têm-se as formações dos Estados Nacionais e do absolutismo, uma forma de governo que exercia dominação sobre os camponeses e a burguesia. Mancebo (2002, p.102) observa que, nessa época, é construído, ainda, um certo equilíbrio de uma tensão que foi central em toda a modernidade, quer seja “Um equilíbrio entre os

imperativos de uma consciência individual [...] e as exigências ‘coletivas’ das razões do Estado (então delineadas como uma cega obediência à autoridade absolutista).”

Com o advento do liberalismo dos séculos XVII e XVIII, propagam-se ideais de liberdade de ação e participação, de igualdade, de consciência individual e da idéia de que o homem era a célula básica da sociedade (GENTIL, 1996), e fica clara a separação entre a esfera da vida privada e a pública.

No século XIX, há uma grande ênfase no indivíduo, que valoriza o seu autocrescimento, sua interioridade e os limites entre o público e o privado ficam esfumados (SENNETT, 1988). Surge ao mesmo tempo, a idéia da tecnocracia, da disciplina, do controle no âmbito da administração, que alcança as mais diversas instituições (MANCEBO, 2002).

O século XX inicia-se com o capitalismo em pleno desenvolvimento, que alcança o seu auge no período pós-guerra. O capital, segundo Mancebo (2002), apresentava, na época, razões para expandir os direitos sociais e econômicos. Aumentaram as lutas populares que reivindicavam mais direitos à cidadania. Se, por um lado, muitos direitos foram conquistados, por outro, ocorre o aumento da vigilância dos indivíduos pelas instituições que os sujeitavam à produção, ao consumo. As redes sociais e a solidariedade foram destruídas. É o estilo fordista adotado e que perdurou até os anos sessenta.

Chega, então, o neoliberalismo com o princípio do mercado, em que as relações são competitivas e otimizadoras. Assim, tornou-se necessária uma nova mentalidade, um novo homem, e, sobre isto, Mancebo (2002, p.107) afirma:

A lógica do mercado apresenta-se, então, como a função estruturadora das relações sociais e políticas, comportando um viés de interpretação dos homens marcadamente utilitarista, segundo a qual a motivação dos comportamentos humanos pauta-se por um utilitarismo individual.

Dentro dessa concepção, haveria uma tendência natural de o homem buscar a sua própria felicidade e, portanto, buscar, cada vez mais, o seu bem-estar, a sua liberdade, o sucesso a qualquer preço. Valoriza-se a interioridade do indivíduo, investe-se no próprio self (SENNETT, 1988).

Soma-se a tudo isso o fenômeno da globalização que, para diversos autores, possibilitou um caráter de mudança no mundo atual, propiciando um contato entre as mais diferentes culturas do globo e a transformação social, e os jovens de hoje cresceram

vivenciando essas mudanças. Azevedo (1993) reforça a idéia da existência neste mundo, ao qual chama pós-moderno, de uma multiplicidade de sentidos, desencadeada pela tecnologia, pela mídia e que fragmenta a realidade. Giddens (1997) aponta também para o papel da mídia aproximando e influenciando acontecimentos distantes dos eventos próximos e sobre as intimidades do self. Para ele, vivemos um momento em que há ausência de sentido pessoal, estando presente o narcisismo, o isolamento da experiência, sendo “raros e transitórios os contactos directos [*sic*] com acontecimentos e situações que ligam o tempo de vida individual aos problemas gerais da moralidade e finitude” (GIDDENS, 1997, p. 78).

Imbernón (2000) fala que, diante de toda essa diversidade, não faltam respostas, falta a certeza, a legitimidade de um fundamento em que acreditar; e isto gera uma angústia decorrente também de um excesso de informações contrapostas. Destituídos os valores tradicionais, nos deparamos com a falta de socialização normativa, de motivação e de projeto pessoal por parte das gerações mais jovens.

Renaut (1998, p.22), ao abordar o desmoronamento dos valores, aponta para adoção do “indivíduo como valor supremo do mundo moderno”, designando este indivíduo como “independente, autônomo e, por conseqüência, essencialmente não-social”. Estamos, portanto, diante de uma sociedade pluralista que possibilita estilos de vida e não padrão de vida.

As grandes transformações sociais dos últimos anos, de certa forma, propiciaram também o culto da rapidez, como bem coloca Costa (1997). Isto gerou uma falta de tempo para o indivíduo pensar que, conseqüentemente, não processa informações e consome tudo que surge como novidade e que, imediatamente, se transforma em coisa do passado, sendo logo esquecida.

Não havendo respaldo nas tradições, o passado é esquecido, assim como a cultura. O que importa é viver o momento presente sem investimentos no futuro, pois há uma falta de perspectivas. Sobre isso, é interessante ressaltar o que diz Renaut (1998 p. 36):

[...] por um lado, a idéia de herança, que aparece intrinsecamente ligada à cultura, e, com ela, a perspectiva de fidelidade a um passado do qual se recolhem (e “cultivam”) os valores, parecem estar singularmente enfraquecidas em benefício da celebração do presente e do novo.

Se a pós-modernidade tem como característica a ausência de projetos, conforme foi apontado anteriormente, interessam, então, as satisfações imediatas. Finkielkrant³ (apud RENAUT, 1998) descreve o indivíduo como sendo uma sucessão de prazeres sem passado nem futuro.

Renaut (1998) ainda diz que as sociedades modernas asseguram ao indivíduo uma emancipação que lhes permite estabelecer as próprias regras e normas. E as regras encontram-se debilitadas, pois as leis enfraqueceram. Leis que são necessárias para que haja um mundo humano, mas que se relativizaram deixando de ser absolutas.

Sobre isso, Ribeiro (2003) pontua que, em consequência do enfraquecimento das leis, pessoas aceitam, cada vez menos, a necessidade de que as proibições existam, resultando em pouca disposição para acatar o interdito. Passou-se a uma dificuldade em aceitar o não, porque certamente redundaria em alguma frustração.

Há uma “inversão de ideais” e Costa (1997) faz pontuações interessantes quando utiliza esta expressão. Ele a define como sendo um ponto de virada na cultura ocidental, em que enquanto o correto é que o filho idealize o pai, é este quem vai idealizar o filho. Isto redundaria na ausência do conflito de gerações, pois apaga as diferenças, quando os vínculos entre pais e filhos passam a ser fraternos. Estabelece-se, assim, para Costa, uma luta narcisista, além da desvalorização da figura do pai que para ele, implica no “apagamento do passado, da ordem e da lei, em suma, do pólo estruturante do desenvolvimento, que estabelece com o pólo materno das emoções o arcabouço da personalidade” (COSTA, 1997, p.108).

Enfim, neste mundo contemporâneo, pós-moderno, em que podemos observar um declínio dos ideais, a primazia do mundo virtual e o afrouxamento dos vínculos sociais e afetivos, é onde nasceram e vivem os nossos jovens.

Hoje, segundo Gomes (1999), convive-se e aprende-se mais com um contato indireto (estabelecido pela eletrônica e não face a face) que com as pessoas da mesma ou de outras faixas etárias. Para este autor, o adolescente e o jovem que nos chegam às salas de aula já são outros, e torna-se imprescindível aprender a trabalhar com eles. Em uma pesquisa realizada com adolescentes do ensino médio, Cuéllar (1997) concluiu que somente 10% deles achavam que deveriam respeitar os seus pais, ao passo que 43% acreditavam que ninguém merecia o seu respeito e consideração.

³ FLINKIELKRAUT. A. *La Défaite de la pensée* (A derrocada do pensamento). Paris: Gallimard, 1987.

Na crise contemporânea de autoridade, onde particularmente nas famílias, é grande a incerteza dos pais quanto ao certo e errado, liberdade e repressão, conclui Gomes (1999) que se recai no vazio da incerteza, da falta de limites, em que a suposta liberdade se torna licença. Para este autor, parte dos jovens que ingressam na universidade vão num processo sofrido do amadurecimento perceber que democracia não é ausência de normas, mas acatamento de normas consensuadas.

Imbernón (2000) pontua a necessidade de um projeto humanista para a sociedade, pois as desigualdades resultantes da competitividade e do economicismo constituem uma ameaça, menos visível, mas já bem detectável para a natureza interior. Ele considera que é no sistema educativo o lugar em que se manifesta, de modo mais direto, a crise do modelo dessa natureza interior, do sistema de valores e crenças que sustentam as pessoas em sua vida social e pessoal.

Não são raras as queixas de educadores que se deparam com questões que perpassam por dificuldades de “lidar” com o jovem ingresso no ensino superior. São jovens que, muitas vezes, são individualistas, não respeitam a autoridade instituída e, de um modo geral, demonstram imaturidade. Mas isto a que assistimos, o que é exteriorizado por estes jovens, acreditamos ser a ponta de um *iceberg*, pois os comportamentos refletem atitudes e essas, por sua vez, valores. Vários projetos são discutidos e alguns implementados para despertar, nos acadêmicos ingressos, o que chamamos de “consciência universitária”, mas pouco se consegue. Será que adianta tentar impregná-los de novos valores, mostrar-lhes o que seria o ideal, pelo menos em termos de comportamento, para um melhor aproveitamento de sua trajetória universitária, se não conhecemos esses jovens?

Como educadores, devemos entender que há uma história de vida por detrás de cada jovem e torna-se imprescindível saber de que lugar ele fala, qual é a sua identidade. Entenda-se aqui o termo identidade como essencialmente moderno e, que, de acordo com Giddens (1997), refere-se à articulação que o sujeito faz de diversas forças presentes na sociedade atual, caracterizada pela pluralidade de escolha e pelo individualismo exacerbado. Pode-se, então, dizer que a identidade surge da negociação com o contexto, sendo necessário o entendimento da lógica deste contexto, ou seja, a compreensão da concepção de mundo atual no qual estamos inseridos.

Assim a compreensão acerca do “mundo” do jovem universitário é essencial para que a sua formação acadêmica não seja desengajada do meio social e para que os aspectos da técnica-ética-cidadania caminhem juntos no processo formativo, afirma Wachowicz (1998).

É neste mundo que os jovens definem suas práticas e concepções, que se socializam e se educam e que, diante da multiplicidade, devem fazer suas escolhas.

2.2.3 Situando o Mercado de Trabalho Atual

Delineadas as características do mundo atual com suas transformações sociais e econômicas, vimos que esta nova época traz incertezas sobre o futuro da cidadania e, principalmente, no que se refere à questão do trabalho.

A exigência atual do mercado de trabalho é por técnicos, especialistas que dominem conhecimentos de forma profunda, em áreas antes não existentes. Assim, há a demanda de trabalhadores em algumas novas profissões e a redução em outras, gerando desemprego para a mão de obra não qualificada (VASCONCELOS, 2002).

Estas mudanças no mundo do trabalho resultam em profundas modificações na vida das pessoas. Passaram a ser exigidas, para o exercício profissional, novas habilidades para a realização satisfatória do trabalho. Se antes, para alcançar a realização e o sucesso no trabalho, bastava a disciplina imposta pelo mundo mercadológico, hoje não há como prever, com certeza, nada. Ribeiro (2003, p.49), ressaltando essa mudança, afirma:

[...] o imaginário se cansou do esforço quase físico, repetitivo, mediante o qual a moralidade vinha junto com uma disciplina das emoções inscritas quase que diretamente no corpo. Agora, o sucesso nada tem a ver com a disciplina... A disciplina se torna meio de realizar desejos que, estes, em seu cerne, são indisciplinados [...]

Torna-se necessária uma disposição para enfrentar esse mundo em permanente mudança que apresenta constantemente desafios diversificados e que, segundo Franco (2001), valoriza, cada vez mais, a capacidade e o talento da pessoa.

No que tange especificamente aos jovens, uma questão a ser levantada é o tempo que eles, atualmente, levam para ingressar no mercado de trabalho, se comparado com os jovens de anos atrás. Sobre isto, Zagury (1999) fala, com certa preocupação, ao apontar que, devido à globalização, à taxa de desemprego, é requerida dos jovens maior exigência em relação a muitas áreas do conhecimento, além de uma postura cada vez maior da abertura em relação a novas formas de aprendizagem.

Além dessas características, numa sociedade capitalista dependente, como é o caso da brasileira, um desafio que se coloca para os jovens é a superação do significado do trabalho, ou seja, que represente não somente a possibilidade de sobrevivência, mas que vá além, que seja uma possibilidade de realização e crescimento pessoal.

Buaiz (2004), acerca disso, diz que, em pleno século XXI, a única fórmula segura para ser bem sucedido é fazer o que realmente gosta. Se a profissão escolhida não reunir o prazer, o empenho e a dedicação, nunca se chegará a ser um profissional realizado, mas sim um “operador na profissão que escolheu” (FRANCO, 2001).

Mas como descobrir do que se gosta? Como escolher diante de uma diversidade e com tantas adversidades? É o que se pretende discutir a partir deste momento.

2.3 A Escolha Profissional

2.3.1 Afinal, o que é escolha?

O ato de escolher começa bem cedo na vida das pessoas. Ele pode ser observado em coisas bem simples como escolher o que comer, o que vestir, aonde ir. Mas o que significa escolher? No dicionário Silveira Bueno (2000, p.311), a palavra escolher é definida como “selecionar; preferir; eleger”. Lucchiari (1998) considera que escolher está relacionado a uma postura de decidir por uma opção que parece ser a melhor dentre várias outras. Assim, fala-se do caráter de exclusividade presente na escolha, e Lucchiari (1998, p.17) assinala que “escolher, portanto, implica deixar de lado aquilo que não é escolhido e aceitar as conseqüências da decisão”.

Considerando este aspecto, a palavra escolha nos reporta à questão da liberdade tão discutida por Sartre, filósofo francês existencialista. Lucchiari (1998) apresenta algumas pontuações deste filósofo que colocou a liberdade como tendo um compromisso com a escolha e que o homem define-se pelo seu projeto de vida fundamentado por escolhas.

Para Sartre⁴ (apud FORGHIARI, 1997), a liberdade não significa só fazer o que se quer, mas envolve responsabilidade que as conseqüências da opção feita possam trazer.

⁴ SARTRE, Jean-Paul. *El Ser y la Nada*. Buenos Aires: Losada, 1972.

Forghieri (1997) também trata deste tema colocando a questão da autotranscendência, a qual define como sendo uma capacidade que o ser humano tem de ir além do momento presente. Isso significa dizer que o homem não se prende ao aqui e agora, mas traz o passado e o futuro para o momento atual de sua existência e, assim, é capaz de se reconhecer como pessoa responsável por suas ações e decisões. Quanto a isto, acrescenta Frankl (1989, p. 121) que “[...] existir humano é ser-responsável, porque é ser-livre”. É um ser que, como diz Jaspers⁵,(apud FORGHIARI, 1997) de cada vez decide o que ele é: ‘ser que decide . Forghieri (1997, p.32) acredita que

[...] é essa capacidade que constitui a liberdade humana, pois, permite ao ser humano tanto voltar-se para o passado como, ao mesmo tempo, lançar-se no futuro para refletir e avaliar seus próprios recursos e as possibilidades que possui para enfrentar [...].

A condição da liberdade humana, aqui abordada por Forghieri (1997), diz respeito à abertura para perceber e compreender tudo que a ele se apresenta, proporcionando-lhe uma amplitude das possibilidades de escolha. Esta liberdade, então, possibilita sempre ao homem o poder da escolha, e não escolher também se torna uma escolha. Assim, a escolha de uma profissão é, para o jovem um momento em que ele se depara com a liberdade e a autonomia para construir o seu futuro, porém um momento que pode vir permeado de dúvidas, indecisões e insegurança.

Se, antes de escolher, se têm dúvidas, só depois de se concretizar a escolha é que se pode dimensionar o que se assumiu, o que se renunciou e este abandonar a outra opção pode provocar algum sofrimento para o jovem (VASCONCELOS, 2002).

O jovem se vê diante de uma diversidade de profissões o que lhe causa certa confusão. Ele poderá inicialmente se guiar por um “mapa representacional”, expressão usada por Vasconcelos (2002), construído por ele mesmo com base na sua situação sociocultural e econômica, ou ainda, tenderá a se guiar por identificações e pela vontade de corresponder às expectativas das pessoas significativas em sua vida.

O fato é que escolher é um processo difícil que requer do jovem uma decisão frente, talvez, a opiniões contrárias, a influências externas e internas. Bohoslavsky (2003) nos fala que não somos educados, preparados e nem mesmo estimulados a escolher e que o exercício da escolha vem sendo diluído, cada vez, mais pela falta de oportunidades reais.

⁵ JASPERS, K. *Psicopatologia Geral*. São Paulo: O Atheneu, 1973.

A liberdade para escolher uma profissão é considerada algo relativamente novo para Vasconcelos (2002). Antigamente o homem não podia escolher com que ou em que trabalhar, pois isto era já pré-estabelecido pelo nível sócio-econômico, ou seja, já era determinado desde seu nascimento. A liberdade de escolha, ainda que relativa, foi possível com o advento da sociedade industrial e a democracia. Hoje, embora em nossa sociedade veicula a idéia de que existem mil oportunidades de escolha, a realidade não corresponde a esta idéia, pois a escolha muitas vezes está condicionada à classe social a que se pertence.

Outra grande dificuldade que os jovens enfrentam é que é exigido deles que tenham certeza de suas metas profissionais, que escolham o curso que melhor atenda ao mercado de trabalho, as suas capacidades e que, ao mesmo tempo, não seja contrário aos seus desejos. Porém “nossa sociedade não se preocupa em educar os desejos, em ensinar escolhas, renúncias e contenção” (RIBEIRO, 2003, p.39). Como podemos, então, querer que um jovem de dezoito ou vinte anos tenha a certeza de qual profissão escolher, indaga, ainda, Ribeiro, ao considerar o contexto do mundo atual em que os valores mudam tanto.

Há de se considerar também que, ao se fazer a escolha de uma profissão, escolhe-se a inserção numa área específica da realidade ocupacional, significando que isso, de certa forma, dará um sentido para a vida de quem faz a escolha, ou seja, escolhe-se com o que, como, quando e onde trabalhar. Na verdade, o jovem define um papel adulto, e sobre isso Bohoslavsky (2003, p. 67) acrescenta que “[...] escolher tendo em conta o que se pode ser é próprio de uma escolha madura que é ajustada e, além disso, prospectiva, pessoal, autônoma, responsável e independente”.

Escolher uma profissão é escolher a forma pela qual queremos participar do mundo em que vivemos. O homem, como um ser social, de relações sociais está sempre em movimento, seja ao desempenhar seus papéis na sociedade, seja ao perceber o outro, afirmam Bock e Furtado (2002). Estes autores enfatizam que esta condição essencial do ser humano faz com que ele aprenda a ser homem nas relações com os outros homens, “quando se apropria da realidade criada pelas gerações anteriores, apropriação que se dá pelo manuseio dos instrumentos e pelo aprendizado da cultura humana” (BOCK e FURTADO, 2002, p. 142).

Assim, uma forma que se tem de participar da vida social é pela atividade profissional. Vasconcelos (2002) diz que, para se dimensionar a importância que o trabalho, a profissão tem na vida das pessoas, é interessante observar a forma como elas se identificam, muitas vezes, por aquilo que fazem. Quando é solicitado a qualquer pessoa que se apresente, ou lhe é perguntado “quem é?”, a resposta geralmente é o seu nome e a

sua profissão. É certo que grande parte da vida o ser humano passa trabalhando, assumindo o trabalho um peso muito grande para o ser humano. Assim, decidir por uma profissão não é fácil, pois envolve muitos aspectos.

O momento desta decisão é muito difícil para o jovem, pois significa a escolha de um futuro, muitas vezes, equivocada e tida como uma escolha definitiva. É necessário compreender que “A escolha não é um momento estático no desenvolvimento de uma pessoa. Ao contrário, é um comportamento que se inclui num processo contínuo de mudança da personalidade” (BOHOSLAVSKY, 2003, p.77), pois estamos o tempo todo mudando.

Escolher uma profissão não significa se fechar nela, mas deixar sempre um lugar para outros projetos. Projetos que não podem ser só delineados pelo ambiente no qual o jovem vive, quer seja, a família, a escola, o grupo de amigos etc. Os projetos devem conter as representações que a pessoa tem de si, seus desejos, supondo uma idéia de construção (LEVENFUS, 2004). Assim, as escolhas devem ser feitas considerando o projeto que se tem. Uma questão que se coloca é: que será a adolescência, considerada uma fase conflituosa, ideal para se fazerem estas escolhas, uma vez que escolher significa ruptura com o passado (pertencer a uma família) e o futuro (assumir uma identidade adulta)?

A escolha madura, para Bohoslavsky (2003), diz respeito àquela em que o adolescente elabora seus conflitos e não os nega e se identifica com seus próprios gostos, interesses, aspirações (seu mundo interno) e com o mundo externo, o das profissões, das áreas de atuação. Isto não significa dizer que o adolescente não irá futuramente revisar sua escolha presente, mas que por ora, consegue realizar uma escolha que concilie a sua realidade com a profissão escolhida.

A escolha profissional é parte de um processo de crescimento e reflexão pessoal, e não é algo que acontece de uma hora para outra. Requer, ainda, um conhecimento das profissões, como esta se insere no social (SOARES, 2002), portanto, o projeto profissional para os jovens, muitas vezes, é definido em função do desejo, daquilo que ele gostaria de ser, mas deve ser definido também em função da realidade, ou seja, daquilo que realmente é a profissão, e não apenas o seu lado idealizado (LEVENFUS, 2004).

2.3.2 O Processo da Escolha

A escolha de uma profissão não é algo que acontece fortuitamente. Trata-se de um processo que se desenvolve ao longo da vida e não em um período específico. Para grande parte dos jovens, as informações concernentes ao mundo das profissões vão chegando aos poucos e se delineando, se definindo no decorrer da vida.

Lucchiari (1998) afirma que o processo de escolha compreende três momentos: o da fantasia, o da tentativa e o realista. O primeiro momento, o da fantasia, é quando a criança responde à pergunta “O que é que você vai ser quando crescer?”, baseada em desejos e necessidades do momento e depois, um pouco mais tarde, de acordo com o êxito e reconhecimento que a família e os meios de comunicação dedicam a determinada profissão. Bohoslavsky (2003) se refere a esta etapa como sendo aquela em que a criança expressa necessidades básicas, sendo seguida, depois, por uma fase de gostos.

O segundo momento, o das tentativas, ocorre entre os 12 e 17 anos, e o adolescente, então, escolhe baseado em suas capacidades e seus valores. Nesta fase, a escola propicia, ao adolescente, oportunidades por meio de atividades diversas, de testar suas habilidades, de se reconhecer a si mesmo. Bohoslavsky (2003) diz que esta etapa assenta-se sobre a base da identificação. O terceiro e último momento é o chamado por Lucchiari (1998) de realista, ocorrendo entre 17 e 21 anos, quando se faz a escolha de um curso e, conseqüentemente, de uma profissão. Esta autora considera esta fase como envolvendo um momento de exploração, seguido de um comprometimento com a escolha feita e uma postura de iniciativas que possibilitarão a concretização da escolha. Sobre esta fase, Bohoslavsky (2003) pontua que, nela, o autoconceito está centrado no desempenho de papéis, em que o jovem irá considerar a realidade, ou seja, conciliar as necessidades e os interesses com as oportunidades reais.

Escolher uma profissão implica escolher o que se quer ser no futuro, o reconhecimento do que fomos, as influências que sofremos durante a infância, a definição por um estilo de vida (SOARES, 2002). Assim, o momento da escolha é um presente que definirá um futuro a partir das referências passadas da pessoa, da definição do que se considera mais importante, afirma Rodrigues (2001). Significa dizer que, ao se pensar numa escolha profissional, há de se considerar fatores internos e externos.

Os fatores internos dizem respeito ao mundo íntimo, aos valores, à personalidade, às possibilidades e limitações, aos interesses, à forma de encarar a vida, às aptidões. Estes fatores devem ser bem conhecidos, ou seja, o jovem deve estar consciente disto, para que o seu processo de escolha profissional se efetue. A partir disso, deve-se passar para ao reconhecimento dos fatores externos, que envolvem aspectos da vida social e relacionado

ao mundo do trabalho, como o mercado, os cursos para a formação profissional pretendida, aspectos referentes à remuneração, status conferido à profissão, o perfil desejado para o profissional e a sua situação financeira, assim como a da família.

Se forem considerados os fatores expostos anteriormente, Rodrigues (2001) observa ser possível uma escolha profissional madura e ajustada na qual o sujeito que escolha assume essa responsabilidade, além de se comprometer com o futuro que certamente estará dentro da realidade.

2.3.3 Fatores que Influenciam a Escolha

Ao se efetuar uma escolha profissional, é importante considerar a maneira como os jovens se diferem em relação às aptidões, capacidades, interesses, motivações, traços de personalidade, valores, necessidades, pois estes aspectos interferem diretamente no processo de escolha. Mas há de se pensar que não somente estes aspectos devam ser ressaltados, existindo, ainda, outros que influenciam no momento de escolha e que estão presentes no meio em que o jovem está inserido.

Vale lembrar que o ambiente influencia na formação da personalidade, na construção da identidade, o que já foi tratado anteriormente. Cardoso (1969, p. 42) discutiu essa questão ao abordar os problemas da adolescência e da constituição da personalidade deles, dizendo que “A ação do homem sobre o homem, bem como do meio físico com sua variedade de pressões, movimentos, temperaturas e coloridos, constitui fato que a experiência e a observação de cada dia comprovam constantemente”. Diríamos, então, que a escolha profissional é influenciada pelo mundo em que o jovem vive e pela forma como esse jovem compreende o mundo, ou seja, a relação entre ele e o mundo é que determina suas escolhas.

Outros autores que também tratam deste tema apresentam os aspectos ou fatores que determinam as escolhas profissionais agrupados de forma diferenciada. Soares (2002) propõe uma divisão didática entre os fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos. Esta autora, entretanto, lembra que tais fatores encontram-se sempre atuando juntos.

O jovem não está, portanto, isento de sofrer influências desses fatores ao realizar a sua escolha, ao elaborar o seu projeto de vida profissional. O que se deve pontuar é que o

jovem deve ter conhecimento dessas influências para que possa utilizá-las de forma construtiva no sentido de adequá-las aos seus valores, desejos (LEVENFUS, 2004). O que mais se vê, porém, são aspectos subjetivos, indefinidos, decidindo o destino profissional das pessoas que, muitas vezes, não percebem o grau de influência no momento em que vivenciam essas experiências (SILVA, 1992). Pretende-se, a partir daqui, apresentar essas influências divididas em três: as sociais, as familiares e as psicológicas.

2.3.3.1 Influências Sociais

A sociedade ocidental, o mundo atual já foi caracterizado anteriormente e há de se considerar que as circunstâncias na qual estão inseridos os jovens irão interferir na formação de valores, aspirações e, conseqüentemente, na escolha profissional. Lucchiari (1998) aponta o prestígio, o status social, o dinheiro como sendo alguns dos valores transmitidos por nossa sociedade e acrescenta que a “justiça, honestidade, amor ao próximo, satisfação pessoal também fazem parte da vida das pessoas” (LUCCHIARI, 1998, p. 25).

Bohoslavsky (2003), também ao tratar deste tema, fala de uma identidade profissional que é determinada por aspectos políticos, sociais e econômicos de um país. Soares (2002) também trata dessa identidade profissional, dizendo que se pode identificar nela influências sociais, a partir de respostas às seguintes questões: quando? Onde? Com quem? À maneira de quem? Esta autora afirma que a “identidade está definida pelo social, pelas relações estabelecidas pelo jovem com pessoas importantes para ele [...]” (SOARES, 2002, p.31).

A verdade é que os fatores sociais estão relacionados à classe social da qual o jovem se origina, pois ela determinará as oportunidades de formação profissional e de emprego (SOARES, 2002). Nestes termos, há profissões consideradas pela nossa sociedade como sendo de mais prestígio, status social e, muitas vezes, os jovens podem optar por elas adotando um critério ilusório, como chamou Silva (1992).

2.3.3.2 Influências Familiares

A família está inserida no mundo, na sociedade e, assim, sofre a influência de fatores externos a ela e que contribuem para um desequilíbrio. Cardoso (1969) já se preocupava com este aspecto, dizendo que a família se apresenta perturbada, tendo em vista a angústia e a insegurança presentes no mundo. Essa família é o meio onde a pessoa crescerá e se desenvolverá, estando ligada a ela por laços biológicos e culturais. Assim, a família é considerada a matriz que imprime, em cada pessoa, a primeira visão de mundo e de sociedade (LUCCHIARI, 1998) e, ao nascer, cada filho recebe uma carga de expectativas dos seus pais, devendo, possivelmente, cumpri-la ao longo da sua vida (SOARES, 2002).

No aspecto da definição profissional do indivíduo, Silva (1992) considera que a família exerce um papel vital no processo de opção pela profissão, pois ela transmite ao jovem valores, sentimentos e atitudes por meio da educação que lhe é proporcionada ao longo da vida. A família interfere na forma como a pessoa, desde criança, apreende o mundo, o que vai ser determinante na formação dos hábitos e interesses. Slavutzky⁶ (apud SOARES, 2002, p. 79), faz a seguinte afirmação:

[...] o mundo familiar, embora tendo certa autonomia social, por outro lado está subordinado a leis sociais ou à sociedade. A família predomina na educação inicial, a repressão das pulsões, a aquisição da linguagem... e uma série de valores morais, éticos, de costumes; enfim, a cultura da sociedade é veiculada ao indivíduo fundamentalmente pela família.

Para Soares (2002), muitas vezes, o jovem escolhe a sua profissão sem perceber as influências recebidas pela sua família, ou seja, existe um dinamismo próprio no seu meio familiar que o leva a decidir, segundo as expectativas deste meio, sem que ele esteja consciente disso. Cooper (1980, p.21) considera que “a família é especialista em estabelecer papéis para os seus membros, mais do que criar condições para cada um assumir livremente a sua identidade”.

Há de se considerar também, lembra Soares (2002), que as identificações com as pessoas da família também estão presentes no processo da escolha profissional. Em algumas famílias, seguir a profissão do pai, dar continuidade aos seus negócios, é algo muito importante e decisivo.

Uma outra situação é quando ocorre o conflito entre o jovem e sua família, onde os interesses não convergem numa mesma direção, ou seja, quando o jovem quer seguir uma

⁶ SLAVUTZKY, Abrão. *Psicanálise e Cultura*. Petrópolis: Vozes, 1983. pág.80

carreira profissional e o desejo da família é outro. Nesse caso, o jovem poderá optar de acordo com o seu desejo, contrariando o da família, ou poderá abrir mão da sua opção em detrimento do desejo dos seus familiares. Sobre isso, Soares (2002, p. 80) diz que “o mundo familiar pode levar uma pessoa a escolher um destino diferente para o qual se sente inclinada a viver, em razão de sua inserção em determinado tipo de família”. É comum ouvir, por parte de alguns jovens acerca da vontade de seus pais em terem escolhido determinadas profissões, e por não terem tido condições de a terem exercido, acabando por levar os filhos a trilharem um caminho profissional por eles traçado.

Levenfus (2004), tratando das influências familiares, diz que a família cria impedimentos à livre escolha dos jovens, seja de forma explícita, quando exprime suas opiniões sobre eles, sobre as profissões, ou de forma mais disfarçada, passando pela sutileza.

Uma outra questão interessante que não pode ser deixada de lado, tendo em vista se tratar de uma característica das famílias no mundo atual e que interfere nos jovens, é o que Costa (1997) pontua em relação à dinâmica da comunicação familiar. Este autor fala da importância do diálogo, da comunicação no seio da família, apontando a incoerência de uma época considerada como a era da comunicação, com meios e tecnologias de comunicação sofisticada e que as pessoas, dentro da família, se comunicam cada vez menos. Esta falta de comunicação leva a um certo distanciamento dos pais que deixam de acompanhar seus filhos, em termos de conhecer suas necessidades e anseios. Sabendo-se que a presença dos pais é fundamental para o equilíbrio e desenvolvimento dos filhos, Costa diz que os pais, atualmente, são bem menos autoritários, mas em contrapartida se tornaram ausentes.

Se é na família que se formam os conceitos, tão importantes para a estruturação de um projeto de vida profissional, Levenfus (2004) lembra que as famílias que não investem tempo na qualidade pessoal das pessoas que dela fazem parte, não podem esperar que seus filhos busquem uma excelência pessoal e uma existência plena e que sejam confiantes para dividirem e assumirem essas decisões.

2.3.3.3 Fatores Psicológicos

Para a compreensão da influência dos fatores psicológicos, na escolha profissional do jovem, é necessário recorrer a um conceito de personalidade e, neste caso, considerar-se-á o apresentado por Forghieri (1997) num enfoque fenomenológico. Esta autora diz que o termo personalidade se refere ao “conjunto do existir humano, consideradas e descritas de acordo com o modo como são percebidas e compreendidas pela pessoa, no decorrer da vivência cotidiana imediata[...]” (Forghieri, 1997, p.26). Ela ressalta a importância da vivência diária, pois é a partir dela que a pessoa desenvolve suas atividades, determina seus objetivos e ideais, e que percebe o quanto ela está implicada no mundo. O mundo, para Binswanger⁷, (apud FORGHIERI, 1997), é um composto de relações significativas no qual a pessoa existe e pode apresentar-se sobre três aspectos: o circundante, o humano e o próprio.

O mundo circundante se refere ao ambiente, fazendo parte dele também o nosso corpo com suas necessidades. Com o corpo é que se estabelece o contato com este ambiente, com os fatores externos cheios de sensações e significações. O mundo humano diz das relações entre as pessoas que é essencial para a sua existência, pois vivemos num mundo compartilhado com os outros, coloca Heidegger⁸, (apud FORGHIERI, 1997). Este é um aspecto social, onde se insere a comunicação com o outro, seja por meio do próprio corpo, seja pela da linguagem. O mundo próprio se refere à relação que o indivíduo estabelece consigo, o seu autoconhecimento, as situações vivenciadas no dia-a-dia na relação com o seu mundo e com as pessoas.

Este contato com o mundo circundante e as pessoas possibilita ao indivíduo ir descobrindo quem ele é, os seus atributos, as suas qualidades. Para realizar uma escolha profissional é imprescindível este autoconhecimento, ou seja, é necessário que o jovem tenha um conhecimento de si suficiente que lhe propicie saber que o deseja (SOARES, 2002). Ainda, que ele seja capaz de distinguir entre as atividades que lhes são prazerosas e interessantes, das que não lhes são.

Outro aspecto importante é o que é apontado por Levenfus (2004) concernente à conciliação entre os interesses do jovem e as possibilidades ambientais e profissionais no momento da escolha, isto é, a busca por uma profissão que permita ao jovem a expressão de seus valores e o exercício de suas habilidades e capacidades que precisam, portanto, serem conhecidas. O que ocorre, entretanto, na maioria das vezes, é que os jovens não se sentem capazes de decidir por acharem que não têm interesse por nada ou por acreditarem

⁷ BINSWANGER, L. *Being-in-the-world*. New York: Basic Books, 1963.

⁸ HEIDEGGER, M. *O ser e o tempo*. 2ª Petrópolis: Vozes, 1988.

não possuir nenhum tipo de aptidão quando, na verdade, não as conhece. Nesse caso, Soares (2002) e Rodrigues (2001) apontam para a necessidade de se possibilitar a esse jovem a oportunidade de uma reflexão sobre si mesmo, o seu dia-a-dia e as suas habilidades.

2.3.4 O momento da Decisão: O Vestibular como a Consolidação da Escolha

Uma boa escolha é aquela baseada numa decisão pessoal e responsável, mas, no momento da decisão, o jovem vê reativadas angústias, medos, dúvidas vivenciadas anteriormente, quando se via frente a todas as profissões e sentindo-se incapaz de decidir por uma delas. Levenfus (2004, p.195) vê esta situação como fazendo parte do momento da decisão e acrescenta que o jovem “deverá lidar com a realidade e aprender a tolerar frustrações”. Esta autora acredita que grande parte das decisões profissionais inadequadas estão relacionadas à desinformação e à falta de conhecimento sobre a profissão e sobre si mesmo, insistindo que a melhor decisão profissional será aquela que ocorrer em momentos em que o jovem seja capaz de lidar com as ambigüidades inerentes à própria vida.

O fato de se decidir com mais conhecimento de si e do mundo do trabalho propicia motivação e um interesse muito maior pela atividade escolhida. Nesse momento, investir tempo para refletir, pensar, proporciona um amadurecimento que subsidiará o jovem na sua escolha. Esse amadurecimento possibilita que se olhe o passado e o futuro ao mesmo tempo decidindo, então, o caminho que se vai seguir, definindo um modo de viver (LUCCHIARI, 1998).

A decisão por uma profissão que, para seu exercício, dependerá de um curso superior faz com que o nosso jovem se depare com outro desafio, além do já vivenciado no processo de escolha da profissão, quer seja, a realização do concurso vestibular.

O vestibular surgiu com a finalidade de verificar se o candidato possuía um conhecimento mínimo necessário para ingressar num determinado curso superior, tendo em vista que, na época, após 1807, em que o vestibular foi instituído, não existia o ensino médio, passando os jovens do primário diretamente para o ensino superior. Segundo Santos⁹ (apud SOARES, 2002), vestibular, nome advindo da palavra *vestíbulo* que

⁹ SANTOS. Maria de Fátima. *Identidade e Aposentadoria*. São Paulo: EPU, 1990

significa entrada, era a forma de se fazer um levantamento das potencialidades do candidato, uma espécie de diagnóstico, para que este estivesse apto a seguir um determinado curso.

Atualmente o vestibular já foi institucionalizado como um ritual de passagem a ser realizado pelos jovens que queiram cursar uma graduação, a fim de se prepararem para o exercício da profissão escolhida. Soares (2002), entretanto, aponta também para uma dimensão oposta do vestibular que é a de uma barreira ritualizada, lançando mão da definição de vestibular encontrada no dicionário (FERREIRA, 2004) que considera o vestibular como sendo uma barreira colocada pela sociedade para dificultar o acesso a instituições ou a grupos, o que impede a mobilidade social.

A dificuldade representada pelo vestibular faz com que muitos jovens, no ano em que estão se preparando, deixem de lado uma série de atividades de lazer, alterando o ritmo de suas vidas que os conduzem a uma situação de ansiedade, cansaço, como coloca Soares (2002, p. 67) “estudar para o vestibular, muitas vezes, é aproximar-se de uma neurose”. Assim, “o vestibular é a angústia do estudante e funciona como centro de forças que atacam em todas as direções” (MONTEIRO, 1980, p.77). Alves (1984) também analisa a questão do vestibular, colocando-o como um grande vilão que tem um poder de aterrorizar e criar expectativas nos jovens que sonham um dia por ele passar e ser aprovados.

É importante ressaltar que o vestibular representa ansiedade não só para o jovem, como também para seus pais e familiares que o investem de uma responsabilidade muito grande: a de passar no vestibular. E se não passar, o que isso pode significar para o jovem? Decepção, fracasso, perda de tempo em ter que fazer mais um vestibular, sem contar que deverá lidar também com a frustração da família que nele tanto acreditou.

O que interessa aqui é o valor atribuído ao vestibular e que a criança, desde cedo, começa a ouvir falar dele, e que, quando jovem, vive em função dele, como bem aponta Alves (1984, p.75):

Tudo começa com os pais: ‘Meu filho, o que você vai ser quando crescer?’ O garotinho ainda está brincando com o carrinho de bombeiro e eles já começam a perder o sono, pensando se o filho vai ser capaz de passar no vestibular e se eles serão capazes de pagar as mensalidades dos cursinhos.

Zagury (1999) resalta a necessidade de se encarar o vestibular, apesar de tudo o que foi colocado, como possivelmente, o primeiro ou maior desafio que os jovens têm que

enfrentar em suas vidas e, para esta autora, desafios são fundamentais para que os jovens estabeleçam objetivos e projetos de vida.

2.3.5 A Difícil Tarefa da Reescolha

Passado o vestibular, o ingresso no ensino superior é também cheio de expectativas. Mas, quando, no percurso desta trajetória, percebe-se que o curso escolhido não é exatamente o que se queria? Uma nova batalha se instaura, pois, além da crise que se vivencia e que já foi abordada anteriormente, esbarra-se na possibilidade de se ter que escolher novamente.

Recomeçar, reescolher não é tarefa fácil. É preciso um grande investimento pessoal, uma coragem para enfrentar a angústia da insegurança e fazer novamente outra escolha. Quando assim se age, é possível vivenciar uma agradável sensação de tranquilidade que surge como uma pausa repousante, como bem diz Forghieri (1997).

Diante de um projeto fracassado, é natural ao ser humano, conseguir superar as dificuldades advindas deste fracasso e, quando isso ocorre, há a possibilidade de se adquirir uma compreensão mais completa de sua existência, pois se insere não só as possibilidades, como também os limites que são inerentes ao mundo e ao ser humano (FORGHIERI, 1997).

Quando se trata da experiência da reescolha profissional, Soares (2002) aponta para uma dificuldade que é romper com o que já foi construído até o momento, mesmo porque há de se ter que haver com os valores, os amigos e a família para aceitar este rompimento.

Torna-se necessário ao jovem, ir em busca de um novo sentido, e sempre há o medo de errar de novo, de se ter que investir mais tempo da sua vida e correr o risco para ser feliz. Esta sensação de que não se pode mais perder tempo, faz com que muitos jovens tenham grande dificuldade em reorientar as próprias opções. Mas mudar de opção, afirma Franco (2001), é se tornar autônomo, adulto e humano.

Admitir que a escolha foi equivocada é um passo fundamental, mas é preciso não ficar só nisso, é preciso buscar alternativas e caminhos para resolver. Deve-se manter a confiança e não se deixar paralisar.

3 METODOLOGIA: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

3.1 Considerações iniciais

A pesquisa social é muito abrangente, indo além dos limites de uma disciplina, pois se referenda a uma realidade que envolve as mais diferentes áreas de conhecimento, sem deixar de se considerar as contingências históricas.

Situo o objetivo de meu estudo, quer seja analisar a crise vivenciada pelo jovem quando descobre que fez uma escolha equivocada e necessita fazer uma nova escolha. Para que tal objetivo seja alcançado, pretendo usar a pesquisa qualitativa, pois se trata de um modelo de pesquisa que possibilita interrogar as idéias que as pessoas têm sobre o mundo, como observa Martins (1994). Entretanto, este autor ainda pontua as dificuldades em relação a esta metodologia no que concerne à descoberta, por parte do pesquisador, das qualidades essenciais a serem estudadas, afirmando que isto depende da intuitividade e da habilidade do pesquisador.

O quadro de orientação teórica e metodológica escolhida para análise dos dados é o da Fenomenologia. A Fenomenologia, segundo Minayo (1999, p.34), aborda as realidades sociais como sendo construídas nos significados e por meio deles e que, portanto, só podem ser identificadas na medida em que se insere na “linguagem significativa da interação social”. Assim, considera-se a linguagem e as práticas sociais inseparáveis, enfatizando os significados produzidos na interação social.

3.2 Amostragem

Interessa, nesta pesquisa, o estudo do aluno que tenha vivenciado ou que esteja vivenciando uma situação de crise quanto ao curso de graduação escolhido. Assim, trabalhou-se com amostras intencionais, ou seja, “que se utilizam de pessoas que, na opinião do pesquisador, possuem, *a priori*, as características específicas que ele deseja ver refletidas em sua amostra” (MOURA, FERREIRA e PAINE, 1998, p.60). A amostra é composta de alunos de períodos variados dos cursos de graduação de uma instituição

privada, de ambos os sexos e na faixa etária entre os 18 e 23 anos. Buscou-se uma amostragem composta por 03 (três) sujeitos que atendiam as especificidades apresentadas anteriormente, escolhidos mediante disponibilidade de horário e/ou interesse em participar da pesquisa.

QUADRO 1 – Jovens entrevistados

	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3
Sexo	Masculino	Feminino	Feminino
Idade	24 anos	21 anos	20 anos
Curso	Direito	Comércio Exterior	Turismo

As entrevistas duraram cerca de uma hora e foram gravadas em fitas cassetes, utilizando o gravador de mão para registro. O material coletado foi transcrito e textualizado de forma integral. Na transcrição, teve-se o cuidado de manter as palavras da forma como foram pronunciadas, assim como os erros gramaticais incorridos e os risos.

3.3 Coleta de Dados: O Uso de Entrevistas

Segundo Sampaio (2001), pesquisadores de orientação fenomenológica freqüentemente trabalham com entrevistas e, conseqüentemente, com transcrição das mesmas, tendo cuidado na condensação desse material. Optou-se, neste trabalho, pelas entrevistas, consideradas pelos pesquisadores empíricos como um exercício altamente subjetivo, mas que, ao libertar-se dos paradigmas da Ciência Natural, conforme coloca Martins (1994, p.53), é “vista como um encontro social” com características peculiares como a empatia, a intuição e a imaginação.

Este autor ainda observa que, ao entrevistar uma pessoa, buscam-se conseguir descrições bem detalhadas das preocupações do entrevistado, que podem até parecer ingênuas, mas que situadas, são consideradas de “importância primária para a compreensão do mundo-vida do Sujeito” (MARTINS, 1994, p.54).

Para Moura (1998, p.77), a entrevista “é uma técnica de coleta de dados que supõe o contato face a face”. Esta autora classifica as entrevistas, quanto ao seu grau de estruturação, em inestruturadas, semi-estruturadas e estruturadas.

As entrevistas semi-estruturadas são guiadas por pontos de interesse e se apresentam sob a forma de um roteiro prévio de perguntas, que se molda à situação concreta de entrevista, tendo o pesquisador a liberdade de inserir novas perguntas, caso considere necessários esclarecimentos e ou aprofundamento de qualquer aspecto, para que o objetivo da pesquisa seja alcançado. Este tipo de entrevista, a semi-estruturada, é a que melhor se adequa para a coleta de dados da pesquisa que se pretende realizar.

Quanto ao processo de realização de uma entrevista, este pode ser dividido, segundo Moura et al (1998), em quatro etapas distintas: a preparação da entrevista, o início, o corpo e, finalmente, seu término. Na etapa de preparação, deve-se ter claro o que se pretende e, ainda, elaborar um roteiro de acordo com os objetivos da pesquisa.

No caso da pesquisa aqui pretendida, o roteiro prévio da entrevista será construído a partir do seu objetivo geral, ou seja, analisar a crise vivenciada pelo jovem diante de uma escolha equivocada e as dificuldades pelas quais ele passa para fazer uma nova escolha.

Esta questão será o norteador, a partir do qual se definirão as perguntas que conduzirão à entrevista e que, entretanto, não poderá se fechar nelas, tendo em vista que novas perguntas poderão ser acrescentadas, conforme necessidade, o que já foi explicitado anteriormente na caracterização da entrevista semi-estruturada. Ao elaborar as perguntas, alguns aspectos devem ser observados. Elas devem ser livres de juízos de valor, sendo aconselhável usar as questões não restritivas, ou seja, perguntas abertas que possibilitem respostas amplas.

Nas etapas que se seguem da entrevista, o seu início deve contar com o estabelecimento de um bom rapport, como aborda Moura (1998), para que o processo transcorra numa atmosfera agradável, sem dúvidas ou ansiedade por parte do entrevistado. Afirma Moura (1998, p.79), “segundo o autor citado [Fernández-Ballesteros¹⁰] o corpo da entrevista deve se pautar na especificação e clarificação dos tópicos a serem abordados [...]”. O registro dos dados advindo desse momento pode ser gravado com a concordância do entrevistado, para transcrição *a posteriori*, ou pode-se tomar notas. Na etapa de encerramento ou término da entrevista, é recomendável que “se faça um resumo da

¹⁰ FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R. Introducción a la Evaluación Psicológica. Vol. 1 Madri: Ediciones Pirâmide, 1996.

informação obtida com o entrevistado que permita aclarar algum ponto que ainda esteja obscuro”, diz Moura et al(1998, p. 80).

Contudo, para que a entrevista seja um instrumento fidedigno de pesquisa, alguns aspectos devem ser considerados. A postura do entrevistador, por exemplo, será imprescindível. Para Martins (1994, p.56), se ele “for responsivo e receptivo [...] mantendo uma atitude espontânea e natural, a entrevista [...] será muito valiosa em termos de informações obtidas”. É preciso, entretanto, que o entrevistador observe os limites da relação estabelecida no contexto da entrevista. Ainda, ele deve estar atento para não incorrer no erro de introduzir idéias suas ao tentar esclarecer as respostas dadas pelos entrevistados, observa Moura et al(1998), e não deve apenas se concentrar nos aspectos verbais proferidos pelo entrevistado, mas deve estar atento aos não-verbais que são considerados reveladores de significação latente.

Cabe aqui enfatizar que a entrevista, como qualquer outro instrumento metodológico, está relacionada a certos pressupostos teóricos, aos objetivos do pesquisador, bem como às características dos fenômenos estudados.

3.4 Instrumento de Análise dos Dados

Será adotada a análise fenomenológica, ou seja, segundo Amatuzzi (1996, p.6) “a análise que privilegia o intencional ou o vivido, isto é, os significados sentidos para os quais os signos apontam como símbolos mais ou menos bem-sucedidos (e com os quais podemos entrar em contato pela mediação do expresso)”. Interessa aqui, como ainda afirma Amatuzzi (1996, p. 5), “o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado: ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método”.

Para tal análise, Martins (1994, p.98) propõe quatro passos:

- 1º- leitura da entrevista sem buscar qualquer interpretação do que foi exposto;
- 2º- releitura da entrevista objetivando a discriminação das “unidades de significados” (perspectiva psicológica), focalizando o fenômeno pesquisado;
- 3º- “transformação das expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica”;
- 4º- “síntese das unidades de significado transformadas em proposição consistente referente às experiências do sujeito”.

Para tanto torna-se necessário permitir aos sujeitos do estudo “trazerem à luz o sentido por eles percebido”, Martins (1994, p.94), sobre o fenômeno pesquisado. O sujeito aqui é quem dará o seu significado à situação que estará sendo pesquisada, pois estarão referendadas as experiências vividas por ele e que serão *a posteriori* sistematizadas, segundo Martins (1994).

4. BUSCANDO A EXPRESSÃO DO VIVIDO

4.1 Sistematização das Entrevistas

Após a leitura das entrevistas, buscou-se agrupar os conteúdos analisados em quatro conjuntos temáticos representativos das entrevistas no todo. Tomou-se a escolha profissional equivocada como referência central, momento em que se faz alusão aos conflitos vivenciados em decorrência dessa situação, destacando uma etapa anterior a ela, que são, as influências e a percepção da carreira profissional, e uma etapa posterior a esta escolha, onde são pontuadas a vivência acadêmica e a necessidade de uma nova escolha profissional.

A opção pela organização do material da forma aqui exposta pareceu ser a mais didática, pois permite trilhar o caminho percorrido pelo sujeito e o que ele experienciou nesse processo de escolha profissional.

Assim, as entrevistas foram trabalhadas a partir do seguinte esquema:

1.- A Família

- 1.1.- Percepções em relação à família;
- 1.2.- Influência da família na escolha profissional;
- 1.3.- Apoio da família na escolha profissional;

2.-A escolha profissional equivocada

- 2.1.- Percepções em relação à profissão escolhida;
- 2.2.- Sentimentos em relação à profissão escolhida;
- 2.3.- O processo de escolha;
- 2.4.- Conflitos vivenciados;
- 2.5.-Posicionamento frente ao curso escolhido;

3.- A trajetória acadêmica

- 3.1- Sentimentos presentes durante a vida acadêmica;
- 3.2- Percepção da vida acadêmica;
- 3.3- Posicionamento frente à escolha equivocada;

4.- Nova escolha profissional

- 4.1- Projetos para o futuro profissional;
- 4.2- Percepção da profissão como prazer;

4.3- Sentimentos frente a uma nova escolha.

É importante ressaltar que, a partir do eixo central, comum a todas as entrevistas, ocorreram algumas variações específicas a cada entrevistado. Estas variações específicas se referem a questões únicas a cada um, que não se mostraram comuns a todos, mas relevantes para a compreensão da vivência do sujeito.

Em decorrência disto, o leitor perceberá que cada entrevista apresentou nuances que lhe são específicas, o que, de forma alguma, compromete o aparecimento da essência presente nas experiências.

Entrevistado 01

1- A família

- 1.1- Percepções em relação à família
- 1.2- Influência da família na escolha profissional
- 1.3- Apoio da família na escolha profissional

2- Percepção da carreira profissional

- 2.1- Sentimentos em relação à profissão escolhida
- 2.2- Percepções em relação à profissão escolhida

3- A escolha profissional equivocada

- 3.1- O processo de escolha
- 3.2- Conflitos vivenciados
- 3.3- Posicionamento frente ao curso escolhido

4- A trajetória acadêmica

- 4.1- Sentimentos presentes durante a vida acadêmica
- 4.2- Percepção da profissão através dos professores
- 4.3- Posicionamento frente à vida acadêmica
- 4.4- A vida acadêmica no ensino médio

5- Nova escolha profissional

- 5.1- Posicionamento frente à profissão escolhida equivocadamente
- 5.2- Projetos para o futuro profissional
- 5.3- Percepção da profissão como prazer

ENTREVISTA 01

Nº DO TRECHO	TRECHO	ORGANIZAÇÃO DA FALA	EXTRAÇÃO DO SIGNIFICADO
1. A Família			
1.1. Percepções em relação à família			
1	“ Eu sempre vi meu pai, minha família toda sempre mexendo com Direito. Eu sempre notei que eles eram muito angustiados com isso.”	As pessoas que militam na área do Direito apresentam-se como angustiadas, o que pode ser percebido através dos familiares que são operadores do Direito.	Os meus familiares que trabalham na área do Direito demonstram que são angustiados.
33	“ Eu tomei esta decisão, que a partir deste ano várias coisas importantes na vida eu não comunico mais a eles, em função desta coisa do curso, que eles me obrigaram e quando eu falava que eu queria sair, eles não deixavam. Quando eu tranquei o semestre, eles me obrigaram a voltar depois.”	O fato da família obrigar o prosseguimento com o curso de Direito, faz com que se decida não mais compartilhar com a família as decisões consideradas importantes na vida.	O fato da minha família ter me obrigado a cursar Direito me levou a decidir que não compartilho mais a minha vida com eles.
1.2- Influência da família na escolha profissional			
	“...e em 98 o meu objetivo era fazer vestibular para História.	A escolha profissional por uma área como a História não tem um	Eu queria fazer uma graduação em História, mas esta escolha não foi bem aceita

4	Só que quando eu comuniquei isso, o pessoal lá chiou né, criou o maior caso, falou: - você vai fazer isso! Você vai passar fome, você não vai ter, assim, começou a botar um monte de coisa na minha cabeça.”	reconhecimento social por sua família e nem a possibilidade de retorno financeiro. Isto faz com que esta área seja menos valorizada.	pela minha família que alegou que eu não teria sucesso financeiro, causando em mim receios em relação à esta escolha.
6	“ E na época eu precisava de mesada e ele cortou. Ele falou:- Não, você vai fazer Direito e se você fizer outro vestibular, você vai ter que pagar sua inscrição e tudo.”	A dependência financeira do pai pressiona para que a opção profissional seja pelo curso de Direito.	O meu pai como forma de represália pela minha decisão em não fazer Direito, cortou a minha mesada e se eu quisesse fazer vestibular para outro curso, teria que bancar as inscrições dos mesmos.
21	“ É, eles então, assim, tentaram me comprar mesmo. Vai prá lá que nós vamos te dar um salário bom, só que o que eu vou fazer? Eu não vou brigar com eles.”	A compensação financeira é a forma encontrada pela família para estimular no prosseguimento no curso de Direito.	Para eu não abandonar o curso de Direito, a minha família tentou me comprar através de um bom salário e eu aceitei para não brigar com eles.
32	“ A minha família está achando que eu vou continuar com isso, que eu abracei a advocacia.”	A família acredita que a continuidade da frequência no curso de Direito signifique o prosseguimento na carreira jurídica.	A minha família tem a ilusão de que eu seguirei com a carreira da advocacia, mas não é o que farei.
1.3- Apoio da família na escolha profissional			

8	<p>“ Então quando começou aqui eu estava sentindo assim, bom já que eu estou aqui, eles pelo menos podem me ajudar com alguma coisa, né, em termos de carreira.”</p>	<p>A opção pelo curso de Direito se deu por pressão familiar, então a família deveria ajudar no desenvolvimento da carreira jurídica.</p>	<p>Eu senti que ao estar cursando Direito, que a minha família deveria ajudar-me na carreira profissional.</p>
20	<p>“ O desespero da minha família foi tamanho que eles me colocaram lá e pagando um salário bom, porque eles viram que eu não gostava do curso, viram que eu não interessava pelo curso e que eu realmente estou resoluto com isso.”</p>	<p>A decisão pelo abandono da carreira jurídica causa um impacto negativo na família que se mobiliza para que tal situação se reverta.</p>	<p>Quando a minha família percebeu que eu não me interessava mesmo pelo curso, resolveram me ajudar com um trabalho e um salário bom.</p>
39	<p>“Na época, inclusive, eu procurei meu pai e falei: Olha, eu não estou gostando do curso, arruma estágio. E ele falou assim: - Oh, aqui em casa todo mundo se virou sozinho, e com você não vai ser diferente não.”</p>	<p>Busca-se ajuda na família no início da graduação, momento em que se precisa, mas a mesma não é obtida sob alegação que se deve batalhar sozinho.</p>	<p>Meu pai se recusou a me ajudar no momento em que eu precisei e esta ajuda quando veio, já era tarde.</p>
40	<p>“ Depois que eles viram que eu estava desesperado, me ajudaram.”</p>	<p>A ajuda só acontece no momento de desespero.</p>	<p>Foi preciso eu chegar ao desespero para a minha família me ajudar profissionalmente.</p>

2. Percepção da carreira profissional			
2.1. Sentimentos em relação à profissão escolhida			
16	“ Eu tinha uma tristeza muito grande, um desestímulo completo. Eu falava para que eu vou fazer isto aqui, sendo que depois eu não quero usar isto.”	A vivência de um conflito decorrente da insatisfação de se fazer algo que não quer, causando tristeza.	Eu sentia tristeza e ficava desestimulado por estar fazendo o curso que não queria, e ainda por saber que não iria exercer a profissão.
2.2- Percepções em relação à profissão escolhida			
2	“ O meu pai mesmo foi concursado, um concurso difícil e por diversas vezes antes de passar neste concurso em 94, diversas vezes pegou outros concursos e ficava sempre aquele negócio. Olha, quando você crescer, você vai ter que passar por isso e vai ver o que eu estou passando.”	É grande a dificuldade de aprovação em um concurso para os profissionais do Direito, o que exige muito esforço e dedicação no preparo para os mesmos.	Acompanhei a dificuldade do meu pai até ser aprovado num concurso público na área do Direito. Ele sempre me dizia que eu passaria pela mesma situação quando eu crescesse.
3	“ E eu cresci com isso desde muito novo, vendo isso, né. E um grande medo que eu sempre tive na vida foi ingressar na carreira jurídica. Prá mim sempre foi um bicho de sete cabeças.”	A carreira jurídica é difícil, requer muita dedicação, o que causa receios em relação à mesma.	Eu cresci vendo a dificuldade para se ingressar na carreira jurídica e isto fez com que eu tivesse medo em relação a esta profissão.

12	“ A pessoa que faz parece que fica imbutido nela um sentimento de superioridade, coisa que eu não tenho isso, e não admito que os outros tenham.”	Os profissionais do Direito são percebidos como dotados de superioridade, característica que entra em contradição com as pessoas que consideram isto como algo negativo.	Eu não admito pessoas que tenham um sentimento de superioridade e as pessoas que cursam Direito passam a ter este sentimento.
15	“ ...eu nunca gostei dessa área, sempre achei uma área com pessoas arrogantes e que não dão oportunidade de você ser você mesmo. Você tem que estar sempre fingindo alguma coisa.”	As pessoas que exercem profissões jurídicas são impossibilitadas de serem elas mesmas, devendo representar papéis, o que não é algo favorável.	Eu nunca gostei da área jurídica por acreditar que nunca podemos ser o que de fato somos, mas termos que fingir o que não somos, e ainda sermos arrogantes.
38	“ E o interessante é que se eu quisesse, eu acho que poderia até ficar bem nesta área pela ajuda que eu tive agora, mas que chegou tarde.”	O sucesso financeiro com a carreira jurídica é algo provável, considerando-se a ajuda familiar neste aspecto, mas que é tardia.	Solicitei ajuda da minha família no início do curso, mas ela só veio quando eu quis mesmo desistir do Direito. Agora sei que nesta área eu poderia ser bem sucedido financeiramente.
3.A escolha profissional equivocada			
3.1- O processo de escolha			
26	“ Bom, pelo que eu já conversei, todo mundo passa por um momento de indecisão dentro do curso, questiona se fez a escolha certa, fica na dúvida passageira ... “	É natural que as pessoas tenham uma dúvida passageira em relação a graduação escolhida enquanto a estão cursando.	Ficar indeciso, ter dúvidas em relação a escolha profissional é algo natural e que acontece com muitas pessoas e inclusive comigo.

3.2- Conflitos vivenciados			
7	“ Então, assim, eu já não podia mais fazer História, que era a vontade que eu tinha era dar aula e era obrigado a fazer Direito.”	As circunstâncias obrigam que a escolha profissional seja pelo curso de Direito em detrimento do curso do qual se gosta, o de História.	Fui obrigado a abrir mão do que eu desejava, o curso de História, para fazer Direito que era o que a minha família queria.
36	“ ...eu já entrei num negócio que eu não gostava, cercado de pessoas que eu não gostava. Isto foi muito difícil. Eu aceitei, aceitei.”	Fazer um curso que não gosta e conviver com pessoas de quem não se gosta, é uma situação muito difícil.	Vivi uma situação difícil ao cursar Direito, pois tive de aceitar conviver com pessoas das quais eu não gostava.
3.3- Posicionamento frente ao curso escolhido			
27	“Antes de ingressar na faculdade eu já sabia que eu não queria aquilo, agora que eu estou saindo, eu ainda continuo sabendo que é o que eu não quero. Fiz isto só para ter certeza.”	A decisão por não engajar numa carreira jurídica já era algo definido antes do ingresso na graduação de Direito e se confirma ao final da mesma.	Não mudei a minha opinião em relação ao curso de Direito desde que nele ingressei. Cursá-lo contribuiu para confirmar a minha certeza de que não é o que quero para mim.
4. -A trajetória Acadêmica			
4.1- Sentimentos presentes durante a vida acadêmica			
13	“ E assim, ao longo do tempo eu fui tomando uma raiva muito grande por causa disso. As matérias até que eu sempre passei com facilidade, eu estudava e tudo	A não concordância com o perfil do profissional do Direito com o qual se convive, faz com que a rejeição por tal área aumente, resultando na possibilidade de desistência do curso.	Não tive problemas com aprovação nas disciplinas, mas comecei a sentir uma grande raiva em ter que conviver com pessoas com características que não concordo. Isto gerou em mim uma crise que me levou a trancar a

	<p>mais. Mas para lidar no dia a dia com aquelas pessoas, era difícil.</p> <p>E foi quando eu comecei a ter a crise mesmo, foi em 2002, quando eu cheguei a trancar o semestre.”</p>		matrícula.
14	<p>“ Eu não aguentava mais, para eu poder vir e assistir as aulas eu tinha que estar bêbado para suportar as pessoas, porque era um inferno. Infelizmente era um inferno e eu chegava aqui, não tinha interesse algum e tive mais problema com professor no mesmo sentido, entendeu?”</p>	<p>A dificuldade para lidar com a rejeição ao curso de Direito e conviver com as pessoas da área fica muito difícil e a maneira pela qual se busca suportar tal situação, é através da bebida.</p>	<p>Freqüentar às aulas do curso de Direito para mim era como estar no inferno e a única forma que eu encontrei para levar isto adiante foi através da bebida.</p>
18	<p>“ Me criou uma revolta, eu queria chocar as pessoas, queria agredir as pessoas por causa disso. E fui levando. Se eles me cutucavam de alguma forma com esta impáfia, com esta arrogância, eu devolvia com grosseria e até com agressividade mesmo.”</p>	<p>A agressividade é uma forma de enfrentar uma situação que gera na pessoa insatisfação.</p>	<p>Eu fiquei muito revoltado com a situação de ser obrigado a fazer Direito. Isto fez com que eu me tornasse agressivo com as pessoas, principalmente para com aqueles que eram arrogantes.</p>

4.2- Percepção da profissão através dos professores			
9	“ Eu comecei o 1º semestre, não gostava de matéria alguma, não fazia lógica prá mim, e tive experiências com professores que me mostraram o lado ruim da profissão.”	A experiência no primeiro período do curso de Direito foi negativa em relação às disciplinas e aos professores.	Logo no início do curso percebi que não gostava das matérias, pois as mesmas não faziam lógica para mim, e ainda vivi situações com professores que me mostraram o lado negativo da profissão.
10	“E inclusive um deles chegou prá mim e me disse: - Olha, você não tem futuro, você não, logo no 1º semestre, você está desinteressado, você se for assim vai passar fome, e aquele negócio me marcou.”	A falta de incentivo por parte dos professores em relação ao futuro profissional logo no início do curso, contribuiu para a decepção com a carreira jurídica.	Um professor me marcou muito negativamente quando me disse que não teria futuro e não seria bem sucedido como profissional do Direito, pois para ele eu era desinteressado.
11	“ Eu continuei vendo mesmo na sala de aula, como é que as pessoas se comportavam com relação ao curso, com aquela impáfia, carregando aquele formalismo, como se fosse dono das coisas, porque o Direito infelizmente tem isso.”	A percepção dos profissionais do Direito como pessoas excessivamente formais, autoritárias, se confirmou já no espaço da sala de aula.	Eu percebia nas pessoas que estavam no curso de Direito, características como a impáfia, formalismo, e infelizmente, isto parece ser inerente as pessoas desta área.
	“ ...que o que mais me	A falta de inteligência emocional	As pessoas arrogantes, que se julgam

35	incomodou no curso foi a maneira como ele foi dado. Sabe, por pessoas que não tinham o preparo emocional para lidar com o poder e que já me mostraram, que eu sempre fui um cara muito ressabiado com as pessoas que chegam muito arrogantes, usando do título dela, da carreira dela para provar superioridade. Falo dos professores e mesmo de alguns alunos lá que falam eu sou filho de fulano de tal, isto acontece muito no Direito. E a falta de inteligência emocional delas me prejudicou bastante.”	por parte dos professores e alunos do curso de Direito, assim como a postura arrogante adotada por eles, causa incômodo para quem não aceita este tipo de conduta.	superiores me incomodam muito e pude ver isto nos professores e nos alunos do curso de Direito. Acredito que estas pessoas não estão preparadas emocionalmente para atuarem na carreira jurídica.
4.3- Posicionamento frente à vida acadêmica			
17	“ Aí começou um ato de resistência. Eu falei assim: - Não! Eu estou fazendo um curso que eu não gosto, portanto, que eu vou fazer? Vou fazer isto daqui da maneira mais diversa possível, né,	O fato de se fazer o curso de Direito e não gostar do mesmo, faz com que não haja empenho e comprometimento na trajetória acadêmica.	A forma que encontrei de adotar uma postura de resistência em relação ao curso de Direito, foi conduzi-lo sem compromisso.

	que as pessoas costumam fazer. E eu chutei o balde mesmo.”		
23	<p>“ Assim, hoje eu não vou dizer que eu esteja mais infeliz, mas eu acostumei com a situação. Eu aceitei que é uma coisa que eu não queria, que eu perdi anos da minha vida aqui dentro, que outras pessoas que eu vejo que fazem o curso, que gostam mesmo, elas estão felizes e não estou com isso, mas aceitei. É uma parte da minha vida que não vai voltar, mas eu aceitei isso.”</p>	<p>A conformidade com a situação de se cursar uma graduação da qual não gosta e o tempo que se perdeu com isto, diminui a tristeza em relação a esta temática.</p>	<p>Aceitei o fato de que perdi parte da minha vida fazendo um curso do qual não gosto. Isto já me causou infelicidade, hoje não causa mais porque eu me conformei com a situação. Vejo que as pessoas que fazem o curso porque gostam, são felizes.</p>
30	<p>“ Quando eu entrei aqui e vi que não tinha controle algum, que o negócio era difícil mesmo, eu amadureci bastante neste sentido. Vi que a vida não é, infelizmente, o que a gente quer que seja. No colégio eu direcionava. Eu gosto disto, vou ser bom nisto.”</p>	<p>A vida acadêmica na graduação é diferente da vida no colégio, pois não se pode apenas fazer o que se quer, o que acarreta um sentimento de infelicidade, mas que possibilita o amadurecimento.</p>	<p>A minha experiência no curso de Direito me mostrou que eu não tinha o controle de tudo, não podia fazer tudo o que queria. Isto contribuiu para o meu amadurecimento.</p>

31	“ Aqui sempre detestei todas as matérias, e procurei empurrar com a barriga mesmo.”	Não gostar das disciplinas que compõem o currículo do curso de Direito, faz com que as mesmas sejam cursadas com certo descompromisso.	O fato de fazer o que não queria me levava a conduzir o curso sem compromisso.
37	“ Falta agora seis meses para eu me formar e eu vou levando este final sem compromisso algum de me envolver em questão de aula, me chatear, envolver em briga com professor, levando este final na paz. “	A opção por não se envolver com o curso e questões inerentes a ele, é a forma encontrada para se chegar ao final do mesmo em paz.	Agora que estou terminando o curso de Direito, decidi não mais usar a agressividade como havia feito até então. Decidi adotar uma postura de resignação em relação a esta questão, mas também de descompromisso.
4.4- A vida acadêmica no ensino médio			
28	“ A vida inteira eu sempre fiz o que eu queria dentro do colégio. Sempre direcionava as matérias, os projetos, sempre que eu queria, e assim, eu era uma pessoa que quando me contrariavam, eu não sabia muito bem lidar com isso, sabe? “	O fato de se fazer sempre o que se quis dificulta a aceitação de posicionamentos diferentes.	Sempre tive dificuldades em lidar com opiniões contrárias às minhas. No colégio eu sempre pude direcionar e fazer o que eu queria.
29	“ Eu era mais feliz, né, na época do colégio. Sabe, inclusive mesmo em História, Geografia, eu	Fazer o que quer e como se quer , como ocorria nos anos em que se estudava no colégio, resultava em	Era feliz enquanto estava no colégio, pois podia fazer as coisas como queria, e por isso me empenhava, era interessado.

	desenvolvia projetos, assim, extra-classe, eu conversava muito com os professores e assim era muito interessado nisto e levava as coisas muito do meu jeito.”	felicidade.	
5. Nova escolha profissional			
5.1- Posicionamento frente à profissão escolhida equivocadamente			
5	“ Então se eu não fizer isso, eu quero fazer para qualquer outra coisa, mas não quero fazer para Direito. “	A rejeição pelo curso de Direito faz com que a escolha profissional perpassse por qualquer outra área.	Eu decidi que se eu não fizesse História, também não faria o curso de Direito que era o que a minha família queria.
19	“E fui levando esse negócio, né, até que no começo deste ano eu tomei a decisão que eu não vou mexer com Direito mesmo, estou mexendo agora porque eu, infelizmente, preciso de dinheiro, né, e eu estou no escritório do meu avô e ele está me dando uma remuneração razoável.”	A questão financeira faz com que se prossiga na trajetória acadêmica da carreira jurídica, embora a decisão pela não atuação, futuramente, nesta área já tenha sido tomada.	Decidi que não vou exercer a profissão depois que me formar em Direito. Estou trabalhando na área por causa da remuneração que recebo.
5.2- Projetos para o futuro profissional			
	“ Vou pegar este salário e vou investir em outro curso,	Os recursos financeiros advindos da compensação financeira	Vou aproveitar a oportunidade de ganhar um bom salário e guardar dinheiro a fim de

22	entendeu? Estou guardando este dinheiro, mas vou investir assim, em algo mais natural que o Direito, porque este curso realmente não gosto. “	proporcionada pela família, se tornam recursos para o investimento em outra profissão.	investir em um curso diferente do Direito e que eu goste.
24	“ ...primeiro eu tenho que formar aqui no curso de Direito para ficar livre dessa obrigação para com a minha família. Com o dinheiro que eu estou juntando, eu vou fazer outro curso depois.”	Terminar o curso escolhido pela família é uma obrigação, e somente depois disto, será possível cursar a graduação que realmente se quer.	Formando em Direito estou livre da obrigação para com a minha família, e então poderei fazer o curso que quiser por minha própria conta.
25	“ Estava na dúvida entre Publicidade e Filosofia, mas vou fazer Publicidade. É uma coisa mais dinâmica, onde eu possa exercer a criatividade...”	A possibilidade de se usar a criatividade e o dinamismo são os requisitos para a escolha de um novo curso de graduação.	Quero fazer Publicidade por ser um curso dinâmico e no qual terei a oportunidade de exercer a minha criatividade.
34	“ Depender financeiramente dos outros é difícil, não tem independência e eu tenho certeza que até 2006, eu já consegui isto.”	A dependência financeira é um impedimento para que se tenha independência em outras áreas da vida.	O que eu quero é conseguir a minha independência financeira o que acontecerá até 2006, para conseguir a minha independência como pessoa.
5.3- Percepção da profissão como prazer			

41	<p>“ Então, eu acho assim, que eu poderia até ficar bem, mas eu não vou botar dinheiro na frente de felicidade não.”</p>	<p>A carreira jurídica pode trazer sucesso financeiro, porém não trará a felicidade que é prioritária.</p>	<p>Hoje eu sei que a minha felicidade é muito mais importante que o dinheiro que eu poderia ganhar na carreira jurídica, por isso eu faço opção por ela.</p>
42	<p>“ Vou fazer o que eu gosto, mesmo que seja para passar dificuldade. Dificuldade financeira acho que todo mundo passa, não tenho que tentar viver numa ilha isolado de todo mundo. Vou lutar por isso.”</p>	<p>Passar por dificuldades financeiras é algo que acontece com as pessoas, portanto isto não deve ser impedimento para se fazer o que se gosta.</p>	<p>Escolhi fazer o que gosto e não me preocupar com a questão financeira. Percebi que se eu lutar pelo que eu quero, serei feliz.</p>

Entrevistado 02

1- A família

- 1.1- Percepções em relação à família
- 1.2- Influência da família na escolha profissional
- 1.3- Apoio da família na escolha profissional

2- Percepção da carreira profissional

- 2.1- Sentimentos em relação à profissão escolhida
- 2.2- Percepções em relação à profissão escolhida

3- A escolha profissional equivocada

- 3.1- O processo de escolha
- 3.2- Conflitos vivenciados
- 3.3- Suporte terapêutico no processo da escolha
- 3.4- Posicionamento frente ao curso escolhido
- 3.5- Opiniões externas quanto à decisão de deixar o curso

4- A trajetória acadêmica

- 4.1- Sentimentos presentes durante a vida acadêmica
- 4.2- Percepção da vida acadêmica

5- Nova escolha profissional

- 5.1- Projetos para o futuro profissional
- 5.2- Percepção da profissão como prazer
- 5.3- Sentimentos frente a uma nova escolha
- 5.4- Posicionamento frente a uma nova escolha

Entrevista 2

N° TRECHO	TRECHO	ORGANIZAÇÃO DA FALA	EXTRAÇÃO DO SIGNIFICADO
1.- A Família 1.1- Percepções em relação à família			
46	<p>“Essa minha família é maravilhosa! Ninguém nunca falou nada de eu estar mudando de curso, ninguém nunca brigou, reclamou, principalmente os dois que são os mais importantes. Por incrível que pareça, ninguém nunca falou nada.”</p>	<p>Não há interferência da família na escolha profissional, fato que faz com que a família seja considerada maravilhosa.</p>	<p>Eu acho a minha família maravilhosa porque nunca brigou, reclamou pelo fato de ter escolhido um curso e agora querer mudar para outro, principalmente meu avô e minha mãe.</p>
	<p>“E eu briguei muito na minha casa. Ninguém gosta</p>	<p>Há uma irritação em relação a família por não ter ajudado a efetuar a escolha profissional. Houve</p>	<p>Eu queria que a minha família tivesse me ajudado a escolher o meu curso e como isto não</p>

67	<p>de mim. Porque meu irmão quando ele tentou (risos), todo mundo falou, vai!... Todo mundo ajudando ele e ele não queria ajuda (risos). Eu queria e ninguém me ajudou. Tipo assim, eu fiquei muito irritada, assim, mas a todo momento eu via que é porque todo mundo sabia que ele tava fazendo aquela escolha por causa do meu pai.”</p>	ajuda para o irmão quando a família percebeu que ele escolheu uma profissão por causa do pai.	aconteceu, eu briguei muito e disse que ninguém gostava de mim. Fiquei irritada por todo mundo ajudar meu irmão, mas vi que era porque eles perceberam que ele escolheu uma profissão por causa do meu pai.
1.2- Influência da família na escolha profissional			
13	<p>“ E eu sempre tive o sonho de ir pra fora, morar nos Estados Unidos, pela minha família. Minha família paterna toda mora lá e a irmã caçula da minha mãe também mora lá e o meu sonho era ir lá... e não pude ir com o ataque das torres e</p>	Há um sonho desde criança de se viver nos Estados Unidos, onde mora a família paterna. Devido ao incidente com as torres gêmeas nos EUA, a entrada neste país foi dificultada, frustrando estes sonhos.	Eu cresci sonhando em ir para os Estados Unidos, onde mora minha família paterna. Só que esteve sonho foi impedido de se realizar por causa do ataque às torres gêmeas e eu fiquei muito chateada com isso.

	aquilo me deixou muito chateada, muito triste, era um sonho. Cresci com aquilo, de formar o segundo grau e ir para lá. Aí não fui.”		
69	“ A minha mãe falava: - Pensa quantos pais não obrigam os filhos a fazer uma faculdade? Eu falei, eu preferia que alguém tivesse me obrigado, porque aí eu estaria odiando, odiando e eu estaria ali por causa do meu pai e da minha mãe que me obrigaram. A responsabilidade é deles, eles é que me obrigaram a ir.”	Acredita-se que se a escolha profissional tivesse sido imposta pelos pais, a responsabilidade pelo erro na escolha seria deles.	Eu preferiria que meus pais tivessem me obrigado a escolher um curso superior, pois eu odiando este curso poderia responsabilizá-los por isso.
1.3- Apoio da família na escolha profissional			
7	“...e eu sou muito estressada e minha família não quis me apoiar na decisão. Me apoiar assim, falando você se parece com isso, ou com aquilo. Ninguém nunca quis. Sempre falou assim: - isso é uma	É esperado que a família ajude na escolha profissional, até mesmo direcionando para uma carreira profissional, e isto não acontecendo, é motivo de maior desgaste por parte do jovem.	Eu queria que a minha família tivesse me dito qual profissão escolher e como aconteceu o contrário, deu-me liberdade para fazer isto, fiquei estressada ao fazer esta escolha.

	escolha sua, você que tem que estar buscando, a forma como você acha melhor...”		
8	“ ... me deram o amparo de aceitar a minha escolha e me ajudar a pagar a faculdade. Em relação a minha escolha ninguém meteu o bedelho.”	A família não interferiu na escolha profissional. Ela acatou e apoiou financeiramente o curso escolhido.	Eu fiz uma escolha profissional sem a interferência da minha família. Ela aceitou o curso que escolhi e me ajudou financeiramente.
21	“Meu avô na hora levantou e falou: - Não! Se é o que você quer, você não vai deixar de estudar por falta de dinheiro não! Eu te ajudo. Minha mãe idem. A minha tia dá aula na Newton e falou: - Não! Eu vou tentar uma bolsa pra você e tal.”	A família oferece apoio financeiro para que seja possível cursar a graduação escolhida.	Eu tive ajuda financeira da minha família para que eu pudesse fazer o curso que eu acreditava ser o eu queria.
45	“... e quando eu falei: - Mamãe, vou fazer Jornalismo! Ela falou: - Acho que tem a ver com você. Eu falei: - Que droga que ela não falou antes! (risos). Por que você não falou	Quando se decide fazer Jornalismo, há o apoio e concordância da mãe, que reforça a idéia de a escolha deve ser da filha.	Eu queria que a minha mãe tivesse me dito antes que eu tinha jeito para Jornalismo. Ela me disse que não fez isto porque a escolha tinha de ser minha. Minha mãe me apoiou nesta nova escolha.

	antes de eu tentar? Não, porque é uma escolha sua, respondeu minha mãe.”		
61	“E ela fala muito isso comigo. A vida inteira você vai pensar isso. Se você tivesse concluído Comércio Exterior, se você tivesse feito outro curso, se você tivesse ido embora para os Estados Unidos. Sempre você vai ter esta dúvida.”	Sempre haverão dúvidas em relação a profissão que escolhemos e em relação às que não escolhemos.	Segundo a minha tia, eu sempre terei dúvidas e pensarei nas possibilidades de ter concluído o curso de Comércio Exterior, de ter feito outro curso ou de ter ido embora para os EUA.
68	“ E eu quero ajuda! Ninguém me ajuda! Eu falava com a minha avó, e a minha avó me xingava. Me xingava prá eu parar de perguntar porque ela não ia me ajudar, que aquilo era uma escolha minha, que eu tinha que encontrar o meu caminho. O caminho era meu e eu ficava imaginando.”	Pede-se ajuda para a família ao escolher a profissão, mas a família não interfere por acreditar que cada um deve encontrar o seu caminho.	Eu queria ajuda da minha família na escolha da profissão, mas eles se recusaram, me xingaram e me disseram que eu mesma deveria encontrar o meu caminho.
2.- Percepção da carreira profissional			
2.1- Sentimentos em relação à profissão escolhida			

24	“ Aí eu comecei a ficar angustiada, porque a matéria era a principal do curso, é Administração. Aí eu tô, gente mas eu não dou conta de gostar disso, eu tenho que ler, eu gosto de ler, mas isto me enjoa, não tô dando conta.”	Estudar a matéria de Administração, a principal do curso, causa angústia. Não há como gostar da disciplina, mesmo tendo habilidade de leitura.	Eu fiquei angustiada em ter que estudar a matéria de Administração, a principal do curso. Eu gosto de ler, mas me enjoa a leitura referente a esta matéria.
32	“Eu estou tão desiludida com esse curso, eu não tô dando conta desse negócio que eu vou ter que furar os olhos das pessoas.”	Ter que enganar as pessoas no exercício da profissão faz com que se tenha desilusão com o curso.	Eu me desiludi com o curso por ter que furar os olhos das pessoas no exercício da profissão.
2.2- Percepções em relação à profissão escolhida			
15	“Mas eu falei ah eu não quero não, é muita matemática, administração, muito cálculo, matemática. Não! Você vai ter só matemática I, II, no máximo III. E eu muitos meses pensando, avaliando e chegou a época do vestibular e ainda fiquei meio assim, não sabia o que eu tentava. E fiz a escolha pelo	A princípio a profissão de Comércio Exterior é rejeitada pela cliente por ser uma área que exige muitos cálculos matemáticos. Mas com o incentivo da terapeuta, apesar de ainda haver dúvidas por parte da cliente, a mesma se inscreve para o vestibular em Comércio Exterior.	Eu não queria Comércio Exterior por ter muito cálculo, matemática e administração. Mas fui incentivada pela minha terapeuta para fazer o vestibular, mesmo tendo dúvidas até a última hora.

	Comércio Exterior, mas assim, na última semana, eu fiz a inscrição na última semana.”		
17	“Comércio Exterior, o que eu vou fazer? O que eu vou ser? Aí eu comecei. Não, eu vou ser administradora e vou ter ainda aquele quê mais de exportar e importar.”	O profissional de Comércio Exterior é um administrador com conhecimentos específicos em exportações e importações.	Eu não sabia ao certo o que um profissional de Comércio Exterior faz. Sabia apenas que era um administrador que entendia de exportar e importar.
37	“ O Administrador em Comércio Exterior, ele vai comercializar, vai mentir, vai omitir, ele vai pintar mais bonitinho uma coisa que às vezes não é tão linda assim. Eu não quero isso. Ah! Eu quero mexer diretamente com as pessoas.”	O profissional de Comércio Exterior, ao comercializar, omite, mente e distorce a realidade. Estas coisas são rejeitadas e motivo para não querer exercer esta profissão. O que se deseja é trabalhar diretamente com as pessoas.	Eu não queria ter que omitir, mentir e distorcer a realidade para torná-la mais bonitinha ao exercer a minha profissão de Comércio Exterior. Eu queria trabalhar diretamente com as pessoas.
3.-A escolha profissional equivocada			
3.1- O processo da escolha			
1	“Faço Comércio Exterior. Fiz esta escolha há dois anos atrás e acredito que não tenha sido uma	A escolha pelo curso de Comércio Exterior há dois anos não foi difícil de ser efetuada.	Acredito que fiz uma escolha sem dificuldades pelo curso de Comércio Exterior há dois anos.

	escolha difícil...”		
2	“...tinha uma dificuldade para escolher meu curso, porque eu gostava de muita coisa, tinha afinidade com muita coisa e não conseguia achar o curso.”	A escolha por um curso foi dificultada pela indefinição de gostos e afinidades em relação a uma área profissional específica.	Tive dificuldades em escolher um curso por causa da minha indefinição em relação a afinidade e gosto por um curso apenas.
5	“Fiz orientação vocacional no cursinho, mas a orientação vocacional do cursinho não te dá respostas, te ajuda num caminho, te dá testes, mas nada que te dê uma resposta, nem área, nem que você tem aptidão pra essa área ou aquela.”	A orientação vocacional é um serviço que foi prestado pelo cursinho pré-vestibular, mas que ao contrário do que se espera, não dá respostas, aponta apenas caminhos.	Eu fiz testes de orientação vocacional no cursinho que não me deram respostas em relação ao curso e nem a área profissional que eu deveria cursar, que era o que eu esperava.
16	“ E quando eu fiz , eu tô assim, ah gente será que eu tento isso? Mas eu nem conheço, porque eu sempre achei e acho até hoje, que a gente entra na faculdade por achômetro. Eu acho que é por achômetro. A gente não tem conhecimento do que	O ingresso na faculdade ocorre sem as informações necessárias sobre o curso e sobre a profissão escolhida, o que gera dúvidas e incertezas..	Eu tive dúvidas ao fazer a escolha profissional, pois não tinha informações sobre o curso e nem sobre o eu seria após formar neste curso.

	a gente vai ver, do que a gente vai ser depois que a gente vai formar.”		
20	“...aí tentei vestibular feliz, escondido, na semana do vestibular eu contei pra minha mãe... e eu falei: - olha gente, tentei pra descobrir como é que é, o curso da minha vida! O curso da minha vida!”	Acredita-se que o curso escolhido para prestar o vestibular é uma escolha acertada. Esta escolha é ocultada da família até na semana do vestibular.	Eu acreditava que havia escolhido o curso da minha vida. Guardei segredo acerca desta escolha até na semana do vestibular, quando então contei para a minha mãe.
30	“Quando eu decidi fazer o meu curso, eu tinha duas coisas que eu tinha certeza que eu não queria: que era dá aula, que eu não concebia... E duas coisas que eu não queria era dar aula e fazer um curso ligado a Matemática. E fui escolher Comércio Exterior, que Administração é Matemática.”	No momento em que se decide por um curso, considera-se duas coisas que não quer: dar aulas e fazer um curso que tenha matemática. Entretanto, a escolha é pelo curso de Comércio Exterior que possui matemática em seu currículo.	Eu decidi quando escolhi o meu curso que não queria dar aulas e nem fazer um curso que tivesse matemática. Porém, escolhi o curso de Comércio Exterior, que é um curso de Administração e que tem matemática.
35	“ Aí eu comecei a falar o que que eu vou fazer para mim me ajudar a fazer esta escolha.	A necessidade de ajuda para se efetuar a escolha profissional faz com que se busque novamente um serviço de orientação	Eu decidi buscar um serviço de orientação profissional para me ajudar na escolha profissional. Embora não tenha conseguido

	Fui fazer orientação vocacional de novo, que era outra orientação que não me dava respostas e eu comecei a descobrir sobre as profissões, a estudar sobre as profissões, comecei a me descobrir lá dentro também muita coisa sobre mim.”	vocacional. Este serviço não dá respostas, mas possibilita conhecer as profissões e a si mesma.	respostas que eu procurava, descobri mais sobre as profissões e comecei a me conhecer mais.
51	“ Eu passei por uma escolha gigantesca do meu curso. Eu pensei em fazer Biologia... Não é prá mim Biologia.... E então, Biologia não era prá mim e Administração nunca pensei também, Matemática, nunca foi uma coisa que eu quisesse mexer no meu dia a dia.”	Há dúvidas em relação a escolha da profissão e se pensa cursar Biologia, Administração, mas são descartadas por não se gostar das mesmas.	Eu tive dificuldades em escolher uma profissão. Pensei em Biologia, mas não era para mim. Administração também não era por ter matemática e eu não queria mexer com isto no meu dia a dia.
3.2- Conflitos vivenciados			
60	“ ... hoje eu ainda olho prá mim no espelho e falo: -Não sei se é isto que eu quero. E a minha tia, que é psicopedagoga, fala comigo, você	Ainda há duvidas quanto à escolha da profissão. A tia psicopedagoga pontua que as pessoas nunca saberão se poderiam ter escolhido outro caminho.	Eu tenho dúvidas quanto a profissão que eu quero. A minha tia, que é psicopedagoga, fala que eu nunca vou saber, porque as pessoas nunca sabem se poderiam ter escolhido outro

	nunca vai saber. Por que? Porque a gente nunca sabe que a gente poderia tá escolhendo outro caminho.”		caminho.
63	“Foram sentimentos muito misturados, porque era um momento todo horrível. Eu descobri num momento horrível da minha vida, assim. Eu já tava muito triste com a perda do meu pai, assim, super conformada, sabia que não tinha nada a se fazer além de me permitir viver aquela dor, naquele momento de angústia de estar no lugar errado.”	A descoberta que a escolha profissional foi equivocada coincide com a morte do pai, o que torna o momento ainda mais difícil, gerando sentimentos confusos. Há a tristeza e conformidade em relação a perda do pai a partir do momento em que se permite vivenciar esta dor, mas há angústia em relação ao curso.	Eu vivi sentimentos misturados quando descobri que não era o curso que eu queria. Este momento foi horrível porque coincidiu com a perda do meu pai. Eu senti tristeza, mas me conformei, me permiti viver aquela dor agravada pela angústia de estar no lugar errado.
64	“Eu fiz a minha escolha. Eu tô sofrendo, olha que coisa mais horrorosa de se pensar. Eu tô sofrendo uma dor, e chorava, quantas vezes eu chorei por causa desse curso. Falei, gente, que que	Há um sofrimento decorrente de uma escolha profissional equivocada, que provoca dor, choro e questionamentos em relação a permanência no curso.	Eu sofri com a escolha profissional que eu fiz. Eu senti uma dor, chorei por causa do curso e me perguntei o que estava fazendo ali.

	eu estou fazendo aqui!”		
65	“ E eu chorava, e a culpa era minha! Eu tô sofrendo e a culpa é minha! Eu criei a minha dor. Eu fiz a escolha por estar num curso que tá me fazendo sofrer. Assim, meio que, eu tô me machucando, assim sabe?”	Há uma dor, um sofrimento causado por si própria ao fazer uma escolha profissional equivocada e que machuca.	O meu sofrimento é culpa minha. Eu criei a minha dor ao escolher um curso que me faz sofrer. É como se eu estivesse me machucando.
66	“É decepcionante saber que você não se conhece, você não sabe sobre você, sobre o seu desejo, sobre a sua escolha. É decepcionante.”	Causa decepção não conhecer a si mesma, não saber qual é o seu desejo, a sua escolha.	Estou decepcionada por não me conhecer, não saber sobre mim, sobre o meu desejo, a minha escolha.
70	“Era isso que eu estava sentindo. Se alguém me tivesse feito sentar nessa cadeira para vim estudar, ótimo, eu terminava o curso feliz, porque eu tava triste porque a escolha era minha. Eu tava fazendo uma coisa que eu não gostava, e eu	A escolha profissional não é algo imposta, mas uma escolha pessoal com iniciativa própria e que traz sofrimento por ser equivocada.	Eu fiz uma escolha profissional e descobri que não gostava do curso. Ninguém me obrigou a fazer esta escolha, se isto tivesse ocorrido eu me sentiria menos culpada.

	<p>fiz a escolha, o “X” na hora da prova foi meu. A inscrição fui eu que fiz, ninguém me obrigou, não tinha ninguém me ameaçando.”</p>		
72	<p>“...eu sempre fui totalmente metida a saber tudo. Até hoje, a hora que a gente briga, minha mãe fala: Ah, o seu problema é que você está sempre certa, você sempre sabe tudo! Imagina, a sempre certa, a que sabe tudo, não sabe o que quer prá ela?”</p>	<p>Vive-se um conflito por sempre ser considerada aquela que está sempre certa e sabe tudo, mas que no momento de uma reescolha profissional não sabe o que quer, o que escolher.</p>	<p>Eu sempre fui uma pessoa que sabia de tudo, que estava sempre certa, porém agora não sei o que quero para mim.</p>
73	<p>“Eu me via vendo o que era bom para os outros e eu sei tudo o que é bom para os outros e prá mim? ...E prá mim, o que que é bom prá mim? Eu estou insegura.”</p>	<p>Sabe-se o que é bom para as pessoas, mas há insegurança em relação ao que é bom para si.</p>	<p>Estou insegura em relação ao que seja bom para mim, pois sempre soube o que era bom para os outros.</p>
3.3- Suporte terapêutico no processo da escolha			
6	<p>“E eu fazendo terapia, eu conversava sobre o assunto...”</p>	<p>A terapia é um espaço utilizado para falar sobre a escolha profissional.</p>	<p>Eu aproveitei a terapia para falar sobre a dificuldade em escolher um curso.</p>
	<p>“... no meio do ano a minha</p>	<p>A terapeuta preocupada com a ansiedade</p>	<p>Eu não queria fazer vestibular no meio do ano</p>

9	<p>terapeuta falou: - Oh, quem sabe você não tenta no meio do ano, você é muito ansiosa, você não sabe como é que é. Tenta! Mas eu falei eu nem sei o que que eu quero.</p> <p>Aí ela falou: - Não! Tenta.”</p>	<p>de sua cliente e sua inexperiência com vestibular, sugeriu que ela fizesse um no meio do ano letivo, mesmo sem ter se definido por um curso em específico.</p>	<p>por não saber para qual curso, mas a minha terapeuta me incentivou para eu tentar assim mesmo.</p>
10	<p>“...eu comecei a fazer esse processo de descobrimento do que eu queria. Eu comecei a falar sobre o que eu gostava, sobre o que eu não gostava, sempre tratando isso nas minhas sessões de terapia.”</p>	<p>Nas sessões de terapia discutia-se sobre a escolha profissional na tentativa da cliente descobrir suas aptidões e seus gostos.</p>	<p>Eu comecei a descobrir do que gostava e do que não gostava em relação ao aspecto profissional nas minhas sessões de terapia.</p>
11	<p>“E eu nem conhecia a profissão, nem nunca tinha ouvido falar, e uma vez ela me falou sobre essa profissão, a gente começou a conversar sobre as profissões.”</p>	<p>A terapeuta é a pessoa que fala sobre a possibilidade de se cursar Comércio Exterior e com quem também se discute o assunto da escolha profissional.</p>	<p>Eu não conhecia a profissão de Comércio Exterior. Quem me falou sobre ela foi a minha terapeuta quando conversamos sobre profissões.</p>
12	<p>“Ela me falou da Psicologia que ela conhecia, de outras profissões que ela conhecia, eu falei de muitas que eu conhecia pela minha família, e</p>	<p>Durante a sessão de terapia discute-se o assunto da escolha profissional abordando as profissões conhecidas pela cliente e pela terapeuta, dentre elas a do Comércio</p>	<p>Eu conversei com a minha terapeuta sobre as profissões que eu conhecia, inclusive as existentes na minha família. A terapeuta também me falou das profissões conhecidas por ela,</p>

	ela falou comigo: Ah! Você conhece Comércio Exterior?	Exterior.	inclusive a de Comércio Exterior.
14	“Aí ela me contou sobre a profissão, sobre o que ela conhecia da profissão, tinha uma pessoa muito próxima dela que fez Comércio Exterior nos Estados Unidos e que hoje ela gerenciava uma empresa de grande porte e era a responsável pela América Latina na empresa... Me deslumbrou né!”	A terapeuta fala sobre a profissão de Comércio Exterior e cita um profissional desta área, de seu conhecimento, com grande êxito profissional, causando um deslumbramento na cliente.	Eu me deslumbrei com a profissão de Comércio Exterior quando a minha terapeuta falou sobre ela e de um conhecido seu que tinha sucesso profissional nesta área.
50	“A minha terapeuta falava isso muito comigo, quando cismeiei de fazer outros cursos... Ela falava assim: -Não tem como você ter um ponto meio termo não? Você tem que tá entre, ou você não faz o curso ou você não faz a profissão, ou faz o pior dela.”	A terapeuta pontua que a cliente tem gostos profissionais que ela considera extremos, ou seja, o lado pior da profissão.	Eu ouvia da minha terapeuta que eu não tinha um meio termo em relação a escolha profissional, ou seja, as minhas escolhas eram extremistas, escolhendo sempre a pior área da profissão para atuar.
3.4- Posicionamento em relação a profissão escolhida			
	“Aí esse colega foi me ajudar, mas	Um colega se dispõe a ajudar esclarecendo	Eu percebi que Comércio Exterior não era para

31	eu falei: -Gente, eu não quero ser ajudada, eu não quero fazer isso!... Eu tinha que omitir tudo, tinha que mentir um pouquinho e eu comecei a olhar e falei: -Gente, isso não é pra mim.”	aspectos em relação à prática de um profissional de Comércio Exterior, apontando para a necessidade de se omitir, mentir em alguns momentos, o que causa indignação.	mim quando um colega se prontificou a me ajudar e disse que omitir, mentir fazia parte da prática de um profissional de Comércio Exterior.
36	“E comecei a ver o que que eu gosto, o que que eu gosto e a falar. Primeira coisa, eu amo muito falar e gosto de gente, gosto de mexer com gente. Eu não gosto de comercializar com pessoas não.”	Com a orientação vocacional descobre-se que gosta muito de falar, lidar com pessoas e que não se gosta de comercializar.	Eu descobri através da orientação vocacional que gosto muito de falar, de mexer com gente e que não gosto de comercializar com pessoas.
52	“Sempre pensei na área de humanas e fui cair na Administrativa por um sonho que eu descobri que se for prá eu ir, eu vou fazer o que for, assim, se for da vontade de Deus eu ir, eu vou, eu não posso lutar contra.”	Pensa-se em efetuar uma escolha na área de humanas, mas o ingresso é em um curso de Administração. Há uma resignação em aceitar tal fato se for o desígnio de Deus.	Eu queria fazer um curso na área de humanas e acabei entrando num curso de administração e se for da vontade de Deus, vou fazê-lo, pois não posso lutar contra isso.
54	“Porque se eu não estou gostando, não vou continuar o curso por	Decide-se continuar no curso somente se estiver gostando dele.	Eu não estou gostando do curso e por isso, não vou continuar a cursá-lo.

	isso.”		
71	“Foi a primeira escolha importante que eu fiz na minha vida, foi a primeira vez que eu assumi... Eu era nova, nunca tinha trabalhado.”	A escolha pelo curso de Comércio Exterior é a primeira escolha importante que se faz na vida e ocorre sendo bem jovem.	Eu fiz a primeira escolha importante na minha vida quando escolhi o curso de Comércio Exterior e eu era nova.
3.5- Opiniões externas quanto à decisão de deixar o curso			
56	“Aí fica todo mundo, ah você está saindo de um curso maravilhoso, cheio campo abrindo.”	As pessoas acreditam que o campo de trabalho para o profissional de Comércio Exterior é promissor.	Eu estou saindo de um curso que as pessoas acreditam que é maravilhoso e que o campo de trabalho está se abrindo.
4.- A trajetória Acadêmica			
4.1- Sentimentos presentes durante a vida acadêmica			
22	“Vim feliz e estudei. No 1º semestre foi tudo bem, tinha algumas coisas que eu não gostava, mas a todo momento eu pensava, ah tem coisa que eu não gosto, mas tudo vai ter alguma coisa que eu não gosto... . Aprendi coisa que eu já estudei no colégio e não tinha aprendido, aqui eu aprendi de verdade.”	No princípio do curso é experimentado momentos de felicidades e momentos em que se percebe que há coisas que não são tão agradáveis. De qualquer forma a aprendizagem acontece.	Eu fiquei feliz em estudar, embora pensasse sempre que havia coisas no curso das quais eu não iria gostar. Realmente aprendi neste curso.

23	“Aí veio o 2º semestre... e eu comecei a viver, intensifiquei essa crise. Já não era mais oba oba de calouro, já era coisa séria, e eu tô gente, é muito para eu não estar gostando.”	A crise em relação a escolha profissional inicia-se no 2º período, quando se percebe que não está gostando do curso.	Eu comecei a viver uma crise quando percebi que não estava gostando do curso, e que a fase de calouro já havia passado e o curso deveria ser levado a sério.
25	“Aí eu tá, não tô gostando, mas eu tenho que amadurecer esta idéia, e a sala já estava pior do que estava antes e eu já estava ficando mal humorada...”	Torna-se necessária o amadurecimento da idéia de continuidade no curso, uma vez que o comportamento dos colegas em sala piorara causando mau humor.	Eu fiquei mal humorada com a piorara no comportamento dos colegas de sala, e ainda não estava gostando do curso e precisava amadurecer a idéia de continuar nele.
4.2- Percepção da vida acadêmica			
18	“É lindo, maravilhoso, primeiro semestre é tudo maravilhoso, festa, barzinho, amigo novo, vida nova, tudo novo, você pode entrar e sair a hora que você quiser, mas eu sempre fui uma pessoa muito responsável e isto foi meio um choque para mim, porque a minha sala é uma sala muito difícil de	O ingresso no ensino superior é motivo de alegria e no início é uma novidade devido a liberdade que o aluno tem, mas que também pode causar estranhamento para alguns que não estão acostumados com a vida universitária.	Eu fiquei chocada com o comportamento dos colegas no primeiro semestre na faculdade. O clima na sala de aula era de muita festa, mas as pessoas para mim agiam com muita irresponsabilidade.

	lidar, muito complicada em relação a atitude, pessoal brinca muito, sai demais da sala, entra depois de ter bebido...”		
26	“Aí dois meses depois que a aula começou, o meu pai faleceu. Aí eu não assistia aula. Vinha para a aula, à sala, mas não assistia a aula. Saía da sala e chorava e foi muito, muito complicado.”	O falecimento do pai agrava a crise em relação ao curso, desestimulando a permanência em sala de aula.	Eu chorei muito por causa da morte do meu pai, fato que dificultou ainda mais eu assistir às aulas das quais já não estava gostando.
29	“Aí eu continuei o semestre, tive muita dificuldade no semestre, nossa!”	Decidi-se pela continuidade do curso naquele semestre e Enfrenta-se muita dificuldade.	Eu decidi continuar o curso no semestre e foi muito difícil.
5.- Nova escolha profissional			
5.1- Projetos para o futuro profissional			
42	“... posso fazer mil cursos depois, mas eu quero achar uma profissão que eu me forme bonitinha, que eu pague a minha próxima faculdade com ela, porque por eu gostar de muita coisa eu até acho que eu	Há o desejo de encontrar a profissão certa, portanto ingressar num curso e graduar-se nele. Através do exercício desta profissão, após formar-se, há planos para a continuidade dos estudos.	Eu queria achar a profissão certa, formar-me nela, trabalhar e ter recursos para financiar outros cursos após me formar.

	<p>possa fazer outras coisas depois, me especializar, fazer outro curso...”</p>		
43	<p>“... eu tenho que ter um ponto de partida, eu quero terminar o curso. Começar é fácil, eu quero é terminar.”</p>	<p>Há o desejo de se concluir um curso superior, mas é necessário encontrar o curso certo.</p>	<p>Eu queria encontrar o curso certo. Começar a cursa-lo e ir até o final.</p>
47	<p>“É, e por que eu quero Jornalismo?... Tem possibilidade de eu dar aula, depois que eu formar, numa faculdade com pessoas maduras (risos).”</p>	<p>Através do curso de Jornalismo há a possibilidade de se lecionar para pessoas com maturidade.</p>	<p>Eu queria fazer Jornalismo porque me dá a possibilidade de dar aulas para pessoas com maturidade.</p>
48	<p>“... eu fazendo uma faculdade vou poder dar aula depois no curso, depois prá dar aula sobre o curso, vai ter que ser uma pessoa que ama muito o que está fazendo e eu vou ser esta pessoa, que vou tá amando muito. Eu sou uma pessoa que me entrego às coisas e eu acho que o jornalista tem que se entregar, ele</p>	<p>Para exercer a profissão de Jornalista, acredita-se que deva ser uma pessoa que se entrega à profissão e para lecionar neste curso, a pessoa tem que amar o que faz.</p>	<p>Eu sou uma pessoa que me entregaria muito à profissão de Jornalista e por ser uma pessoa que também estaria amando o que faz, eu seria uma boa professora para o curso de Jornalismo.</p>

	tem que ser verdadeiro.”		
49	“Eu me vejo entrando na casa das pessoas para uma revista, prá um jornal, num jornal de televisão, na rádio, e fazendo a diferença... Eu sei que eu vou ter um chefe que vai me mandar, que vai deixar ou não eu fazer uma matéria e que vai ser escrita da forma como ele quer.”	Há o desejo de através da profissão fazer diferença na vida das pessoas, mas reconhece algumas dificuldades no exercício da mesma.	Eu sei que terei dificuldades no exercício da profissão de jornalista, pois terei um chefe que vai me mandar, mas eu terei a oportunidade de fazer a diferença na vida das pessoas através do jornalismo.
5.2- Percepção da profissão como prazer			
4	“...eu não queria acordar e falar: - ah! Mais um dia de trabalho, mas eu tenho que assim pra comer. Não! Queria que por ser um lugar em que ia passar uma boa parte do meu dia, eu quero uma profissão que me dê prazer. Sei que tem problemas, mas quero uma profissão que me dê prazer.”	O exercício da profissão deve proporcionar prazer para as pessoas, já que ocupa boa parte da vida delas. A idéia de se trabalhar apenas por uma questão de sobrevivência não é aceita.	Eu queria exercer uma profissão não por uma questão de sobrevivência, mas por uma questão de ser algo prazeroso, pois passamos boa parte de nosso tempo dedicando à ela.
	“Eu acredito que eu vim no mundo para ser feliz. Essa é a primeira	Há um desejo de ser feliz através de uma profissão que possibilite ajudar as pessoas,	Eu queria uma profissão que me fizesse feliz e que me possibilitasse ajudar as pessoas, fazendo

33	coisa. A segunda é que eu tenho uma coisa dentro de mim que me cutuca todos os dias, assim e fala: - Olha, você vai trabalhar para ajudar as pessoas. O seu trabalho, que você vai acordar sorrindo e saber que você vai tá fazendo a diferença na vida de alguém, de alguma forma.”	fazendo diferença na vida delas.	diferença na vida delas. É nisto que eu acredito.
39	“Bom, minha escolha é na área de humanas. Tentei Jornalismo. Tentei Jornalismo por quê?... Eu quero ser um agente modificador do mundo.”	A escolha profissional é pela área de humanas, especificamente pelo Jornalismo, profissão que possibilita ser um agente de mudanças no mundo.	Eu escolhi a área de humanas e tentei o Jornalismo porque acredito que esse curso me possibilite ser um agente modificador do mundo.
49	“Eu me vejo entrando na casa das pessoas para uma revista, prá um jornal, num jornal de televisão, na rádio, e fazendo a diferença... Eu sei que eu vou ter um chefe que vai me mandar, que vai deixar ou não eu fazer uma matéria e que vai ser escrita da forma como ele quer.”	Há o desejo de através da profissão fazer diferença na vida das pessoas, mas reconhece algumas dificuldades no exercício da mesma.	Eu sei que terei dificuldades no exercício da profissão de jornalista, pois terei um chefe que vai me mandar, mas eu terei a oportunidade de fazer a diferença na vida das pessoas através do jornalismo.

53	“Então eu não vou lutar prá isso, assim, eu tenho que ser feliz na minha profissão tando aqui ou tando lá.”	Há o desejo de sair do país e exercer a profissão lá, mas se aceita exercê-la no Brasil.	Eu tenho de aceitar ser feliz na minha profissão aqui no Brasil ou lá nos EUA, para onde eu gostaria de ir.
57	“Pode tá abrindo todos que eu tenho uma teoria assim: você ganha dinheiro, você tem emprego, quando você é bom no que você faz, é o melhor, ou um dos melhores. Você só é o melhor ou um dos melhores, quando gosta de fazer o que você faz.”	Acredita-se que para ser um profissional bem sucedido é preciso ser bom e um dos melhores no exercício da profissão. Isto só é possível se o profissional gosta do que faz.	Eu acredito que para ganhar dinheiro, é preciso ser bom e o melhor no que faz. Isto só é possível quando se gosta do que faz.
58	“Então eu vou ser a melhor Jornalista porque é o que eu amo, eu não vou ser a melhor Administradora em Comércio exterior porque não é o que eu gosto, eu nunca vou ser a melhor, porque não é o que eu gosto.”	Acredita-se que será uma boa jornalista por amar esta profissão e, em contra partida, não será uma boa Administradora em Comércio Exterior por não gostar da profissão.	Eu serei a melhor jornalista por amar esta profissão e não serei a melhor Administradora em Comércio Exterior porque não é o que eu gosto.
	“Se tem a possibilidade, eu tá fazendo uma coisa que eu gosto,	Há gosto pela leitura, em falar, escrever, transmitir informações e fazer a diferença	Eu gosto de falar, escrever, passar informações e fazer a diferença na vida das pessoas. Eu quero a

59	que eu amo, que é falar, ler, que eu amo, escrever que eu amo, passar a informação para as pessoas, que eu amo e fazer a diferença na vida das pessoas.”	na vida das pessoas. Há a possibilidade de fazer tudo isto através do Jornalismo.	possibilidade de escolher uma profissão que eu faça tudo isso.
5.3- Sentimentos frente a uma nova escolha			
40	“... eu tenho uma insegurança muito grande em fazer esta escolha de novo. Porque eu não posso ficar pulando cada ano para uma profissão. Não sou eu que pago. Se fosse eu que tivesse pagando, ainda ia. Meu avô e minha mãe sacrificando de outros lugares pra tá pagando faculdade, e eu não quero esse não. Ah, quero outro.”	Há uma insegurança em se fazer uma nova escolha profissional. A questão financeira é um fator a ser considerado já que há dependência do avô e da mãe para financiar os estudos.	Eu sinto insegurança para fazer uma nova escolha profissional. Não gostaria simplesmente de ficar trocando de um curso para o outro, pois tenho que considerar o fato que meu avô e minha mãe se sacrificam para pagar meus estudos.
41	“Essa mudança pra mim é muito mais difícil que minha escolha, porque eu assumir que eu errei por conta e risco, porque ninguém me ajudou a escolher, em mudar para	A mudança para outro curso é muito difícil, pois a escolha errada não foi feita por influência de outras pessoas, mas foi uma decisão pessoal.	Eu errei ao escolher a minha profissão e isto torna muito difícil fazer uma outra escolha, pois tenho que assumir os riscos. Tenho que fazer a escolha certa sozinha.

	outra coisa que tem que ser a certa...”		
44	“Então, assim essas coisas são difíceis pra mim por causa disso, porque eu acho que tem que ser uma escolha com muito mais propriedade, com muito mais maturidade depois de tudo que eu já passei, do conhecimento que eu tive...”	A nova escolha deve ser mais criteriosa, com maturidade e deve considerar a experiência anterior, por isso é difícil de ser efetuada.	Eu tenho que fazer uma nova escolha considerando tudo o que já passei. Esta escolha tem que ser feita com mais propriedade e maturidade.
55	“Então eu estou assim, bem envolvida, pensando muito mesmo se vou fazer Jornalismo, muito insegura com o mercado de trabalho, mas todo o mercado de trabalho hoje está complicado.”	Pensa-se em cursar Jornalismo, embora haja insegurança com o mercado de trabalho que de um modo geral está complicado.	Eu estou bem envolvida e pensando mesmo em fazer Jornalismo, mas estou insegura em relação ao mercado de trabalho embora saiba que o mercado esteja complicado para todas as profissões.
62	“Então, é uma coisa que... mas a minha dúvida de certa forma é maior. É o medo de errar de novo. É muito grande.”	A dúvida para se efetuar uma nova escolha profissional é agravada pelo medo de se errar novamente.	Eu tenho medo de errar de novo ao fazer a escolha profissional outra vez e por isso, sinto mais dúvidas.

5.4- Posicionamento frente a uma nova escolha

74	“Eu fiz a opção de pensar mais, de fazer esta escolha com mais propriedade, com mais maturidade.”	Há um posicionamento em se fazer uma reescolha profissional com mais maturidade, mais reflexão.	Eu decidi que vou pensar mais antes de fazer uma nova escolha profissional, para fazê-la com mais maturidade.
75	“Eu quero escolher, eu sei que vai ser uma profissão que vai ter coisa chata, eu sei... eu nunca imaginei que eu fosse entrar numa profissão que fosse um mar de rosas, mas eu quero que valha a pena os desafios, coisa que eu não vejo no Comércio Exterior prá mim. ... Eu tô buscando o que seja bom prá mim.”	Busca-se uma profissão que seja boa para si. Há a consciência de que a profissão a ser escolhida terá aspectos bons e ruins, mas acredita-se que os desafios valerão a pena, o que não acontece com o curso de Comércio Exterior.	Eu quero escolher uma profissão que seja boa para mim. Sei que encontrarei coisas chatas, como toda profissão, mas quero que os desafios valham a pena e isto eu não vejo no Comércio Exterior.

Entrevistado 03

1- A família

- 1.1- Percepções em relação à família
- 1.2- Influência da família na escolha profissional
- 1.3- Apoio da família na escolha profissional

2- A escolha profissional equivocada

- 2.1- O processo de escolha
- 2.2- Conflitos vivenciados
- 2.3- Percepção do curso escolhido
- 2.4- Percepção de si em relação a escolha profissional
- 2.5- Posicionamento frente ao curso escolhido

3- A trajetória acadêmica

- 3.1- Sentimentos presentes durante a vida acadêmica
- 3.2- Posicionamento frente à escolha equivocada

4- Nova escolha profissional

- 4.1- “Movimento” em direção a uma nova escolha
- 4.2- Posicionamento frente a uma nova escolha
- 4.3- Sentimentos frente à nova escolha
- 4.4- Conflitos vivenciados em relação à nova escolha
- 4.5- Percepção da profissão como prazer

Entrevista 03

N° TRECHO	TRECHO	ORGANIZAÇÃO DA FALA	EXTRAÇÃO DO SIGNIFICADO
1- A Família 1.1-Percepções em relação à família			
24	“Aqui em casa é uma coisa muito legal. A minha mãe não é de colocar cabresto não. Ela fala você vai e tenta, se você não gostar, tem como você voltar atrás.”	A mãe estimula a cursar uma graduação, mesmo que se venha a desistir dela. Ela não determina o curso que se deva fazer, mas incentiva para que se tente e desista se não gostar.	Eu acho que aqui em casa é muito é muito legal, pois a minha mãe dá a liberdade para tentar o curso que eu quero, e caso eu não goste, posso voltar atrás.
25	“Então a gente tem muita liberdade, eu não fiquei muito presa assim, eu vou lá fazer Medicina porque tal, todo mundo da minha família quer e já falei que vou fazer. Não. A gente aqui é muito light. Então, assim, você vai faz Turismo, faz Medicina. Se não passar, você tenta um, tenta outro.	Em relação a escolha profissional não há um direcionamento da família. Há a liberdade para se tentar o curso de turismo, Medicina, até que se consiga a aprovação em um.	Eu tive muita liberdade, não fiquei muito presa em ter que fazer Medicina por causa da minha família, que é muito light. Eu pude escolher tentar os cursos de turismo, Medicina até passar em um deles.

1.2- Influência da família na escolha profissional			
2	<p>“Aí depois do 2º grau, terceiro ano que vem aquela hora que você decidi, o que que eu vou fazer no final do ano, todo mundo, minha mãe, minha avó, todo mundo via que eu gostava de imprevisto, dessas coisas assim que eu sei que eu não vou chegar lá no escritório e tem que carimbar papel, assinar e tudo, eu nunca gostei disso, eu nunca fui assim. Gosto muito de sair, viajar e tal e todo mundo falou comigo: - Por que você não faz Turismo? “</p>	<p>No final do 3º ano do ensino médio é a hora de se efetuar a escolha profissional. A partir do gosto pessoal e da opinião de familiares, surge a possibilidade de se fazer o curso de Turismo.</p>	<p>Eu me indaguei quanto ao que fazer no final do terceiro ano. A minha família percebendo as coisas que eu gostava de fazer, perguntou-me acerca da possibilidade de fazer o curso de Turismo.</p>
10	<p>“E a minha mãe de novo começou a falar, já que Medicina fica mais complicado para passar, porque que você não tenta Enfermagem. Não, Deus que me livre, tô fazendo Turismo.”</p>	<p>A mãe sugere que se faça o curso de Enfermagem, já que o ingresso no curso de Medicina é mais difícil. A princípio há a recusa por se estar cursando Turismo.</p>	<p>Eu não quis tentar vestibular para fazer Enfermagem porque estava cursando Turismo. A minha mãe foi quem me sugeriu fazer Enfermagem porque Medicina era complicado para passar no vestibular.</p>
1.3- Apoio da família na escolha profissional			

13	“ E prá minha sorte, ela me deu o maior apoio. Falou se é isso que você quer, nós vamos trancar, e eu meio preocupada porque já tinha despendido bastante dinheiro. Ela, não! Vamos trancar, antes agora do que você fazer mais um, dois períodos, e que você vai perder tempo, nós vamos perder dinheiro e você vai ficar frustrada.”	Há o apoio da mãe para deixar o curso de Turismo, apesar do dinheiro já investido. A preocupação maior da mãe não é o investimento de tempo e dinheiro, mas o fato da filha sentir-se frustrada com o curso.	Eu fiquei preocupada em trancar o curso de Turismo por causa do dinheiro despendido com ele, mas a minha mãe me apoiou. Ela me disse que era melhor trancar do que investir mais tempo e dinheiro e ainda ficar frustrada com o curso.
26	“Dentro da Enfermagem a minha mãe várias vezes perguntou, se você quiser, você troca. Aqui em casa nunca teve disso.”	A mãe sempre reforça a idéia de que se há insatisfação em relação ao curso de Enfermagem, pode-se trocá-lo.	Eu tenho o apoio da minha mãe para desistir do curso de Enfermagem, caso eu não esteja satisfeita.
2- A escolha profissional 2.1- O processo de escolha			
3	“Eu nunca tinha pensado tinha pensado nesta possibilidade até o 3º ano, eu sempre quis fazer a área da saúde e no final do ano eu tentei Medicina na UFMG e Turismo na	Não se pensou em cursar Turismo até o 3º ano, que era algo novo. Na dúvida faz-se vestibular para Medicina e Turismo. Sendo reprovada em Medicina, começa-se a fazer o	Eu nunca pensei na possibilidade de fazer Turismo até o 3º ano. Era algo novo para mim e como eu sempre quis a área de saúde, decidi fazer vestibular para Medicina e Turismo. Como não fui aprovada para Medicina, fui

	Newton Paiva. Turismo era uma coisa nova, nunca pensei em fazer Turismo na vida. Aí eu não passei em Medicina e fui fazer Turismo.”	curso de Turismo.	cursar Turismo.
21	“Eu acho que a gente fica muito vulnerável no 3º ano. Eu vinha sempre com esta idéia da área de saúde, mais especificamente Medicina. Sempre mesmo, sempre mesmo eu gostei de Biologia, Química.”	Acredita-se que há uma vulnerabilidade dos jovens no 3º ano ao fazer a escolha por um curso superior. Há uma preferência pela área de saúde, especificamente a Medicina.	Eu me senti vulnerável no 3º ano. Eu sempre pensei na área da saúde, a Medicina especificamente, pois sempre gostei de Biologia e Química.
22	“...quando eu cheguei no 3º ano... fiz o regular. Então tinha gente que queria fazer um monte de curso, não era só gente que queria fazer área de saúde e tal, tal, tal. E acredito até que isto tenha influenciado um pouco porque se eu tivesse entrado desde o 3º ano numa coisa que era só para saúde, com certeza eu não tinha entrado no Turismo, com toda certeza	Acredita-se que o fato de ter optado pelo 3º ano regular, onde os alunos não eram de uma área específica, tenha influenciado na sua escolha pelo Turismo em detrimento da Medicina.	Eu acredito que ter cursado o 3º ano regular influenciou para que eu entrasse para o curso de Turismo. Se eu tivesse feito um 3º ano só para a área de saúde, eu teria só feito Medicina.

	eu teria feito só Medicina.”		
23	<p>“E como eu fiz o regular, e você tem convivência com todo mundo que quer Matemática, Direito, Medicina também, toda misturada, vou lá também tentar Turismo! Entendeu? Acho que talvez isso foi influência do 3º ano, ter feito o regular. Acho que quando você faz um 3º ano específico, voltado para uma área, você não sai daquilo mais não.”</p>	<p>A convivência no 3º ano com pessoas que queriam outras áreas diferentes da saúde, leva a se optar pelo Turismo, o que não ocorreria se fossem todas as pessoas da mesma área.</p>	<p>Eu fiz o 3º ano regular e convivi com colegas que queriam outras áreas e isto me influenciou a querer o Turismo. Eu não teria feito isto se tivesse freqüentado um 3º ano específico para a área da saúde.</p>
2.2- Conflitos vivenciados			
6	<p>“Eu sempre quis a área de saúde e isto daqui não está me completando. Imagina a sensação de não estar me completando, não estar me satisfazendo o curso e vem um pouco de decepção com você mesmo.”</p>	<p>O desejo era fazer um curso na área de saúde e vive-se, então, uma sensação de incompletude, insatisfação em relação ao curso de Turismo. Há também um sentimento de decepção consigo mesma.</p>	<p>Eu queria fazer um curso na área de saúde. Senti uma sensação de incompletude, de insatisfação com o curso e ainda, senti um pouco de decepção comigo mesma.</p>
	“Sonhei a vida inteira em	A vida inteira sonha-se em	Eu me senti chateada, aborrecida e meio

7	estudar anatomia, estudar fisiologia, estudar isto e aquilo e eu não estou estudando nada disso. Estou estudando coisas que nunca passaram pela minha cabeça e eu ficava meio chateada, aborrecida, meio frustrada.”	estudar anatomia, fisiologia, disciplinas da área de saúde. Entretanto, estuda-se conteúdos que nunca pensou, o que causa chateação, aborrecimento e frustração.	frustrada em estudar coisas que eu nunca pensei. A vida inteira eu sonhei em estudar anatomia, fisiologia e não estava estudando.
8	“Custava a pagar a minha faculdade, desprendia dinheiro e eu vou ter que abandonar e tal.”	Há dificuldade para se pagar o curso de Turismo e por isso há dúvidas para abandoná-lo.	Eu custava a pagar o meu curso de Turismo e como já tinha desprendido dinheiro, era difícil abandoná-lo.
9	“Aí o que aconteceu? Nunca tinha pensado em Enfermagem, eu achava que Enfermagem era dar banho nos outros, aquela coisa assim... vou desprender um dinheiro, caso não passasse na Federal, vou desprender um dinheiro, ficar quatro anos na faculdade para aprender a dar banho nos outros.”	Há uma imagem equivocada da profissão de Enfermagem, curso que pensa fazer ao deixar o Turismo. Isso faz com que se tema investir dinheiro no curso de Enfermagem.	Eu achava que o curso de Enfermagem, que eu pensei em fazer ao deixar o Turismo, era apenas dar banho nos outros. Eu pensei que não valia a pena desprender dinheiro e ficar quatro anos na faculdade cursando Enfermagem.
	“No meu caso, foram dois cursos totalmente diferentes. ... Foi	Presta-se vestibular para dois cursos de áreas diferentes, sendo a	Eu tentei vestibular para dois cursos de áreas diferentes. Quando comecei a fazer

27	um curso completamente diferente, uma outra área, outra coisa, outras matérias. Eu não sei o que aconteceu. Eu entrava ali e eu tinha uma sensação de limite, ali não era o meu lugar, sabe? Eu falei: - Não! Isto daqui não é prá mim.	aprovação para o Turismo. Ao cursá-lo percebe-se uma sensação de limite, uma inadequação de lugar e a conclusão de que não é o que se quer.	Turismo, experimentei uma sensação de limite e de que ali não era o meu lugar. Conclui que o Turismo não era para mim.
2.3- Percepção do curso escolhido			
17	“No Turismo todo mundo era muito louco, todo mundo... Eu gostei de ter feito este período.”	Considera-se os alunos de Turismo muito loucos, mas mesmo assim, gostou-se de ter cursado um período letivo no mesmo.	Eu achei os alunos do curso de Turismo muito loucos, mas mesmo assim, eu gostei de ter cursado um período nesse curso.
2.4- Percepção de si em relação a escolha profissional			
33	“Eu sempre quis desde pequena a área de saúde. Nunca fui daquelas que falava vou fazer Direito, vou fazer Engenharia, porque tem gente que é assim. Ah não!”	Desde pequena se quis cursar a área de saúde. Nunca se falou em cursar Direito, Engenharia, como acontece com muitas pessoas.	Eu desde pequena quis a área de saúde e não era como muita gente que falava em fazer Direito e ao mesmo tempo Engenharia.
2.5- Posicionamento frente ao curso escolhido			
4	“Eu achei um barato foi terminar o 3º ano e entrar direto na	Há um entusiasmo e tranquilidade em se ingressar na	Eu fiquei entusiasmada e tranqüila em entrar direto na faculdade sem ter que fazer

	<p>faculdade, então eu falei não vou fazer cursinho, vou formar cedo... Ia formar nova, então achei um barato. Nossa! To entrando na faculdade direto, foi super tranquilo.”</p>	<p>faculdade sem passar por um curso pré-vestibular e com a possibilidade de se formar nova.</p>	<p>cursinho e com isso me formar nova.</p>
12	<p>“Aí quando foi chegando o fim do 1º período, eu falei com a mamãe que eu queria trancar e tentar Enfermagem. Aí eu já tinha mudado, não era mais Medicina, era Enfermagem.”</p>	<p>Ao final do 1º período do curso de Turismo, decide-se e comunica-se à mãe que iria fazer vestibular para Enfermagem. Desiste-se assim, do curso de medicina.</p>	<p>Eu decidi no final do 1º período que iria trancar a matrícula no curso de Turismo e tentar vestibular para Enfermagem. Comuniquei isto para minha mãe. Assim, mudei de idéia e não queria mais o curso de Medicina, mas de Enfermagem.</p>
14	<p>“Aí foi o que eu fiz, tranquei no Turismo e fiquei um semestre estudando e no final do ano foi que eu tentei nas três faculdades de Enfermagem e não passei em nenhuma das três, mas continuei com a idéia da Enfermagem.”</p>	<p>Decide-se trancar a matrícula no curso de Turismo e preparar para o vestibular de Enfermagem. Não se consegue aprovação em nenhum dos vestibulares prestados, mas permanece a idéia de cursar Enfermagem.</p>	<p>Eu decidi trancar a matrícula no curso de Turismo e estudar por um semestre para o vestibular em Enfermagem. Entretanto, não consegui aprovação nos três vestibulares que eu fiz para Enfermagem, mas mesmo assim, não desisti da idéia de cursá-lo.</p>
29	<p>“Foi bom que eu larguei logo no final do 1º período, fui tentar mais rápido. Se eu tivesse ficado uns dois</p>	<p>Deixar o curso de turismo no final do 1º período contribui para que se tente o ingresso em outro curso mais</p>	<p>Eu larguei o curso de Turismo logo no final do 1º período e isto contribuiu para que eu tentasse outro curso rápido. Se eu tivesse</p>

	anos, acaba que você vai desanimando também.”	rapidamente, sem desanimar.	demorado mais, teria desanimado.
30	“Eu tinha certeza que não ia continuar no Turismo, mas fiz um primeiro período muito bem feito. Não fui daquelas que abandonei o curso.”	Mesmo com a certeza de que não se ia continuar no turismo, faz-se o primeiro período muito bem feito, sem poder considerar que foi um abandono.	Eu tinha certeza que não ia continuar no turismo, mas mesmo assim não o abandonei e fiz um 1º período bem feito.
3- A trajetória Acadêmica			
3.1- Sentimentos presentes durante a vida acadêmica			
5	“Na hora que eu cheguei lá, começaram as aulas, mas assim, com uns dois meses de curso foi surgindo um sentimento de frustração, fui começando a ficar assim...”	Com dois meses de aula surge o sentimento de frustração em relação ao curso.	Eu me senti frustrada em relação ao curso com dois meses de aula.
28	“...quando eu entrei no Turismo comecei a ver Estrutura da Organização do Turismo, foi uma coisa meio decepcionante mesmo. Estudava História da Arte, olha só! Não tinha nada a ver. Não	Durante o curso de turismo há uma decepção com as disciplinas estudadas que contribuem para a certeza de que não se queria este curso.	Eu entrei no curso de Turismo e comecei a estudar matérias que me decepcionaram e não tinham nada a ver comigo. Tive a certeza de que não era o que eu queria.

	me lembro nem das matérias. Falei assim: - Não! Não é! Tinha certeza de que não era o que eu queria.”		
3.2- Posicionamento frente à escolha equivocada			
31	“Não era aquela imagem de faculdade que eu tinha. Quando eu entrei, quebrou aquela imagem que eu tinha. Quando você está no 3º ano, você tem uma imagem, eu vou, vou achar o maior barato, vou por guardapó, vou mexer em cadáver e tal. Eu ficava meio assim pensando mesmo nisso (risos). Aí eu fiquei assim, e aí? Cadê o cadáver? (risos). Foi mais ou menos isso, E aí eu falei: - Não! Deixa eu correr.”	Há um erro de expectativa em relação ao que seja uma faculdade. Acredita-se que será um lugar em que se vai estudar determinados conteúdos e há a decepção, quando se vê que isto não acontece. Decide-se, então, sair do curso.	Eu tinha uma imagem de faculdade que se quebrou. Acreditava que seria o maior barato e que mexeria com cadáver e coisas ligadas a área de saúde. Fiquei decepcionada por não ter nada disso e decidi correr dali.
32	“Achei um curso gostoso, não é um curso assim que você fica... não é um curso chato.	Apesar de se ter deixado o curso de Turismo, considera-o um curso gostoso.	Eu achei o curso de Turismo gostoso e não um curso chato.
4- A nova escolha			
4.1- “Movimento” em direção a uma nova escolha			

11	<p>“Aí, foi só a minha mãe falar e eu comecei a procurar um monte de coisa da Enfermagem. O que você estuda no curso, o que o curso vai te dar... Comecei a olhar um monte de coisa assim, sabe. Eu falei assim: - Nossa, dá para fazer um monte de coisa legal dentro da Enfermagem. Eu fui quebrando aquela coisa preconceituosa que eu tinha da Enfermagem.”</p>	<p>Quando a mãe sugere o curso de Enfermagem, começa-se a buscar informações sobre esta profissão. Descobre-se aspectos interessantes desta profissão, o que contribui para diminuir o preconceito em relação a ela.</p>	<p>Eu comecei a procurar informações sobre o curso de Enfermagem, depois que a minha mãe me sugeriu para fazê-lo. Descobri que há muita coisa legal na Enfermagem e quebrei os meus preconceitos em relação a ela.</p>
4.2- Posicionamento frente a uma nova escolha			
15	<p>“Foi até bom esse período que eu não passei, porque eu busquei mais ainda, e aí fiquei com mais vontade e falei eu quero isto de qualquer maneira e aí foi que no outro semestre eu estudei e tentei só na PUC. Desta vez eu passei.”</p>	<p>Considera-se positiva a não aprovação no vestibular para Enfermagem, pois se investe o tempo na preparação para um novo vestibular e aumenta a certeza de que é o curso que se quer.</p>	<p>Eu achei bom esse período até o próximo vestibular, pois eu estudei e fiquei com mais vontade de cursar Enfermagem. Fui aprovada na PUC.</p>
	<p>“Agora o que que eu quero? Quero formar, tentar um concurso,</p>	<p>Há um desejo de se formar e ingressar no mercado de trabalho</p>	<p>Eu queria me formar, tentar um concurso e trabalhar no resgate.</p>

19	sei lá, alguma coisa, trabalhar no resgate.”	através de concurso.	
4.3- Sentimentos frente à nova escolha			
20	“Talvez por esta falta de autonomia eu ainda fico um pouco querendo mais. Mas eu estou satisfeita, não me arrependo de ter largado o Turismo.”	Não há arrependimento de ter abandonado o curso de Turismo, apesar de às vezes a falta de autonomia do profissional de Enfermagem causar desânimo.	Eu, às vezes, espero mais da Enfermagem, mas estou satisfeita. Não me arrependi de ter deixado o curso de Turismo.
34	“Às vezes a gente fica chateado com alguma coisa, mas eu posso fazer muita coisa que eu sempre quis dentro da Enfermagem, como a emergência, para mim é top de linha! É isso.”	Há chateações com algumas coisas dentro da Enfermagem, mas também há muitas coisas que sempre se quis fazer, como trabalhar na emergência, que acredita ser o top de linha da profissão.	Eu, às vezes, fico chateada com alguma coisa na Enfermagem, mas sei que posso fazer muita coisa dentro dessa profissão, como trabalhar na emergência que para mim é top de linha.
4.4- Conflitos vivenciados em relação à nova escolha			
18	“Alguns momentos dentro da Enfermagem eu já pensei em sair, eu também já passei por essa crise, largar Enfermagem e tentar Medicina. Por que? Porque talvez a	Vive-se nova crise em relação ao curso de Enfermagem, quando se pensa em cursar Medicina. Acredita-se que tal crise seja por causa da falta de autonomia da profissão de Enfermeiro.	Eu já pensei em alguns momentos sair da Enfermagem, por causa da falta de autonomia desta profissão. Já pensei em mudar para medicina, mas vou concluir Enfermagem para depois fazer Medicina.

	Enfermagem não tem a autonomia que eu queria. Eu já pensei em mudar de novo. Não mudar, virar assim e falar vou trancar e não quero mais saber. É formar e depois talvez tentar buscar a Medicina.”	Não se pensa em abandoná-lo, mas após a conclusão do curso de Enfermagem, cursar Medicina.	
4.5- Percepção da profissão como prazer			
16	“Entrei com outros olhos, foi completamente diferente a experiência do Turismo. A satisfação de você estar realizando aquilo que você queria desde muito tempo atrás, de estudar anatomia... uma coisa que eu sempre quis. De repente eu estava lá estudando! Então prá mim foi muito bom. Não me arrependo nenhum pouco de ter saído do Turismo. Nenhum pouco. Tirei experiência do Turismo. É muito diferente o curso.”	Não há arrependimento em se ter saído do curso de Turismo, do qual se aproveitou a experiência. Há, entretanto, uma satisfação em se cursar Enfermagem, curso que possibilita estudar o que sempre se quis, como a anatomia.	Eu não me arrependi de ter deixado o curso de Turismo. Tirei proveito desse curso que é muito diferente de Enfermagem, que é algo que eu queria há muito tempo, como por exemplo, estudar anatomia.

4.2 Apresentação Descritiva da Estrutura das Vivências por Unidade Temática

As descrições das vivências foram feitas tendo-se o cuidado de assinalar entre parênteses os trechos das entrevistas que puderam ilustrar cada ponto trabalhado. Para essa ilustração, utilizou-se o seguinte padrão: lembrando que os entrevistados estavam numerados, eles foram mencionados a partir de seus respectivos números seguidos de dois pontos (:) referente ao número dos trechos de sua entrevista que expressou o tema em articulação. Assim, a indicação (Ent. 1: 1, 4, 6) significou os trechos um, quatro e seis relativos ao entrevistado um, que ilustraram o conteúdo temático em descrição.

A Família

“... e minha família não quis me apoiar na decisão. Me apoiar assim, falando você se parece com isso, ou com aquilo. Ninguém nunca quis...”

Todos os entrevistados relataram suas percepções em relação à família, quando se abordou a questão da escolha profissional (Ent. 1: 1, 33; Ent. 2: 46, 67; Ent. 3: 24, 25). Tais percepções apresentam-se como diretamente relacionadas ao tipo de influência exercida pela família na escolha profissional feita pelos entrevistados. Nota-se que quando a percepção da família é negativa, a influência que ela exerce é percebida pelo entrevistado da mesma forma (Ent. 1: 4, 6, 21, 32), ao passo que, quando a percepção da família é positiva, a influência é vista como um fator também positivo e os entrevistados adotam uma postura compreensiva em relação à família (Ent. 2: 13, 69; Ent.3: 2, 10).

Ao efetuarem suas escolhas, um dos entrevistados cobra de sua família o apoio, já que a escolha profissional vem de encontro ao que eles queriam e não ao seu desejo (Ent. 1: 8, 20, 39, 40). Ao contrário, os entrevistados 2 e 3 expressam a liberdade que a família dá em relação às escolhas profissionais efetuadas, enfatizando o constante apoio a esta decisão (Ent. 2: 7 8, 21, 45, 61; Ent. 3: 13, 26).

A escolha profissional equivocada

“... Eu tinha uma tristeza muito grande, um desestímulo completo...”

A percepção da carreira profissional escolhida é relatada por dois entrevistados como sendo vinculada a sentimentos de tristeza, angústia, que surgiram após iniciarem seus cursos. Também fazem referência a certas características da profissão que são consideradas negativas (Ent. 1: 2, 3, 12, 15, 38; Ent.2: 15, 17, 37).

“... tinha uma dificuldade para escolher meu curso, porque eu gostava de muita coisa e não conseguia achar o curso...”

As dificuldades, entretanto, surgiram antes do início do curso, ainda no processo de escolha da profissão, quando, então, se fazia presente a dúvida, fala recorrente dos entrevistados (Ent. 1: 26; Ent.2: 2, 5, 16, 35, 51; Ent.3: 21, 27, 23), acrescentando-se a ela, a indecisão. Diante disso, apenas um entrevistado relata que buscou apoio terapêutico para auxiliá-lo no processo de escolha profissional (Ent. 2: 6, 9, 10, 11, 12, 14, 50).

“... não sei se é isto que eu quero...”

Após a escolha feita e com o curso em andamento, os entrevistados passam a vivenciar as conseqüências de uma escolha profissional equivocada, fonte geradora de conflitos e momento em que se manifesta uma crise em relação a esta temática. Surgem sentimentos de angústia, limitação, decepção e sofrimento e também uma questão difícil de ser solucionada: abandonar ou não o curso (Ent. 1: 7, 36; Ent. 2: 60, 63, 64, 65, 66, 72, 73; Ent. 3: 6, 7, 8, 9, 27).

“... Porque se eu não estou gostando, não vou continuar o curso por isso...”

O posicionamento de um dos entrevistados frente à questão de dar ou não continuidade ao curso, é de dar prosseguimento ao mesmo, apesar de não ser o que ele quer e de não gostar do curso (Ent. 1: 27). Os entrevistados 2 e 3 já se decidem pelo contrário, ou seja, ao descobrirem suas afinidades, aptidões e verificarem que estas não estavam de acordo com as exigidas pelo curso no qual estavam matriculados, decidem por deixarem-no, e esta é uma decisão consciente (Ent.2 : 31, 36, 52, 54, 71; Ent.3: 4, 12, 14, 29, 30, 31).

A trajetória acadêmica

“... E assim, ao longo do tempo, eu fui tomando uma raiva muito grande por causa disso...”

No decorrer da trajetória acadêmica, os entrevistados relatam a presença de sentimentos relacionados a ela que expressavam a frustração em relação às disciplinas que compunham a estrutura curricular do curso, aos professores, sendo que, na verdade, o que estava presente era uma insatisfação quanto ao curso de um modo geral (Ent. 1: 9, 10, 11, 13, 14, 18, 35; Ent.2: 22, 23, 25; Ent. 3: 5, 28).

“... Aí começou um ato de resistência. Eu falei assim: Não! Eu estou fazendo um curso que eu não gosto...”

Diante da insatisfação, os entrevistados relatam as expectativas que tinham em relação ao curso superior antes de nele ingressarem. Os entrevistados 2 e 3 falam da imagem que tinham da faculdade como sendo algo muito bom, mas que, depois que passam a freqüentá-la, é modificada, o que os leva a parar para pensar e fortalecer a decisão de deixar o curso (Ent. 2: 18, 26, 29; Ent. 3: 31, 32). O entrevistado 1 deixa claro que o fato de estar fazendo uma graduação da qual não gostava, levava-o a adotar uma postura que ele chama de resistência e a descreve como aceitação de uma situação que o deixava infeliz e com a sensação de perda de um tempo que jamais seria recuperado. Mas, nem com isso, o entrevistado encontra forças para interromper o seu curso, decidindo pela continuidade (Ent. 1: 17, 23, 30, 31, 37).

A nova escolha

“... Então, se eu não fizer isso, eu quero fazer para qualquer outra coisa...”

Há uma sensação de renovação de ânimo por parte dos entrevistados quando falam dos projetos para o futuro profissional (Ent. 1: 22, 24, 25, 34; Ent. 2: 42, 43, 47, 48, 49; Ent. 3: 11, 15, 19, 20, 34). Pensar na possibilidade de investir em outras profissões diferentes das que estavam se preparando para exercer, faz com que os entrevistados percebam o futuro com esperanças, mesmo que estes projetos ainda sejam cheios de incertezas quanto a graduação definitiva a cursar (Ent. 1: 25; Ent. 2: 47; Ent. 3: 34). Tal

aspecto , embora presente nas falas dos entrevistados, é mais evidente no relato do Ent. 2 que expressa a vivência de uma nova crise, quando faz a nova escolha (Ent. 2: 18).

“... A satisfação de você estar realizando aquilo que você queria desde muito tempo atrás...”

Projetar o futuro profissional, após a vivência de uma crise e acreditando que finalmente encontraram a profissão certa, faz com que os entrevistados vejam e relatem a dimensão de prazer percebida por eles em relação a esta nova escolha profissional (Ent.1: 41, 42; Ent. 2: 33, 39, 49, 53, 57, 58 59; Ent. 3: 16). Relatam, ainda, sentimentos de felicidade e satisfação quando pensam na nova escolha. O entrevistado 2, ao mesmo tempo que compartilha destes sentimentos, expressa também sentimentos de insegurança e um medo de estar novamente fazendo uma escolha equivocada (Ent. 2: 40, 41, 44, 55, 62). A saída que o entrevistado 2 encontra é a de refletir mais e fazer uma escolha mais criteriosa (Ent. 2: 74, 75), o que é pontuado no final da entrevista.

4.3 Estrutura Geral das Vivências

A partir do exposto anteriormente, foi possível identificar a seguinte estrutura geral, comum a todas as entrevistas:

- a presença de influências familiares no processo de escolha profissional, podendo estas ser percebidas de forma negativa ou positiva;
- a escolha profissional equivocada como geradora de uma crise, onde se evidencia a presença de sentimentos de tristeza e angústia;
- as expectativas não correspondidas em relação ao ensino superior, quando nele ingressaram, tornam-se uma experiência frustrante em função da decepção com o curso escolhido;

- a possibilidade da reescolha profissional como um momento para repensar e projetar o futuro profissional, na tentativa de considerar a dimensão do prazer diante de uma nova escolha.

5. ARTICULANDO O DIÁLOGO ENTRE A TEORIA E O VIVIDO

Através dos “recortes” feitos até o presente momento do trabalho, percebeu-se a complexidade que esconde um processo de escolha profissional.

Há muito mais coisas por trás do simples dizer “quero este ou aquele curso”. Existe um ser humano dotado de uma subjetividade e de uma identidade em construção, imerso num mundo que influencia suas escolhas, aponta caminhos, e exige que num certo momento da vida, ainda muito jovem, decida como será o seu futuro.

Diante de tal exigência, são criadas expectativas em relação a uma nova etapa da vida que se inaugura a partir do momento em que se efetua a escolha profissional e que se ingressa num curso superior.

Mas o que dizer quando este “mundo novo” que se apresenta, a partir desta escolha, não é exatamente o que se esperava? Uma avalanche de dúvidas é revivida, sentimentos de angústia permeiam a mente daquele que acreditava se tratar de uma trajetória tranqüila. Afinal a época das incertezas povoava o seu mundo antes da aprovação no vestibular, e depois, tudo seguiria um percurso natural: estudar e se formar. Resta agora repensar, refletir e efetuar uma nova escolha.

Pode-se, então, de uma forma esquematizada, visualizar este processo da seguinte forma:

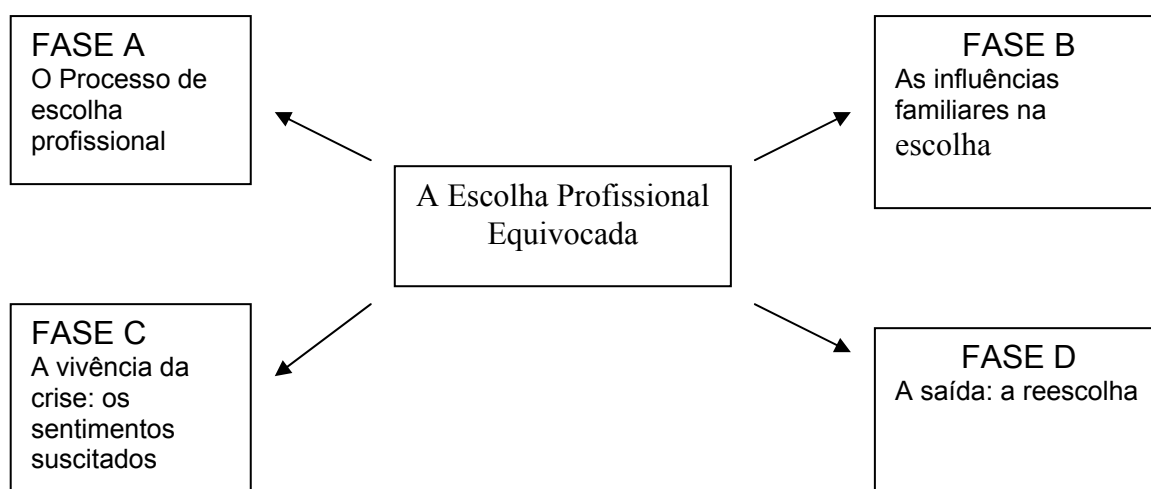


Figura 1 – Estrutura Processual da Escolha profissional Equivocada

É importante ressaltar que se considerou a escolha profissional equivocada como eixo central, que suscita indagações acerca de como se deu o processo de escolha profissional (Fase A), considerando-se a questão das influências, sobretudo as familiares (Fase B), presentes nesta escolha. A partir desse eixo, também são apontados os sentimentos vivenciados na crise (Fase C) que culminam com o vislumbamento da possibilidade de uma nova escolha (Fase D).

5.1 Fase A: O Processo de Escolha Profissional

A escolha profissional é efetuada quando se é muito jovem, época em que se vivenciam expectativas em relação ao futuro a partir de uma realidade que, às vezes, não é muito acolhedora para que se faça isso (LEVENFUS, 2004). Há um despreparo para fazer escolhas, resolver coisas importantes na vida, e isto perpassa pela decisão da carreira profissional, conforme resalta Soares (2002). Tal pontuação se faz evidente na fala do Ent. 2:2, “[...] tinha uma dificuldade para escolher meu curso, porque eu gostava de muita coisa, tinha afinidade com muita coisa [...]” e, ainda, quando diz que “Foi a primeira escolha importante que eu fiz na minha vida, foi a primeira vez que eu assumi [...]” (Ent. 2:71).

Trata-se de um momento realmente difícil e que Forghiari (1997) considera que, ao mesmo tempo em que se tem a liberdade e autonomia para escolher o futuro, o jovem pode vir a ter dúvidas, indecisões e insegurança, como se percebe na fala do Ent. 3:21, “[...] Eu acho que a gente fica vulnerável [...]”, e do Ent. 1:26, “[...] todo mundo passa por um momento de indecisão [...] fica na dúvida passageira”.

Bohoslavsky (2003) confirma que o fato de não termos sido preparados para efetuar escolhas dificulta o processo de escolha profissional. Acrescenta-se a isso, que as escolhas devem ser feitas considerando-se o mercado de trabalho, o conhecimento das suas capacidades, dos seus desejos (RIBEIRO, 2003). Instaura-se aqui uma outra questão: a do autoconhecimento que o jovem deve ter para efetuar a sua escolha profissional de forma mais consciente, mas que, muitas vezes, não tem, como bem ilustra a fala do Ent. 2:66,

“[...] é decepcionante saber que você não se conhece, você não sabe sobre você, sobre o seu desejo, sobre a sua escolha[...]”.

Aliado ao autoconhecimento, o jovem também deve considerar a realidade, definindo o seu projeto de vida profissional em função do que realmente é a profissão (LEVENFUS, 2004). Não deve basear sua decisão naquilo que ele idealiza ou, até mesmo, sem se informar acerca da área e que se confirma nas falas “[...] E eu nem conhecia a profissão, nem tinha ouvido falar [...]” (Ent. 2:11), e “[...] Turismo era uma coisa nova, nunca pensei em fazer Turismo na vida [...]” (Ent. 3:36). Apesar do desconhecimento, os entrevistados engendram por estes caminhos.

Em contrapartida, o Ent.1 ingressou no curso escolhido com uma imagem pré-concebida da profissão, e que é constatada nas falas 3, 11, 12, 15 e 35 e, ao longo da graduação, esta imagem não é modificada. Fica claro, neste caso, que, no processo de escolha profissional, o entrevistado decidiu a partir do desejo de outras pessoas, ou seja, da família. A primeira impressão da profissão também foi formada a partir da observância dos seus familiares que trabalhavam na mesma área, a jurídica.

O fato é que escolher, além de ser um processo difícil, requer que o jovem decida frente às opiniões contrárias e influências externas (BOHOSLAVSKY, 2003), principalmente as familiares.

Estamos falando da Fase B, que também se insere neste contexto de escolha profissional.

5.2 FASE B: As Influências Familiares na Escolha

A escolha profissional é influenciada pelo mundo em que o jovem vive e pela forma como ele compreende o mundo (CARDOSO, 1969), mas, às vezes, este jovem não percebe o grau de influência no momento em que faz as suas escolhas (SILVA, 1992). Estar consciente destas influências é importante para saber adequá-las aos seus desejos, acrescenta Levenfus (2004).

Uma das influências que age diretamente sobre a escolha profissional do jovem é a da família, pois esta, além de imprimir em cada pessoa a primeira visão de mundo (LUCCHIARI, 1998), gera expectativas em relação ao filho, que fica com a incumbência de cumpri-las (SOARES, 2002). Isto pode ser observado na fala do Entr. 1:6, “[...] Não, você vai fazer Direito e se você fizer outro vestibular, você vai ter que pagar sua inscrição e tudo.”, confirmando o que Cooper (1980) considera como sendo uma das funções da família, a de estabelecer papéis para os seus membros, mais do que criar condições para que cada um, ao seu modo, assuma, de forma livre, a sua identidade.

Verifica-se que realmente a família exerce um papel vital no processo de escolha da profissão, com a transmissão de valores, sentimentos (SILVA, 1992) e que são considerados no momento da opção profissional, como ressalta a Ent. 3:25, “[...] Aqui em casa, é uma coisa muito legal [...]”. A influência neste caso é percebida como algo positivo, em que o Ent. 3 expressa por meio de outras falas (2, 13, 25) o apoio encontrado na família para decidir sobre o seu futuro profissional. Da mesma forma, o ent. 2 (21, 46, 67, 69) ressalta o apoio familiar na escolha de sua profissão, ou seja, de forma também positiva, mas deixa escapar o fato de não ter sido preparado para efetuar escolhas, como bem afirma Ribeiro (2003), quando pontua que a nossa sociedade não se preocupa em educar os nossos desejos, em nos ensinar a fazer escolhas. Este autor ainda indaga sobre a exigência de querermos que o jovem tenha a certeza de que profissão escolher, num mundo em que os valores mudam tanto, o que se evidencia na fala da Ent. 2:61, “[...] sempre você vai ter esta dúvida”.

Outra situação que se evidencia é que, quando os interesses do jovem e de sua família em relação à escolha profissional não convergem numa mesma direção (SOARES, 2002), estabelece-se um conflito entre eles, como se pode observar em relação ao Ent. 1 (4, 21, 33). Neste caso, o Ent. 1 ressalta, em sua fala, a disposição de sua família para que ele prosseguisse com o curso, mesmo não sendo esta a sua opção pessoal (8, 20, 39).

5.3 FASE C: A Vivência da Crise: Os Sentimentos Suscitados

Grande parte das escolhas profissionais equivocadas está relacionada à falta de conhecimento sobre a profissão sobre si mesmo (LEVENFUS, 2004), e a clareza de como se efetuou a escolha.

Verifica-se a confirmação disso nas falas do Ent. 1:31, “[...] Aqui sempre detestei todas as matérias [...]”, Ent. 2:15, 16, 17, 24, 32, 37 e Ent. 3: 7, 28. Todos ressaltam o desconhecimento em relação à área de atuação profissional e à estrutura curricular que compõe o curso escolhido. E mais do que isso, quando começam a freqüentar as aulas, estabelecem o primeiro contato com a área que escolheram e percebem que não é exatamente o que queriam.

Suscita-se, assim, a crise propriamente dita quando o jovem percebe que engendrou por um caminho que descobre não ser o que imaginava, sendo reativadas as angústias e dúvidas que foram vivenciadas, quando efetuou sua escolha profissional.

Os entrevistados experimentam uma série de desgastes e um investimento psíquico diante desse período de instabilidade, quando não se tem certeza e nem segurança de nada (BOLLNOW, 1971). Cada entrevistado relata os mais diversos sentimentos vivenciados nesse período. O Ent. 1 experiencia esta crise de uma maneira bem peculiar a qual se refere como “um inferno” (fala 14), sendo esta acompanhada de comportamentos agressivos (fala 18), e que é apontada por Bohoslavsky (2003) como estando relacionada com a idéia de desestruturação da personalidade.

Outros sentimentos que se fazem presentes na experiência do Ent. 2 (24, 32, 64) são a angústia, a desilusão, a dúvida, o sofrimento acompanhado da idéia de culpa, considerando como “[...] era um momento todo horrível ... naquele momento de angústia de estar no lugar errado”. O Ent. 3 (6,7) vivencia a insatisfação, a sensação de incompletude, o aborrecimento e a frustração, relatando “[...] vem um pouco de decepção com você mesmo”. Fica evidente o caráter atormentador experimentado no momento de crise, e que para Bollnow (1971), um momento caracterizado por aflição.

Forghieri (1997) abordando a vivência desses sentimentos que causam aflição e vão requerer que se tomem decisões, pontua que somos forçados a refletir sobre a situação na tentativa de encontrar os motivos do sofrimento. Isto acontece com os entrevistados, ou seja, eles fazem este exercício de reflexão que os leva a um posicionamento frente à situação, como “[...] eu tomei a decisão que não vou mexer com o Direito mesmo [...]” (Ent. 1:5, 19), “[...] Gente isso não é pra mim [...]” e “[...] Porque se eu não estou gostando,

não vou continuar o curso por isso [...]” (Ent. 2: 31, 36, 52, 54), e o Ent. 3 que ressalta “[...] E aí eu falei: - Não! Deixa eu correr.” (14, 31, 32).

Nestas situações, o que o jovem deve e pode fazer é mudar, na tentativa de retomar o equilíbrio, evitando uma incerteza em relação ao futuro (SOARES, 2002), o que se verifica na postura dos entrevistados.

Assim, a partir da crise, os jovens entrevistados passam a viver uma nova etapa, estabelecendo novos planos e confirmando o que Franco (2001) aponta como sendo inerente à crise: a sua implicação numa continuidade da vida, a fim de desenvolvê-la e alcançar um novo patamar.

5.4 FASE D: A Saída: A Reescolha

Um passo importante dado pelos entrevistados foi admitirem que a escolha profissional efetuada foi equivocada, cabendo a eles a tarefa de buscar novos caminhos para trilhar. O Ent. 1, ao fazer essa constatação, decide não abandonar o curso que freqüentava, uma vez que já encontra na reta final, encontrando uma saída diferente dos entrevistados 2 e 3. Ele aproveita os conhecimentos adquiridos para obter recursos financeiros que possibilitem a ele ingressar na profissão que acredita ser a ideal “[...] vou pegar este salário e vou investir em outro curso, entendeu?[...]” e “[...] mas vou fazer Publicidade. É uma coisa mais dinâmica [...]” (22, 24, 25, 34).

O Ent. 2 objetiva conciliar as suas habilidades descobertas mediante processo terapêutico, com uma profissão que atenda ao seu perfil e que possibilite o desenvolvimento de suas características de personalidade (42, 43, 47, 48, 49).

Uma postura de busca e empenho no sentido de ampliar seus horizontes em relação ao novo curso pretendido é a opção do Ent. 3, que já definira o caminho a seguir.

Há de se ressaltar, ainda que, todos também acenam para a possibilidade de inclusão da dimensão do prazer na nova escolha profissional, pois segundo o Ent. 1 (41 e 42) “[...] não vou botar dinheiro na frente de felicidade não [...] vou fazer o que gosto [...]”.

Esse desejo também é explicitado pelo Ent. 2 (4, 33, 39, 49, 53, 57, 58 e 59) “[...] mas quero uma profissão que me dê prazer e “[...] eu acredito que vim no mundo para ser feliz”. O Ent. 3, em suas ponderações, diante da nova escolha, deixa a entender também a sua preocupação em fazer o que gosta. Isto valida a posição de Franco (2001), ao afirmar que, para ser um profissional realizado, é necessário que se reúna o prazer, o empenho e a dedicação. Buaiz (2004) complementando esta idéia, assegura que a fórmula para ser bem sucedido profissionalmente perpassa pelo fazer o que realmente gosta.

O traço comum a todos os entrevistados é a busca de um novo sentido, mesmo incorrendo na possibilidade de errar, mas que os coloca em direção a uma autonomia (FRANCO, 2001).

Os entrevistados se colocam nesse movimento, compreendendo que sempre é tempo para mudar, embora isso represente novos desafios (LUCCHIARI, 1998).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho, acompanhando universitários numa instituição de ensino superior privada, deparamos com inúmeras situações que trazem à tona questões pertinentes ao universo do jovem. Trata-se de uma complexidade de temas diretamente inerentes ao mundo desse jovem, e dentre eles, o de se ver diante de uma multiplicidade de carreiras e, dentre elas, efetuar a sua escolha. Ao realizá-la, traz consigo expectativas quanto à nova etapa que se inicia em sua vida, ao ingressar na faculdade. Quando estas expectativas não são frustradas, a trajetória acadêmica segue um percurso natural, empenhando-se o jovem na construção da sua vida profissional, depositando nela esperanças de realização de um sonho traçado anteriormente.

Entretanto, nem sempre as coisas são assim, ou seja, o que vemos hoje é cada vez mais jovens que ingressam no ensino superior com expectativas equivocadas quanto à profissão escolhida, vivendo uma crise numa época em que esperava encontrar a sua realização. Essas questões nos provocam no sentido de buscar a compreensão porque tais situações têm ocorrido com uma frequência cada vez maior. Assim sendo, a partir desta provocação surge o desejo de aprofundar o olhar sobre a questão de entender o que há por trás da crise evidenciada pelo jovem, quando se encontra numa situação de escolha profissional equivocada.

Ressalta-se que a palavra “crise” é tratada como um rompimento que não tem um fim em si mesmo, mas que aponta para a possibilidade de mudança e um recomeço, após a vivência de um período permeado por aflições que causam uma certa desestruturação, porém que encontra uma saída.

Esta é bem a situação que os jovens experimentam, quando constatarem que a escolha profissional feita não foi acertada. Entretanto quando se busca explicitar a complexidade do contexto em que se efetua o processo de escolha profissional, esbarramos na necessidade de entender um pouco mais o que é ser jovem no mundo atual.

Ser jovem é entendido como um ser humano que busca uma reorganização da identidade, vivenciando um período de transformações, se vendo imerso em dúvidas, ansiedade, e com uma fragilidade emocional que nos reporta a um indivíduo sempre em crise. Este jovem deverá, ainda, aprender a lidar com as questões que o mundo lhe

apresenta, onde ele cresceu e que construirá seu futuro. Mundo submetido a constantes mudanças, que sofre influencia profunda da mídia que aproxima os lugares, as pessoas e rompe fronteiras.

Inserido neste mundo, o jovem definirá suas concepções, seus caminhos, fazendo suas escolhas e se preparando para atuar num mercado de trabalho que exige cada vez mais o desenvolvimento de competências e habilidades, demandando do jovem um tempo maior para se desenvolver e entrar no mundo do trabalho.

Novas profissões surgem aumentando ainda mais o leque de opções e o desafio de conciliar na prática profissional, a possibilidade de sobrevivência e de realização pessoal. Diante disso, como efetuar uma escolha consciente, uma escolha em que o jovem seja capaz de se reconhecer como um ser responsável por suas decisões? Trata-se de um momento muito difícil, pois sempre se toma esta escolha como definitiva, mas, na verdade, ela não é.

Escolher uma profissão requer do jovem uma postura de reflexão pessoal, um conhecimento das profissões para que não se decida baseado na idealização, mas consciente da realidade, das influências que perpassam o ato da escolha.

As influências podem ser as sociais, as familiares e os fatores psicológicos. Às vezes não se tem clareza de como elas incidem no processo de escolha, mas contribuem decisivamente neste processo. Há de se destacar as influências familiares como sendo muito relevante, pois é no âmbito da família que crescemos, aprendemos valores, atitudes e estabelecemos laços afetivos que nos levam a querer agradar aos pais, cumprindo seus desejos quanto à carreira profissional a trilhar. Quando o jovem decide seguir seu próprio caminho, contrariando o da família, estabelece-se um conflito.

Após a escolha efetuada, o jovem ingressa no ensino superior cheio de planos em relação a esta nova fase de sua vida, mas pode esbarrar com o fato de ter feito uma escolha profissional equivocada. Diante disso, revivem-se sentimentos de dúvidas que levam o jovem a romper com o que foi construído até o presente momento para efetuar uma nova escolha, em busca de alternativas que se configurem como a melhor solução para a sua questão profissional.

É interessante a oportunidade de observar como este processo de escolha acontece com os jovens e que pôde ser constatado nas entrevistas realizadas. Utilizando-se entrevistas semi-estruturadas, numa perspectiva de análise fenomenológica, trabalhou-se

com uma amostragem de três sujeitos, sendo um do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idade entre 20 e 24 anos.

Através da análise do material coletado, observou-se o aparecimento de temáticas correlacionadas à escolha profissional efetuada, sendo elas: a família, suas influências, as percepções do jovem entrevistado em relação a ela e o apoio na escolha profissional; a escolha profissional equivocada, as percepções em relação à profissional escolhida, o processo de escolha, os sentimentos suscitados, os conflitos vivenciados e o posicionamento frente a essa situação; e a nova escolha profissional, os projetos para o futuro profissional, a percepção da dimensão do prazer na profissão e os sentimentos frente a uma nova escolha.

Os jovens entrevistados, ao se referirem à questão familiar influenciando diretamente suas escolhas, apresentam posicionamentos diferenciados, ou seja, há um entre eles que expressa uma angústia por estar inserido num curso atendendo o desejo da família, cobrando dela um apoio em função disto e que só o obtém, quando percebem o seu sofrimento. Este apoio vem na forma de uma compensação financeira, mas não na liberdade para se fazer uma nova escolha de acordo com o seu desejo. Este jovem vivencia uma trajetória acadêmica com muitos conflitos, mas decide não abandonar o curso encontrando por meio dele, a possibilidade de uma independência financeira que lhe propiciará, num futuro bem próximo, a realização de seu sonho no âmbito profissional.

Um outro entrevistado, uma jovem, encontra todo o apoio na família para escolher a sua profissão. Este apoio se expressa pela ajuda financeira e pela liberdade para que se faça a escolha sem a interferência de opiniões dos familiares. Entretanto esta jovem se vê perdida no universo amplo das profissões, alternando sua opinião em relação à família, que lhe dá espaço para efetuar sua escolha, mas que parece não tê-la preparado para fazê-la. Vê-se, então, numa angústia para escolher e procura apoio terapêutico que lhe auxilie a encontrar respostas. Inicia um processo de autoconhecimento e de busca de informações acerca das profissões. Decide-se por uma profissão baseando mais em seu aspecto idealizado e descobre, logo após o seu ingresso, não ser exatamente o que queria. Vive-se um período de muita angústia, tristeza e sofrimento, mas, apesar disso consegue fazer um movimento no sentido de sair, de se conhecer mais e novamente fazer uma escolha mais consciente.

A outra entrevistada recebe também influência da família. Acreditava, desde pequena, que já havia definido a área profissional que gostaria de seguir, mas se desvia

deste propósito devido a influências que atribui aos amigos de escola e à família. Quando descobre que efetuou a escolha equivocadamente, sente uma frustração e o desejo de retomar o que havia pensado para si em relação à vida profissional: a área de saúde. Encontra, na família, o apoio para recomeçar e o faz se preparando adequadamente para isto. Sente-se feliz por ter tido a coragem de tomar esta decisão, embora às vezes, ainda pensa acerca de sua escolha.

Como conclusão, vimos emergir, em cada entrevistado, uma possibilidade de saída da crise em busca de uma profissão que lhe proporcione uma realização, em que esteja presente a dimensão do prazer, por compreender que, quando se pensa em efetuar esta escolha, ela deve ser consciente, pois se trata de definir o futuro. Ao mesmo tempo em que a experiência significou a vivência de momentos angustiantes, ela também significou a oportunidade de um repensar que impulsionou para o crescimento e o amadurecimento.

Para finalizar, acreditamos ser importante assinalar ter esta pesquisa reiterado o nosso desejo de continuar explorando, investigando, questionando o tema da escolha profissional por parte de nossos jovens. Assim, procurou-se estruturar um projeto que contemple trabalhar a temática da carreira profissional, enquanto algo a ser construído durante a trajetória acadêmica, iniciando-se desde o momento em que o jovem ingressa no ensino superior, perpassando por toda a sua graduação.

Este projeto de nossa autoria e intitulado “Projeto de Orientação e Desenvolvimento Profissional“ está, no presente momento, em fase de implantação na instituição de ensino da qual fazemos parte. Ele tem, como proposta, trabalhar o desenvolvimento da carreira profissional a cada período do curso de graduação, respeitando-se etapas e focos específicos de tal forma que o jovem universitário faça o seu projeto de vida profissional, estabelecendo metas que serão avaliadas constantemente.

O projeto trabalha inicialmente, no primeiro período, com o foco de informações acerca da profissão, na tentativa de ampliar a visão do jovem em relação à profissão escolhida. A segunda etapa, refere-se à construção do projeto de vida especificamente, com ênfase na idéia de construção. A etapa que se segue foca este projeto no âmbito profissional, enfatizando o mapeamento de competências e no autoconhecimento. A etapa posterior propõe o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para o jovem no exercício de sua futura profissão, sendo esta seguida de uma outra etapa que possibilitará a definição das afinidades específicas de cada um dentro da área escolhida. As duas últimas etapas do projeto se referem à educação continuada, num enfoque de

orientação e no estabelecimento de novas metas, pois compreendemos que durante o tempo todo temos que estabelecer alvos, pois quem sabe onde quer chegar, sabe qual o caminho deve seguir.

Contemplamos, neste projeto, encontros que oportunizarão aos jovens momentos de discussão e reflexão acerca da profissão escolhida. Trata-se de propiciar um espaço a eles para que coloquem suas dúvidas e expressem suas angústias em relação à escolha efetuada e, assim, auxiliá-los num processo de reescolha profissional, se for o caso.

Há uma grande expectativa de nossa parte que este projeto de fato seja um serviço de apoio ao jovem em relação à construção de sua carreira profissional, minimizando seus conflitos, orientando-o e preparando-o para sua inserção no mundo profissional.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1984. 108 pp.
- AMATUZZI, Mauro Martins. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, vol 13, nº 1, p. 5-10. 1996
- AZEVEDO, Marcello de C. Não Moderno, Moderno e Pós-Moderno. *Revista de Educação AEC*. São Paulo Ano.22 n.89. out./nov. 1993. p. 19-35.
- BOCK, Ana M. B.. FURTADO, Odair. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2002. 368 pp.
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação Vocacional: A estratégica clínica*. Trad. José Maria Valeije Bojart. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 221 pp.
- BOLLNOW, Otto F. *Pedagogia e Filosofia da Existência: um ensaio sobre as formas instáveis da educação*. Trad. Hermógenes Harada. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. 242 pp.
- BUAIZ, Sérgio. O desafio de fugir à regra. *Jornal Virtual Profissão Mestre – ano 05 nº 07- 03 de março, 2004*.
- CARDOSO, Ofélia Boisson. *Problemas da Adolescência*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1969. 239 pp.
- COOPER, David. *A morte da família*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. 175 pp.
- COSTA, Gley P. *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 130 pp.
- CUÉLLAR, Javier Pérez (org.). *Nossa Diversidade criadora: relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*. Campinas: Papirus, Brasília: Unesco, 1997. 416 pp.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. CD-ROM, versão 5.0, 2004
- FLAVELL, John Hurley. *A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. Trad. Maria Helena Souza Patto. São Paulo: Pioneira, 1975. 479 pp.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisas*. 2ª tiragem. São Paulo: Pioneira, 1997. 81 pp.

FRANCO, Simon. *O profissionauta: você no mercado e trabalho do século XXI*. São Paulo: Futura, 2001. 191 pp.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e sentido da vida*. Trad. Alípio Maia de Castro. 3ª ed. São Paulo: Quadrante, 1989. 352 pp.

GENTIL, H. S. Individualismo e Modernidade. *Psicologia & Sociedade*, 8, nº 1, pág.83-101.

GIDDENS, Antony. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Trad. Miguel Vale de Almeida. 2ª Oeiras, Portugal: ed. Celta Editora, 1997. 215 pp.

GOMES, Candido Alberto. Afinal, Filosofia para quê? *Revista Acadêmica*. Brasília, UNEB, p.85-90, jul./ dez. 1999..

IMBERNÓN, Francisco. *A educação no século XXI: Os desafios do futuro imediato*. Tradução: Ernani Rosa. 2ªed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 205 pp.

LEVENFUS, Rosane Schotgues. *Psicodinâmica da escolha profissional*. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. 436 pp.

LEVISKY, David Léo. *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 140 pp.

LUCCHIARI, Dulce Helena S. *O que é escolha profissional*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. 84 pp.

MANCEBO, Deise. Modernidade e produção de subjetividades. *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*. Brasília: CFP -Conselho Federal de Psicologia ano 22., nº1, , 2002, p. 100-111.

MARTINS, Geraldo Majela. Transmissão e ensino pela via da transferência. In: *Revista de Educação*. Salvador: Ano 6 n.22. Setembro. 1998. págs. 20-24

MARTINS, Joel Bicudo, Maria Aparecida Viggiani. *A Pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos*. 2ª ed. São Paulo: Editora Moraes, 1994. 110 pp.

MINAYO, Maria Cecília (org.) *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Editora Hucitec-Abrasco, 1999. 269 pp.

MONTEIRO, José. Educação brasileira: mito e realidade. *Educação e realidade*. Porto Alegre, vol 5, nº 1, pág 71-86, jan./abr. 1980.

MOURA, Maria Lúcia Seidl.; FERREIRA, Maria Cristina.; PAINE, Patrícia Ann. *Manual de elaboração de projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998. 132 pp.

OZELLA, Sérgio; BOCK, Ana M. B. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. IN: Bock, Ana M. B.; GONÇALVES, M. Graça M.; FURTADO, Odair (orgs.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001 pags.100-150.

PAPALIA, Diane E. OLDS, Sally Wendkos . *O Mundo da Criança: da Infância à adolescência*. Tradução: Auriphebo Berrance Simões. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1981. 578 pp.

RENAUT, Alain. *O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito*. Tradução: Elena Gaidano. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. 112 pp.

RIBEIRO, Renato Janine. *A universidade e a vida atual: Fellini não via filmes*. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 211 pp.

RODRIGUES, Viviane Trocoli. *A adolescência e a escolha de uma profissão*. 17 de setembro de 2001. disponível em <www.wmulher.com.br/template.asp?canal=trabalho&id_mater=494>. Acessado em 04 novembro 2003.

SAMPAIO, Jader dos Reis. A pesquisa qualitativa entre a fenomenologia e o empirismo formal. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, V.36, nº2, Abr/jun 2001, p.16-24

SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 417 pp.

SILVA, F.F. KINDI, E. *Diagnóstico Institucional: a Evasão na Universidade*. 07 de fevereiro de 2003. disponível em <www.usp.br/ip/laborprof/resumos.html> acessado em 09 setembro 2004.

SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. *Personalidade e escolha Profissional*. São Paulo: EPU, 1992. 129 pp.

SOARES, Dulce Helena Penna. *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus, 2002. 196 pp.

VASCONCELOS, Zandre B. de. O processo de Orientação Vocacional frente ao século XXI. *Revista Psicologia, Ciência e Profissão* Brasília, CFP. nº 3, ano 22, 2002, p. 46-53.

WACHOWICZ, Lilian Anna. *A interdisciplinaridade na Universidade*. Curitiba: Champagnat, 1998. 125 pp.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 12ª ed. São Paulo: Pioneira, 1996. 233 pp.

ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 277 pp.

ZAGURY, Tânia. *Encurtando a adolescência*. Rio de Janeiro: Record, 1999. 306 pp.

NAEG.USP. Projeto “*A Universidade e as Profissões*” ajuda jovens a decidirem suas carreiras. Disponível em <www.naeg.prg.usp.br/siteprg/noticia.phtml?id_noticia=43> acessado em 09 de setembro de 2004.

ANEXOS

Anexo A

Roteiro de Entrevista

Tema (texto introdutório):

Antes de efetuar a sua escolha profissional, você vivenciou todo um processo para que esta se realizasse. De repente você descobriu que não fez a escolha correta e passou então a viver uma fase difícil em relação a esta temática, uma crise poderíamos assim chamar.

- 1- O que você acredita que poderia tê-lo (a) levado a perceber que fez uma escolha profissional equivocada?
- 2- Que tipo de sentimentos você vivencia nesta situação?
- 3- Você consegue vislumbrar uma maneira de sair desta situação (crise)?
- 4- O que significa para você passar por esta experiência?

Anexo B

Entrevistas

Entrevista 01

Idade: 24 anos

Sexo: Masculino

Local de realização da entrevista: Centro Universitário Newton Paiva

Antes de efetuar a sua escolha profissional, você vivenciou todo um processo para que esta se realizasse. De repente você descobriu que não fez a escolha correta e passou então a viver uma fase difícil em relação a esta temática, uma crise poderíamos assim chamar. Você poderia descrever esta situação?

O meu problema começou o seguinte, em torno de 98. Eu, antes disso, vamos retomar mais. Eu sempre vi meu pai, minha família toda sempre mexendo com Direito. Eu sempre notei que eles eram muito angustiados com isso. O meu pai mesmo foi concursado, um concurso difícil e por diversas vezes antes de passar neste concurso em 94, diversas vezes pegou outros concursos e ficava sempre aquele negócio. Olha, quando você crescer, você vai ter que passar por isso e vai ver o que eu estou passando. E eu cresci com isso desde muito novo, vendo isso, né. E um grande medo que eu sempre tive na vida foi ingressar na carreira jurídica. Prá mim sempre foi um bicho de sete cabeças. Aí em 97 mais ou menos, eu comecei estudar em colégio muitas outras matérias e em 98 o meu objetivo era fazer vestibular para História. Só que quando eu comuniquei isso, o pessoal lá chiou né, criou o maior caso, falou: - você vai fazer isso! Você vai passar fome, você não vai ter, assim, começou a botar um monte de coisa na minha cabeça. Aí, eu falei assim: - Não, tudo bem! Então se eu não fizer isso, eu quero fazer para qualquer outra coisa, mas não quero fazer para Direito. E na época eu precisava de mesada e ele cortou. Ele falou:- Não, você vai fazer Direito e se você fizer outro vestibular, você vai ter que pagar sua inscrição e tudo.

Então, assim, eu já não podia mais fazer História, que era a vontade que eu tinha era dar aula e era obrigado a fazer Direito. Aí, acabou que eu fiz o vestibular, inclusive peguei o dinheiro de outras inscrições, sabe, não fiz e guardei. Fiz na Newton com a obrigação de passar e passei em 99. Tentei na Federal, não consegui e passei em 99. Então

quando começou aqui eu estava sentindo assim, bom já que eu estou aqui, eles pelo menos podem me ajudar com alguma coisa, né, em termos de carreira. Só que essa ajuda só veio agora (risos), no 9º período. Eu comecei o 1º semestre, não gostava de matéria alguma, não fazia lógica prá mim, e tive experiências com professores que me mostraram o lado ruim da profissão. E inclusive um deles chegou prá mim e me disse: - Olha, você não tem futuro, você não, logo no 1º semestre, você está desinteressado, você se for assim vai passar fome, e aquele negócio me marcou. Eu continuei vendo mesmo na sala de aula, como é que as pessoas se comportavam com relação ao curso, com aquela impáfia, carregando aquele formalismo, como se fosse dono das coisas, porque o Direito infelizmente tem isso. A pessoa que faz parece que fica imbutido nela um sentimento de superioridade, coisa que eu não tenho isso, e não admito que os outros tenham. E assim, ao longo do tempo eu fui tomando uma raiva muito grande por causa disso. As matérias até que eu sempre passei com facilidade, eu estudava e tudo mais. Mas para lidar no dia a dia com aquelas pessoas, era difícil.

E foi quando eu comecei a ter a crise mesmo, foi em 2002, quando eu cheguei a trancar o semestre. Não, não, foi em 2003 e que eu cheguei a trancar o semestre. Eu não aguentava mais, para eu poder vir e assistir as aulas eu tinha que estar bêbado para suportar as pessoas, porque era um inferno. Infelizmente era um inferno e eu chegava aqui, não tinha interesse algum e tive mais problema com professor no mesmo sentido, entendeu? Um deles, que é promotor de justiça, falando que: - Na sua idade eu já era promotor!. Então eu nunca gostei dessa área, sempre achei uma área com pessoas arrogantes e que não dão oportunidade de você ser você mesmo. Você tem que estar sempre fingindo alguma coisa. (Pausa)

Fale mais sobre o seu sentimento em relação a isso...

Eu tinha uma tristeza muito grande, um desestímulo completo. Eu falava para que eu vou fazer isto aqui, sendo que depois eu não quero usar isto. Aí começou um ato de resistência. Eu falei assim: - Não! Eu estou fazendo um curso que eu não gosto, portanto, que eu vou fazer? Vou fazer isto daqui da maneira mais diversa possível, né, que as pessoas costumam fazer. E eu chutei o balde mesmo. Me criou uma revolta, eu queria chocar as pessoas, queria agredir as pessoas por causa disso. E fui levando. Se eles me cutucavam de alguma forma com esta impáfia, com esta arrogância, eu devolvia com grosseria e até com agressividade mesmo. E fui levando esse negócio, né, até que no começo deste ano eu tomei a decisão que eu não vou mexer com Direito mesmo, estou

mexendo agora porque eu, infelizmente, preciso de dinheiro, né, e eu estou no escritório do meu avô e ele está me dando uma remuneração razoável. O desespero da minha família foi tamanho que eles me colocaram lá e pagando um salário bom, porque eles viram que eu não gostava do curso, viram que eu não interessava pelo curso e que eu realmente estou resoluto com isso. É, eles então, assim, tentaram me comprar mesmo. Vai prá lá que nós vamos te dar um salário bom, só que o que eu vou fazer? Eu não vou brigar com eles. Vou pegar este salário e vou investir em outro curso, entendeu? Estou guardando este dinheiro, mas vou investir assim, em algo mais natural que o Direito, porque este curso realmente não gosto.

Assim, hoje eu não vou dizer que eu esteja mais infeliz, mas eu acostumei com a situação. Eu aceitei que é uma coisa que eu não queria, que eu perdi anos da minha vida aqui dentro, que outras pessoas que eu vejo que fazem o curso, que gostam mesmo, elas estão felizes e não estou com isso, mas aceitei. É uma parte da minha vida que não vai voltar, mas eu aceitei isso.

Fale mais sobre os seus planos...

Eu espero que, primeiro eu tenho que formar aqui no curso de Direito para ficar livre dessa obrigação para com a minha família. Com o dinheiro que eu estou juntando, eu vou fazer outro curso depois.

Você sabe qual curso?

Publicidade. Estava na dúvida entre Publicidade e Filosofia, mas vou fazer Publicidade. É uma coisa mais dinâmica, onde eu possa exercer a criatividade, então eu acredito que a Publicidade vai atender bem.

Gostaria de falar mais alguma coisa?

Bom, pelo que eu já conversei, todo mundo passa por um momento de indecisão dentro do curso, questiona se fez a escolha certa, fica na dúvida passageira não. Antes de ingressar na faculdade eu já sabia que eu não queria aquilo, agora que eu estou saindo, eu ainda continuo sabendo que é o que eu não quero. Fiz isto só para ter certeza.

O que foi para você esta experiência?

Eu amadureci muito mesmo. Amadureci muito. A vida inteira eu sempre fiz o que eu queria dentro do colégio. Sempre direcionava as matérias, os projetos, sempre que eu

queria, e assim, eu era uma pessoa que quando me contrariavam, eu não sabia muito bem lidar com isso, sabe? Na verdade era o seguinte. Eu era mais feliz, né, na época do colégio. Sabe, inclusive mesmo em História, Geografia, eu desenvolvia projetos, assim, extra-classe, eu conversava muito com os professores e assim era muito interessado nisto e levava as coisas muito do meu jeito. Quando eu entrei aqui e vi que não tinha controle algum, que o negócio era difícil mesmo, eu amadureci bastante neste sentido. Vi que a vida não é, infelizmente, o que a gente quer que seja. No colégio eu direcionava. Eu gosto disto, vou ser bom nisto. Aqui sempre detestei todas as matérias, e procurei empurrar com a barriga mesmo. A minha família está achando que eu vou continuar com isso, que eu abracei a advocacia. Eu tomei esta decisão, que a partir deste ano várias coisas importantes na vida eu não comunico mais a eles, em função desta coisa do curso, que eles me obrigaram e quando eu falava que eu queria sair, eles não deixavam. Quando eu tranquei o semestre, eles me obrigaram a voltar depois. Dependendo financeiramente dos outros é difícil, não tem independência e eu tenho certeza que até 2006, eu já consegui isto. Quero ressaltar o seguinte, que o que mais me incomodou no curso foi a maneira como ele foi dado. Sabe, por pessoas que não tinham o preparo emocional para lidar com o poder e que já me mostraram, que eu sempre fui um cara muito ressentido com as pessoas que chegam muito arrogantes, usando do título dela, da carreira dela para provar superioridade. Falo dos professores e mesmo de alguns alunos lá que falam eu sou filho de fulano de tal, isto acontece muito no Direito. E a falta de inteligência emocional delas me prejudicou bastante. Sabe, eu já entrei num negócio que eu não gostava, cercado de pessoas que eu não gostava. Isto foi muito difícil. Eu aceitei, aceitei. Falta agora seis meses para eu me formar e eu vou levando este final sem compromisso algum de me envolver em questão de aula, me chatear, envolver em briga com professor, levando este final na paz.

E o interessante é que se eu quisesse, eu acho que poderia até ficar bem nesta área pela ajuda que eu tive agora, mas que chegou tarde. Na época, inclusive, eu procurei meu pai e falei: Olha, eu não estou gostando do curso, arruma estágio. E ele falou assim: -Oh, aqui em casa todo mundo se virou sozinho, e com você não vai ser diferente não. Depois que eles viram que eu estava desesperado, me ajudaram. Então, eu acho assim, que eu poderia até ficar bem, mas eu não vou botar dinheiro na frente de felicidade não. Vou fazer o que eu gosto, mesmo que seja para passar dificuldade. Dificuldade financeira acho que todo mundo passa, não tenho que tentar viver numa ilha isolado de todo mundo. Vou lutar por isso.

Entrevista 02

Idade: 20 anos

Sexo: Feminino

Local de realização da entrevista: Centro Universitário Newton Paiva

Antes de efetuar a sua escolha profissional, você vivenciou todo um processo para que esta se realizasse. De repente você descobriu que não fez a escolha correta e passou então a viver uma fase difícil em relação a esta temática, uma crise poderíamos assim chamar. Você poderia descrever esta situação?

Faço Comércio Exterior. Fiz esta escolha há dois anos atrás e acredito que não tenha sido uma escolha difícil, tinha uma dificuldade para escolher meu curso, porque eu gostava de muita coisa, tinha afinidade com muita coisa e não conseguia achar o curso.

Eu sempre achei que eu tinha que acordar de manhã e falar: -que legal que eu estou indo fazer uma coisa que me vai fazer feliz! Que legal que eu tô indo fazer uma coisa que vai... eu não queria acordar e falar: - ah! Mais um dia de trabalho, mas eu tenho que assim pra comer. Não! Queria que por ser um lugar em que ia passar uma boa parte do meu dia, eu quero uma profissão que me dê prazer. Sei que tem problemas, mas quero uma profissão que me dê prazer.

E eu fazia terapia na época por outros motivos, não fui para terapia para fazer a minha escolha profissional e acabei estando num momento de escolha profissional, acabei fazendo cursinho. Fiz orientação vocacional no cursinho, mas a orientação vocacional do cursinho não te dá respostas, te ajuda num caminho, te dá testes, mas nada que te dê uma resposta, nem área, nem que você tem aptidão pra essa área ou aquela. No cursinho não tinha. E eu fazendo terapia, eu conversava sobre o assunto, e eu sou muito estressada e minha família não quis me apoiar na decisão. Me apoiar assim, falando você se parece com isso, ou com aquilo. Ninguém nunca quis. Sempre falou assim: - isso é uma escolha sua, você que tem que estar buscando, a forma como você acha melhor, me deram o amparo de aceitar a minha escolha e me ajudar a pagar a faculdade.

Em relação a minha escolha ninguém meteu o bedelho. Eu ia enfrentar só a Federal no final do ano, e de repente no meio do ano a minha terapeuta falou: - Oh, quem sabe você não tenta no meio do ano, você é muito ansiosa, você não sabe como é que é. Tenta!

Mas eu falei eu nem sei o que que eu quero. Aí ela falou: - Não! Tenta. Aí que eu comecei a fazer esse processo de descobrimento do que eu queria. Eu comecei a falar sobre o que eu gostava, sobre o que eu não gostava, sempre tratando isso nas minhas sessões de terapia. E eu nem conhecia a profissão, nem nunca tinha ouvido falar, e uma vez ela me falou sobre essa profissão, a gente começou a conversar sobre as profissões, né. Ela me falou da Psicologia que ela conhecia, de outras profissões que ela conhecia, eu falei de muitas que eu conhecia pela minha família, e ela falou comigo: Ah! Você conhece Comércio Exterior? E eu sempre tive o sonho de ir pra fora, morar nos Estados Unidos, pela minha família. Minha família paterna toda mora lá e a irmã caçula da minha mãe também mora lá e o meu sonho era ir lá. E acabou que com a confusão das torres eu não pude ir, eu ia fazer faculdade lá, tentar vestibular lá, vestibular entre aspas, e não pude ir com o ataque das torres e aquilo me deixou muito chateada, muito triste, era um sonho. Cresci com aquilo, de formar o segundo grau e ir para lá. Aí não fui. Aí ela me contou sobre a profissão, sobre o que ela conhecia da profissão, tinha uma pessoa muito próxima dela que fez Comércio Exterior nos Estados Unidos e que hoje ela gerenciava uma empresa de grande porte e era a responsável pela América Latina na empresa. Fala português muito bem, espanhol muito bem e é responsável pela América Latina na empresa. Me deslumbrou né! Mas eu falei ah eu não quero não, é muita matemática, administração, muito cálculo, matemática. Não! Você vai ter só matemática I, II, no máximo III. E eu muitos meses pensando, avaliando e chegou a época do vestibular e ainda fiquei meio assim, não sabia o que eu tentava. E fiz a escolha pelo Comércio Exterior, mas assim, na última semana, eu fiz a inscrição na última semana. E quando eu fiz, eu tô assim, ah gente será que eu tento isso? Mas eu nem conheço, porque eu sempre achei e acho até hoje, que a gente entra na faculdade por achômetro. Eu acho que é por achômetro. A gente não tem conhecimento do que a gente vai ver, do que a gente vai ser depois que a gente vai formar. Exceto assim, um professor, um jornalista, uma profissão que todo mundo conhece, que as pessoas têm mais contato, tem mais informações. Comércio Exterior, o que eu vou fazer? O que eu vou ser? Aí eu comecei. Não, eu vou ser administradora e vou ter ainda aquele quê mais de exportar e importar.

É lindo, maravilhoso, primeiro semestre é tudo maravilhoso, festa, barzinho, amigo novo, vida nova, tudo novo, você pode entrar e sair a hora que você quiser, mas eu sempre fui uma pessoa muito responsável e isto foi meio um choque para mim, porque a minha sala é uma sala muito difícil de lidar, muito complicada em relação a atitude, pessoal brinca muito, sai demais da sala, entra depois de ter bebido, e eu tô gente, quero o meu

colégio de volta! Ninguém merece! Eu comecei a viver um outro conflito, que é eu crescer, não posso voltar pra onde eu tava. Agora eu sou adulta, vou procurar emprego, coisa que eu nunca tinha trabalhado, mas aí tudo bem.

Eu estou com os meus problemas do meu emprego, do curso, entrei na faculdade pensando que, aí tentei vestibular feliz, escondido, na semana do vestibular eu contei pra minha mãe. No dia do vestibular eu fui almoçar e sonhei na noite anterior que eu tinha perdido a prova (risos), aí que eu fui contar pra minha avó que eu tava tentando vestibular, porque ninguém sabia. Quatro dias depois saiu o resultado só na Newton. A minha tia mobilizou a Newton pra achar o meu nome (risos), pra ver a lista, que não era um dia que ela trabalhava. Aí eu passei. A minha família fez festa, todo mundo pulou no sofá, saímos pra comer pizza, e eu falei: - olha gente, tentei pra descobrir como é que é, o curso da minha vida! O curso da minha vida! Não tem na federal, tô muito triste, mas na Federal tem outras coisas que tem a ver comigo também, não tô preocupada não.

Eu sou a neta mais velha e sou afilhada dos meus avós. Meu avô na hora levantou e falou: - Não! Se é o que você quer, você não vai deixar de estudar por falta de dinheiro não! Eu te ajudo.

Minha mãe idem. A minha tia dá aula na Newton e falou: - Não! Eu vou tentar uma bolsa pra você e tal.

Vim feliz e estudei. No 1º semestre foi tudo bem, tinha algumas coisas que eu não gostava, mas a todo momento eu pensava, ah tem coisa que eu não gosto, mas tudo vai ter alguma coisa que eu não gosto. E fui super bem na Matemática, aprendi gostar daquela Matemática, professor atencioso. Aprendi coisa que eu já estudei no colégio e não tinha aprendido, aqui eu aprendi de verdade. Tinha um super amigo na sala que me ensinava. Ele e a esposa dele me ensinavam na sala. A gente chegava mais cedo e estudava, e então assim, o que eu achei que tinha dificuldade, não tinha mais dificuldade, que era a Matemática.

Aí veio o 2º semestre, que foi o semestre anterior ao de agora, e eu comecei a viver, intensifiquei essa crise. Já não era mais oba oba de calouro, já era coisa séria, e eu to gente, é muito para eu não estar gostando. Comecei a ver Fayol, Taylor e eu to gente, que esse povo tem a ver comigo? Que eu tenho com isso se Ford fez ou deixou de fazer! Aí eu comecei a ficar angustiada, porque a matéria era a principal do curso, é Administração. Aí eu to, gente mas eu não dou conta de gostar disso, eu tenho que ler, eu gosto de ler, mas isto me enjoa, não to dando conta (risos). É mas tudo bem, o professor uma doçura também, e eu costuma quando eu gosto do professor, eu apaixono pela matéria, porque o

professor me envolve, aí eu começo a gostar. Aí eu tá, não tô gostando, mas eu tenho que amadurecer esta idéia, e a sala já estava pior do que estava antes e eu já estava ficando mal humorada, porque eu tava trabalhando, eu vinha depois do trabalho cansada, sala falando, gente bebendo, gente entrando e saindo, e aquela matéria que eu não tava dando conta e aí o professor já não era mais um ponto que podia me ajudar.

Aí dois meses depois que a aula começou, o meu pai faleceu. Aí eu não assistia aula. Vinha para a aula, à sala, mas não assistia a aula. Saía da sala e chorava e foi muito, muito complicado. Tinha Economia. Gente, Economia que era uma coisa que eu gostava, amo a professora que me deu aula. Hoje eu encontro com ela no corredor, agarro ela e aí de quem falar mal dela perto de mim, porque pra mim ela foi um anjo, me ajudou muito enquanto pessoa, na situação que eu vivi. Tendo esse conflito todo aí, o mundo desabou. Eu já não estava indo bem mais no meu trabalho, porque eu trabalhava com administração. Não tava indo bem na faculdade, porque eu não assistia aula, não gostava da matéria, a sala era aquela confusão. A única coisa que eu queria na minha vida era dormir, ficar no meu quarto e chorar, sei lá, mas vir à aula não era uma coisa que eu estava me fazendo vontade de vir não.

E aí foi um semestre muito, muito complicado, muito sofrido. Nossa foi um semestre muito... mas eu não podia tomar essa decisão: Ah, eu não quero! Por que? Porque tinha muita coisa complicada na história, não podia abandonar o curso, mesmo porque eu nem sabia se eu estava abandonando porque o problema era comigo, se era eu que não tava bem, porque se eu tivesse aqui ou tivesse lá na Conchinchina eu não ia tá bem, porque eu tava sofrendo uma perda muito grande, meu pai.

Aí eu continuei o semestre, tive muita dificuldade no semestre, nossa! Teve uma matéria, Matemática Comercial Financeira, que eu não sabia mexer na calculadora. Quinze dias antes da prova, eu tinha perdido uma prova por causa desse negócio com meu pai, e quinze dias antes, um mês antes da prova, o professor deu uma prova e eu escrevi, assinei e escrevi: estou assumindo de não fazer, eu não dou conta, não tem condição, não sei a matéria, não vou fazer. Aí, ele me chamou, uns quatro dias depois de corrigir as provas, me chamou no dia que ele entregou as provas e falou: olha, eu não te aconselho fazer isso não. Você não vai entregar os pontos. Você é uma ótima aluna, uma pessoa maravilhosa, vai estudar que eu te dou outra chance. Quinze dias antes da prova final, estava eu tirando 6,5 numa prova valendo 10. Estudei sozinha, não peguei aula particular com ninguém, só li as apostilas dele e aprendi a matéria sozinha, que era uma coisa que eu não sei, nunca soube, nunca gostei, Matemática eu odeio.

Quando eu decidi fazer o meu curso, eu tinha duas coisas que eu tinha certeza que eu não queria: que era dá aula, que eu não concebia. Que a minha mãe é professora, e eu tenho uma tia que é professora. Eu acho que é o cúmulo dar aula porque é muito aluno chato, é muito tempo além do tempo de sala de aula que a pessoa trabalha, remuneração má. Eu queria morrer quando alguém falava com a minha mãe “você só faz isso?”. Pôxa! A mulher dá aula em cinco lugares e alguém vira e fala “você só faz isso?”. Vai fazer mais o quê? E plano de aula, correção de prova, e aluno chato e meu avô ainda brinca e fala se tem uma coisa que ninguém, se tem uma identidade que ninguém tem, é esposa de policial e marido de professora. Ah! Você é que é a esposa do policial, fulano de tal? (risos). E duas coisas que eu não queria era dar aula e fazer um curso ligado a Matemática. E fui escolher Comércio Exterior, que Administração é Matemática. Você vai fazer um cálculo, dar um desconto numa compra, como é que vai fazer isso? Mais Administração, Economia e vem uma Cultura das Relações Internacionais, que eu to meu Deus, o que que eu tenho com isso, se a 2ª guerra foi por causa de uma relação que ficou meio sujinha depois da 1ª guerra, eu não tenho com isso. Aí, a coordenação me ajudou muito. O coordenador foi um doce comigo, me auxiliou muito e me indicou uma pessoa, um colega de curso, que foi conversar comigo, me contou sobre a Administração, foi numa época que uma tia minha que mora fora, uma das irmãs de meu pai, que me pediu auxílio numa exportação que ela ia fazer pra cá. Aí esse colega foi me ajudar, mas eu falei: -Gente, eu não quero ser ajudada, eu não quero fazer isso! (risos) Ele começou a me dar dicas de como eu ir ajudar uma pessoa. Eu ia ajudar a minha tia, me dando dicas da forma como eu tinha que falar. Eu tinha que omitir tudo, tinha que mentir um pouquinho e eu comecei a olhar e falei: -Gente, isso não é pra mim. Uma vez eu parei para conversar com ele. Ah! Eu estou tão desiludida com esse curso, eu não to dando conta desse negócio que eu vou ter que furar os olhos das pessoas. Lembro como se fosse hoje. Ele falou comigo: -Não. Você vai furar um olho só! (risos) E a pessoa não pode perceber por que ela tem que voltar para comercializar com você. E eu acho que é uma questão de princípios talvez. Eu acredito que eu vim no mundo para ser feliz. Essa é a primeira coisa. A segunda é que eu tenho uma coisa dentro de mim que me cutuca todos os dias, assim e fala: -Olha, você vai trabalhar para ajudar as pessoas. O seu trabalho, que você vai acordar sorrindo e saber que você vai ta fazendo a diferença na vida de alguém, de alguma forma. E eu, beleza. Só que eu ser uma pessoa... eu acredito que sou uma pessoa muito correta com os meus princípios, com as coisas que eu acredito e eu pensei, será que Serviço Social? Falei, não é para mim. Que um preso queimou o colchão dele, numa boa, vai dormir no chão. (risos) Quem mandou ele queimar o colchão

dele? Aí eu comecei a falar o que que eu vou fazer para mim me ajudar a fazer esta escolha.

Fui fazer orientação vocacional de novo, que era outra orientação que não me dava respostas e eu comecei a descobrir sobre as profissões, a estudar sobre as profissões, comecei a me descobrir lá dentro também muita coisa sobre mim. E comecei a ver o que que eu gosto, o que que eu gosto e a falar. Primeira coisa, eu amo muito falar e gosto de gente, gosto de mexer com gente. Eu não gosto de comercializar com pessoas não. O Administrador em Comércio Exterior, ele vai comercializar, vai mentir, vai omitir, ele vai pintar mais bonitinho uma coisa que às vezes não é tão linda assim. Eu não quero isso. Ah! Eu quero mexer diretamente com as pessoas. Aí, aconteceu uma coisa muito legal. Eu faço estágio na Câmara de Vereadores e ocorreu um problema e eu pedi para mudar de setor e eu fui trabalhar na AGIT. O que que é a AGIT? Uma agência de emprego. Quando eu fui fazer entrevista, a minha chefe até então, que é a pessoa que é a minha chefe hoje, falou assim: - È um lugar complicado, você vai pegar gente passando fome, precisando de emprego, você vai pegar gente passando mal, porque já não sabe mais o vai fazer. Você vai ouvir um monte de gente te dizer isso não presta pra nada, não vale nada, não conheço ninguém que conseguiu, você vai ter que ter muito tato, muita paciência. Eu to gente, será que eu vou ter paciência? Porque eu sou uma pessoa ansiosa, impaciente. Uma coisa que eu não aceito é que me desrespeitem. Mas era um desafio e era uma coisa legal. Primeiro porque eu precisava de mudar de setor. Era o primeiro ponto. O segundo ponto era porque era novo e foi uma coisa que Deus me deu a oportunidade de ta vivendo num momento muito importante. Por que? No momento de escolha profissional eu caí num lugar que eu vou mexer com gente, do jeito que eu queria mexer, e tem dois meses que eu estou lá e estou amando! Gente já chorou no meu guichê, gente já foi lá e por favor, deixa eu te dar um abraço, eu consegui aquele emprego daquela carta que você me mandou. Eu quase chorei junto e assim, fiquei muito feliz.

Hoje eu sei que eu quero mexer com gente.

Então agora você sabe o que você quer?

Bom, minha escolha é na área de humanas. Tentei vestibular agora na PUC, mais perto da minha casa, mais barato. Tentei Jornalismo. Tentei Jornalismo por quê? Porque eu fico imaginando, foi muito engraçado porque a minha redação na prova era isso, e eu falei vou mastigar, jantar a prova, né. Por que? Posso falar da redação, porque a redação você tinha que está falando sobre os dirigentes desses programas que faz baixaria, brigas,

confusão, que não tem nada educativo, tipo, falar com eles, porque eles estão falando aquilo, questionar. Um artigo de opinião.

E eu falei assim, o que eu sinto, assim, eu jornalista. Eu quero ser um agente modificador do mundo. Uma pessoa que escolhe esta profissão, até então, é a que eu escolhi, por quê? Porque eu tenho uma insegurança muito grande em fazer esta escolha de novo. Porque eu não posso ficar pulando cada ano para uma profissão. Não sou eu que pago. Se fosse eu que tivesse pagando, ainda ia. Meu avô e minha mãe sacrificando de outros lugares pra ta pagando faculdade, e eu não quero esse não. Ah, quero outro. Essa mudança pra mim é muito mais difícil que minha escolha, porque eu assumir que eu errei por conta e risco, porque ninguém me ajudou a escolher, em mudar para outra coisa que tem que ser a certa, posso fazer mil cursos depois, mas eu quero achar uma profissão que eu me forme bonitinha, que eu pague a minha próxima faculdade com ela, porque por eu gostar de muita coisa eu até acho que eu possa fazer outras coisas depois, me especializar, fazer outro curso, sem problemas, mas eu tenho que ter um ponto de partida, eu quero terminar o curso. Começar é fácil, eu quero é terminar. Então, assim essas coisas são difíceis pra mim por causa disso, porque eu acho que tem que ser uma escolha com muito mais propriedade, com muito mais maturidade depois de tudo que eu já passei, do conhecimento que eu tive e quando eu falei: - Mamãe, vou fazer Jornalismo! Ela falou: - Acho que tem a ver com você. Eu falei: -Que droga que ela não falou antes! (risos). Por que você não falou antes de eu tentar? Não, porque é uma escolha sua, respondeu minha mãe. Essa minha família é maravilhosa! Ninguém nunca falou nada de eu estar mudando de curso, ninguém nunca brigou, reclamou, principalmente os dois que são os mais importantes. Por incrível que pareça, ninguém nunca falou nada. É, e por que eu quero Jornalismo? Que foi o que eu pensei até então da profissão de humanas. Tem possibilidade de eu dar aula, depois que eu formar, numa faculdade com pessoas maduras (risos).

Mesmo você dizendo que não queria ser professora?

(risos) É acho que é, foi uma escolha muito legal, porque eu descobri que eu não queria nada de Matemática, porque eu odeio Matemática? Mentira, porque eu não conheço Matemática, porque eu não aprendi Matemática. Hoje eu já conheço, eu já aprendo, eu não quero trabalhar com Matemática no meu dia a dia, que é o que o Comércio Exterior exige, mas se eu precisar de mexer na minha HP, entendeu, fazer um enter e um mais, eu já sei (risos). Então assim, eu fazendo uma faculdade vou poder dar aula depois no curso, depois prá dar aula sobre o curso, vai ter que ser uma pessoa que ama muito o que está fazendo e

eu vou ser esta pessoa, que vou ta amando muito. Eu sou uma pessoa que me entrego às coisas e eu acho que o jornalista tem que se entregar, ele tem que ser verdadeiro.

Eu me vejo entrando na casa das pessoas para uma revista, prá um jornal, num jornal de televisão, na rádio, e fazendo a diferença e as pessoas chegando em casa e falando: -Oh, nossa! Eu sei que eu vou ter um chefe que vai me mandar, que vai deixar ou não eu fazer uma matéria e que vai ser escrita da forma como ele quer, mas dane-se! Isso não me amedronta, assim. Chegar e falar que está tudo ruim, mas está tudo bem, porque isso que aconteceu é que vai ser o diferencial, que mostra o que está mudando. Aquilo acontece, olha que legal aquilo! E ta levando a verdade, olha, que bom que isso aconteceu, mas aquilo ali ta acontecendo na política, na economia, e é importante a pessoa ta sabendo daquilo. E outra coisa que me fascina, eu sou a primeira a receber a informação, isso é uma coisa que me fascina. Eu posso não passar a informação para os meus telespectadores da forma que eu vejo, porque eu tenho que ser imparcial e porque tem outra pessoa que manda mais do que eu (risos). Que sempre tem uma pessoa que manda mais que a gente, mas eu vou ta vendo, porque quando o jornal chega na nossa casa, ele já foi lido por um milhão e meio de pessoas e elas já decidiram o que que elas querem que a gente pense daquilo que está passando. É meio egoísta este pensamento que eu vou falar, mas eu vou conhecer a verdade, eu vou saber o que está acontecendo, porque tá acontecendo, eu vou ta vivendo aquilo, eu vou tá aonde as coisas estão acontecendo, vou tá vendo uma rebelião. A minha terapeuta falava isso muito comigo, quando cismeí de fazer outros cursos. Eu tava, eu acho polícia lindo! Ela então, por que você não tenta uma prova para trabalhar não sei aonde? Não sei aonde eu não quero não! Eu quero ta lá dentro de delegacia, quero ta correndo atrás do preso (risos). Ela falava assim: -Não tem como você ter um ponto meio termo não? Você tem que ta entre, ou você não faz o curso ou você não faz a profissão, ou faz o pior dela. Se for fazer Direito, vai ser Direito Criminal. Se for fazer Biologia, vai ser Marinha, porque é longe, tudo muito intenso. Eu passei por uma escolha gigantesca do meu curso. Eu pensei em fazer Biologia, mas depois eu falei, olha eu quero mexer... não to preocupada se a árvore tem dez ou cem anos. Isso não é problema meu. É importante alguém que ache que esse problema é de todo mundo, mas esse alguém não sou eu. Eu não quero saber se o seu pai não é seu pai, a base genética, DNA. Não é prá mim Biologia. Por que? Porque eu não gosto de bicho. Prá começar minha história, eu tenho pânico de bicho. Um trauma antigo, desde pequenininha que um cachorro me mordeu, nunca mais nada, nenhum bicho. Galinheiro tem na casa da minha avó, não dou água porque eu tenho medo de entrar lá dentro com as galinhas (risos). Assim, tenho muito medo mesmo. E então,

Biologia não era prá mim e Administrativo nunca pensei também, Matemática, nunca foi uma coisa que eu quisesse mexer no meu dia a dia.

Sempre pensei na área de humanas e fui cair na Administrativa por um sonho que eu descobri que se for prá eu ir, eu vou fazer o que for, assim, se for da vontade de Deus eu ir, eu vou, eu não posso lutar contra. Quando eu era prá ir, deu o ataque às torres, e depois quando era prá eu ir, minha avó voltou. Aí depois quando era prá eu ir, meu pai morreu. Tudo quando era prá eu ir, eu não vou. Então eu não vou lutar prá isso, assim, eu tenho que ser feliz na minha profissão tando aqui ou tando lá. Então, se eu não estou gostando do curso, eu não posso fazer o curso só por isso. Porque se eu não estou gostando, não vou continuar o curso por isso. Então eu estou assim, bem envolvida, pensando muito mesmo se vou fazer Jornalismo, muito insegura com o mercado de trabalho, mas todo o mercado de trabalho hoje está complicado. Aí fica todo mundo, ah você está saindo de um curso maravilhoso, cheio de campo abrindo. Então, oh, vocês não sabem de nada, quem ganha dinheiro é o dono da empresa, tem um monte de desempregado também, não tá abrindo tanto igual vocês estão achando que estes postos estão abrindo, tá mais ou menos, mas não tá tanto igual vocês estão achando não. Pode tá abrindo todos que eu tenho uma teoria assim: você ganha dinheiro, você tem emprego, quando você é bom no que você faz, é o melhor, ou um dos melhores. Você só é o melhor ou um dos melhores, quando gosta de fazer o que você faz. Então eu vou ser a melhor Jornalista porque é o que eu amo, eu não vou ser a melhor Administradora em Comércio exterior porque não é o que eu gosto, eu nunca vou ser a melhor, porque não é o que eu gosto. E eu não quero fazer o esforço de estar fazendo uma coisa para alguém. Se tem a possibilidade, eu tá fazendo uma coisa que eu gosto, que eu amo, que é falar, ler, que eu amo, escrever que eu amo, passar a informação para as pessoas, que eu amo e fazer a diferença na vida das pessoas.

O que significou viver essa crise, até encontrar esse caminho que você relata?

Duas coisas , é muito difícil. A primeira é que hoje eu ainda olho prá mim no espelho e falo: -Não sei se é isto que eu quero. E a minha tia, que é psicopedagoga, fala comigo, você nunca vai saber. Por que? Porque a gente nunca sabe que a gente poderia ta escolhendo outro caminho. E me volta muito um texto muito lindo, quando eu tentei vestibular, eu ganhei no cursinho, do Luiz Fernando Veríssimo e que fala que a gente tem muitas faces, que ele tava num bar e se vê num monte, se eu tivesse feito isso e feito aquilo? E ela fala muito isso comigo. A vida inteira você vai pensar isso. Se você tivesse concluído Comércio Exterior, se você tivesse feito outro curso, se você tivesse ido embora para os Estados Unidos. Sempre você vai ter esta dúvida. Então, é uma coisa que... mas a

minha dúvida de certa forma é maior. É o medo de errar de novo. É muito grande. Foram sentimentos muito misturados, porque era um momento todo horrível. Eu descobri num momento horrível da minha vida, assim. Eu já tava muito triste com a perda do meu pai, assim, super conformada, sabia que não tinha nada a se fazer além de me permitir viver aquela dor, naquele momento de angústia de estar no lugar errado. Eu fiz a minha escolha. Eu to sofrendo, olha que coisa mais horrorosa de se pensar. Eu to sofrendo uma dor, e chorava, quantas vezes eu chorei por causa desse curso. Falei, gente, que que eu estou fazendo aqui! E eu chorava, e a culpa era minha! Eu to sofrendo e a culpa é minha! Eu criei a minha dor. Eu fiz a escolha por estar num que ta me fazendo sofrer. Assim, meio que, eu to me machucando, assim sabe? É decepcionante saber que você não se conhece, você não sabe sobre você, sobre o seu desejo, sobre a sua escolha. É decepcionante. E eu briguei muito na minha casa. Ninguém gosta de mim. Porque meu irmão quando ele tentou (risos), todo mundo falou, vai! Eu fui uma que fiquei sem conversar com ele. Você está tentando Educação Física? Sua vida inteira foi fazer Publicidade e agora você cisma com Educação Física só porque o papai ta fazendo. Meu pai tava fazendo faculdade de Educação Física e os dois programaram um monte de coisa junto. E a minha família inteira, nossa não sei porque você ta tentando isso! Tem certeza? Todo mundo ajudando ele e ele não queria ajuda (risos). Eu queria e ninguém me ajudou. Tipo assim, eu fiquei muito irritada, assim, mas a todo momento eu via que é porque todo mundo sabia que ele tava fazendo aquela escolha por causa do meu pai. Tanto é que fechou o semestre depois que o meu pai faleceu, ele nem trancou a matrícula, ele mudou de curso. Tentou vestibular de novo e está fazendo Publicidade. E eu quero ajuda! Ninguém me ajuda! Eu falava com a minha avó, e a minha avó me xingava. Me xingava prá eu parar de perguntar porque ela não ia me ajudar, que aquilo era uma escolha minha, que eu tinha que encontrar o meu caminho. O caminho era meu e eu ficava imaginando. A minha mãe falava: - Pensa quantos pais não obrigam os filhos a fazer uma faculdade? Eu falei, eu preferia que alguém tivesse me obrigado, porque aí eu estaria odiando, odiando e eu estaria ali por causa do meu pai e da minha mãe que me obrigaram. A responsabilidade é deles, eles é que me obrigaram a ir. Era isso que eu estava sentindo. Se alguém me tivesse feito sentar nessa cadeira para vim estudar, ótimo, eu terminava o curso feliz, porque eu tava triste porque a escolha era minha. Eu tava fazendo uma coisa que eu não gostava, e eu fiz a escolha, o “X” na hora da prova foi meu. A inscrição fui eu que fiz, ninguém me obrigou, não tinha ninguém me ameaçando (risos). Foi a primeira escolha importante que eu fiz na minha vida, foi a primeira vez que eu assumi... Eu era nova, nunca tinha trabalhado. Meus pais se

separaram eu era muito nova. Cuidava da minha casa, do meu irmão, ia prá escola, eu sempre fui totalmente metida a saber tudo. Até hoje, a hora que a gente briga, minha mãe fala: Ah, o seu problema é que você está sempre certa, você sempre sabe tudo! Imagina, a sempre certa, a que sabe tudo, não sabe o que quer prá ela? Aí, meu primo que estava nos Estados Unidos voltou. Ganhou bolsa de estudos lá, trabalhava na faculdade e ainda ganhava dinheiro, tinha casa, um carrão e eu to, ah gente, que raiva que as oportunidades não vêm prá mim! Eu doída prá ir, e ele volta! O meu irmão vai para a Aeronáutica e consegue se dispensar da Aeronáutica porque ele não queria mais. Fiquei um mês sem conversar com ele. A coisa mais linda do mundo é farda, acho maravilhoso! Seguir carreira, ficava brincando com ele que ia arrumar um namorado prá mim lá (risos). Aí, ele sai da Aeronáutica! Ai meu Deus e eu não posso entrar! Na verdade também eu não sei tanto se queria entrar prá lá. Eu me via vendo o que era bom para os outros e eu sei tudo o que é bom para os outros e prá mim? Que legal, o meu primo veio embora, ta errado, ta sem emprego aqui, ta sofrendo? Bem feito, eu avisei prá ele que o bom prá ele era lá. Eu sei que é bom para ele, o que é bom para o meu irmão. E prá mim? E prá mim, o que que é bom prá mim? Eu estou insegura. Eu fiz a opção de pensar mais, de fazer esta escolha com mais propriedade, com mais maturidade. Eu não quero... acabou o semestre agora, eu podia ta pedindo uma reopção de curso agora. Mas será que eu preciso pedir uma reopção de curso só para não ficar sem estudar? Que desespero da minha mãe é eu ficar sem estudar. Ah, filhinha! Depois para você voltar... não sei o quê! Não quero. Não quero. Eu quero escolher, eu sei que vai ser uma profissão que vai ter coisa chata, eu sei... eu nunca imaginei que eu fosse entrar numa profissão que fosse um mar de rosas, mas eu quero que valha a pena os desafios, coisa que eu não vejo no Comércio Exterior prá mim. È um curso lindo, bonitinho, mas não é prá mim. Eu tô buscando o que seja bom prá mim.

Entrevista 03

Idade: 21 anos

Sexo: Feminino

Local de realização da entrevista: Residência da entrevistada

Antes de efetuar a sua escolha profissional, você vivenciou todo um processo para que esta se realizasse. De repente você descobriu que não fez a escolha correta e passou então a viver uma fase difícil em relação a esta temática, uma crise poderíamos assim chamar. Você poderia descrever esta situação?

Porque eu sempre quis a área da saúde, sempre. Desde que eu me entendo por gente, eu queria a área da saúde. Aí depois do 2º grau, terceiro ano que vem aquela hora que você decidi, o que que eu vou fazer no final do ano, todo mundo, minha mãe, minha avó, todo mundo via que eu gostava de imprevisito, dessas coisas assim que eu sei que eu não vou chegar lá no escritório e tem que carimbar papel, assinar e tudo, eu nunca gostei disso, eu nunca fui assim. Gosto muito de sair, viajar e tal e todo mundo falou comigo: - Por que você não faz Turismo?

Eu nunca tinha pensado tinha pensado nesta possibilidade até o 3º ano, eu sempre quis fazer a área da saúde e no final do ano eu tentei Medicina na UFMG e Turismo na Newton Paiva. Turismo era uma coisa nova, nunca pensei em fazer Turismo na vida. Aí eu não passei em Medicina e fui fazer Turismo.

O que eu achei um barato foi terminar o 3º ano e entrar direto na faculdade, então eu falei não vou fazer cursinho, vou formar cedo, porque eu entrei um ano mais cedo na escola, então eu agora estou com 21 anos e era para eu ta formando. Ia formar nova, então achei um barato. Nossa! To entrando na faculdade direto, foi super tranquilo. Na hora que eu cheguei lá, começaram as aulas, mas assim, com uns dois meses de curso foi surgindo um sentimento de frustração, fui começando a ficar assim... Pô gente! Eu sempre quis a área de saúde e isto daqui não está me completando. Imagina a sensação de não estar me completando, não estar me satisfazendo o curso e vem um pouco de decepção com você mesmo. Sonhei a vida inteira em estudar anatomia, estudar fisiologia, estudar isto e aquilo e eu não estou estudando nada disso. Estou estudando coisas que nunca passaram pela minha cabeça e eu ficava meio chateada, aborrecida, meio frustrada. Custava a pagar a minha faculdade, desprendia dinheiro e eu vou ter que abandonar e tal. Aí o que

aconteceu? Nunca tinha pensado em Enfermagem, eu achava que Enfermagem era dar banho nos outros, aquela coisa assim... vou desprender um dinheiro, caso não passasse na Federal, vou desprender um dinheiro, ficar quatro anos na faculdade para aprender a dar banho nos outros. E a minha mãe de novo começou a falar, já que Medicina fica mais complicado para passar, porque que você não tenta Enfermagem. Não, Deus que me livre, tô fazendo Turismo. Aí, foi só a minha mãe falar e eu comecei a procurar um monte de coisa da Enfermagem. O que você estuda no curso, o que o curso vai te dar, o que você pode fazer como enfermeiro. Comecei a olhar um monte de coisa assim, sabe. Eu falei assim: - Nossa, dá para fazer um monte de coisa legal dentro da Enfermagem. Eu fui quebrando aquela coisa preconceituosa que eu tinha da Enfermagem. Aí quando foi chegando o fim do 1º período, eu falei com a mamãe que eu queria trancar e tentar Enfermagem. Aí eu já tinha mudado, não era mais Medicina, era Enfermagem. E prá minha sorte, ela me deu o maior apoio. Falou se é isso que você quer, nós vamos trancar, e eu meio preocupada porque já tinha desprendido bastante dinheiro. Ela, não! Vamos trancar, antes agora do que você fazer mais um, dois períodos, e que você vai perder tempo, nós vamos perder dinheiro e você vai ficar frustrada. Aí foi o que eu fiz, tranquei no Turismo e fiquei um semestre estudando e no final do ano foi que eu tentei nas três faculdades de Enfermagem e não passei em nenhuma das três, mas continuei com a idéia da Enfermagem. Foi até bom esse período que eu não passei, porque eu busquei mais ainda, e aí fiquei com mais vontade e falei eu quero isto de qualquer maneira e aí foi que no outro semestre eu estudei e tentei só na PUC. Desta vez eu passei. Entrei com outros olhos, foi completamente diferente a experiência do Turismo. A satisfação de você estar realizando aquilo que você queria desde muito tempo atrás, de estudar anatomia... uma coisa que eu sempre quis. De repente eu estava lá estudando! Então prá mim foi muito bom. Não me arrependo nenhum pouco de ter saído do Turismo. Nenhum pouco. Tirei experiência do Turismo. É muito diferente o curso. Primeiro a começar por quem faz, o perfil das pessoas. Na minha sala de Enfermagem nós somos sessenta mulheres e cinco homens. No Turismo não! Você tinha metade, metade, meninos mais despojados e tal! E na Enfermagem são mais sérios, mais ultrapassados. No Turismo todo mundo era muito louco, todo mundo... Eu gostei de ter feito este período. Alguns momentos dentro da Enfermagem eu já pensei em sair, eu também já passei por essa crise, largar Enfermagem e tentar Medicina. Por que? Porque talvez a Enfermagem não tem a autonomia que eu queria. Eu já pensei em mudar de novo. Não mudar, virar assim e falar vou trancar e não

quero mais saber. É formar e depois talvez tentar buscar a Medicina. Agora o que que eu quero? Quero formar, tentar um concurso, sei lá, alguma coisa, trabalhar no resgate.

Talvez por esta falta de autonomia eu ainda fico um pouco querendo mais. Mas eu estou satisfeita, não me arrependo de ter largado o Turismo.

Você acha que faltou alguma coisa para efetuar a sua escolha, quando estava terminando o 3º ano?

Eu acho que a gente fica muito vulnerável no 3º ano. Eu vinha sempre com esta idéia da área de saúde, mais especificamente Medicina. Sempre mesmo, sempre mesmo eu gostei de Biologia, Química. Qualquer coisa que tinha Física, não era comigo mesmo. Detestava. Então, quando eu cheguei no 3º ano, eu não fiz o integrado, fiz o regular. O integrado era por área, área de humanas, saúde, exatas, e eu não fiz. Fiz o regular. Então tinha gente que queria fazer um monte de curso, não era só gente que queria fazer área de saúde e tal, tal, tal. E acredito até que isto tenha influenciado um pouco porque se eu tivesse entrado desde o 3º ano numa coisa que era só para saúde, com certeza eu não tinha entrado no Turismo, com toda certeza eu teria feito só Medicina. E como eu fiz o regular, e você tem convivência com todo mundo que quer Matemática, Direito, Medicina também, toda misturada, vou lá também tentar Turismo! Entendeu? Acho que talvez isso foi influência do 3º ano, ter feito o regular. Acho que quando você faz um 3º ano específico, voltado para uma área, você não sai daquilo mais não.

Aqui em casa é uma coisa muito legal. A minha mãe não é de colocar cabresto não. Ela fala você vai e tenta, se você não gostar, tem como você voltar atrás. Então a gente tem muita liberdade, eu não fiquei muito presa assim, eu vou lá fazer Medicina porque tal, todo mundo da minha família quer e já falei que vou fazer. Não. A gente aqui é muito light. Então, assim, você vai faz Turismo, faz Medicina. Se não passar, você tenta um, tenta outro.

Dentro da Enfermagem a minha mãe várias vezes perguntou, se você quiser, você troca. Aqui em casa nunca teve disso. No meu caso, foram dois cursos totalmente diferentes. Não foi escolher entre Odonto e Medicina. Não foi. Foi um curso completamente diferente, uma outra área, outra coisa, outras matérias. Eu não sei o que aconteceu. Eu entrava ali e eu tinha uma sensação de limite, ali não era o meu lugar, sabe? Eu falei: - Não! Isto daqui não é prá mim. Entrei no 2º grau, no período de colégio mesmo, quando eu estava estudando Biologia, estudando Sistemas, eu dava aula para os meninos da minha sala, porque eu estudava tanto, gostava tanto, e com a minha turminha, quando

era prova, a gente estudava junto. Eu passava. E aí quando eu entrei no Turismo comecei a ver Estrutura da Organização do Turismo, foi uma coisa meio decepcionante mesmo. Filosofia todo curso tem, eu consegui eliminar na PUC. Foi a única matéria. Estudava História da Arte, olha só! Não tinha nada a ver. Não me lembro nem das matérias. Falei assim: - Não! Não é! Tinha certeza de que não era o que eu queria. Foi bom que eu larguei logo no final do 1º período, fui tentar mais rápido. Se eu tivesse ficado uns dois anos, acaba que você vai desanimando também. Eu tinha certeza que não ia continuar no Turismo, mas fiz um primeiro período muito bem feito. Não fui daquelas que abandonei o curso. Continuei indo às aulas, fiz bem feito em termos de notas, estudar. Eu estava lá, mas a minha cabeça estava aqui. Não era aquela imagem de faculdade que eu tinha. Quando eu entrei, quebrou aquela imagem que eu tinha. Quando você está no 3º ano, você tem uma imagem, eu vou, vou achar o maior barato, vou por guardapó, vou mexer em cadáver e tal. Eu ficava meio assim pensando mesmo nisso (risos). Aí eu fiquei assim, e aí? Cadê o cadáver? (risos). Foi mais ou menos isso, E aí eu falei: - Não! Deixa eu correr. Não é... Até faria sabe. Achei um curso gostoso, não é um curso assim que você fica... não é um curso chato. Eu sempre quis desde pequena a área de saúde. Nunca fui daquelas que falava vou fazer Direito, vou fazer Engenharia, porque tem gente que é assim. Ah não! Eu acho que agora vou fazer Odonto. Não. Eu sempre quis, sempre, sempre, saúde. Às vezes a gente fica chateado com alguma coisa, mas eu posso fazer muita coisa que eu sempre quis dentro da Enfermagem, como a emergência, para mim é *top* de linha! É isso.

Nome do arquivo: dissertação completa
Pasta: C:\Documents and Settings\Administrador\Meus
documentos\Atendimento Gori\pdf
Modelo: C:\Documents and Settings\Administrador\Dados de
aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: A CRISE DO JOVEM UNIVERSITÁRIO DIANTE DE
UMA NOVA ESCOLHA PROFISSIONAL
Assunto:
Autor: Adenauer
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 13/7/2006 13:15:00
Número de alterações:5
Última gravação: 13/7/2006 13:21:00
Salvo por: USER
Tempo total de edição: 4 Minutos
Última impressão: 13/7/2006 13:22:00
Como a última impressão
Número de páginas: 144
Número de palavras: 45.207 (aprox.)
Número de caracteres: 220.161 (aprox.)